UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FaE
Programa de Pós - gradação em Educação

ANNA DONATO GOMES TEIXEIRA

A SOCIALIZAÇÃO EM GRUPOS RELIGIOSOS CATÓLICOS: REPERCUSSÕES NAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES LONGEVAS NOS MEIOS POPULARES

Belo Horizonte
2012

ANNA DONATO GOMES TEIXEIRA

A SOCIALIZAÇÃO EM GRUPOS RELIGIOSOS CATÓLICOS: REPERCUSSÕES NAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES LONGEVAS NOS MEIOS POPULARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade Educação (FaE), da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação Escolar: Instituições, Sujeitos e Currículo.

Orientadora: Profª. Dra. Maria José Braga Viana

Belo Horizonte
2012

Teixeira, Anna Donato Gomes.
T266s A socialização em grupos religiosos católicos [manuscrito]: repercussões nas trajetórias escolares longevas nos meios populares / Anna Donato Gomes Teixeira. - UFMG/FaE, 2012.
T 150 f, enc,

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora : Maria José Braga Viana.
Bibliografia : f. 139-144.
Apêndices : f. 145-150.

1. Educação -- Teses. 2. Escolas -- Aspectos sociológicos -- Teses. 3. Socialização -- Teses. 4. Grupos sociais -- Teses. 5. Catolicismo -- Teses. Classes sociais – Teses.
I. Título. II. Viana, Maria José Braga. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.1934

Catalogação da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

ANNA DONATO GOMES TEIXEIRA

A SOCIALIZAÇÃO EM GRUPOS RELIGIOSOS CATÓLICOS: REPERCUSSÕES NAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES LONGEVAS NOS MEIOS POPULARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade Educação (FaE), da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Educação Escolar: Instituições, Sujeitos e Currículo.

Data de aprovação:

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dra. Maria José Braga Viana (Orientadora)
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

_____

Prof. Dra. Wânia Maria Guimarães Lacerda
Universidade Federal de Viçosa - UFV

_____

Prof. Dr. Claudio Marques Martins Nogueira
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

_____

Prof. Dra. Maria Alice Nogueira (SUPLENTE)
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

_____

Prof. Dra. Maria Teresa Gonzaga Alves (SUPLENTE)
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Este trabalho é dedicado aos jovens pobres que ousam desafiar todas as adversidades e estão dentro dos muros da universidade.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de uma rede tecida a várias mãos. Cada pessoa, por meio de sua generosidade possibilitou-me uma condição singular para que eu produzisse este trabalho. Aos que estiveram presente nesta trajetória, agradeço de coração. Citar todos os nomes seria impossível, mas gostaria de registrar algumas palavras de gratidão:

À minha orientadora, Dra. Maria José Braga Viana, pela orientação competente, pelo apoio e confiança depositados em mim desde o meu ingresso na pós-graduação, minha consideração por ter me acolhido e respeitado o meu particular processo de construção intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, por me oportunizar discussões teóricas importantes para a estruturação da pesquisa. Agradeço, especialmente, ao professor João Valdir, parecerista do meu projeto de pesquisa.

Aos professores Claudio Nogueira e Wânia Lacerda pela disponibilidade em contribuir na Banca de Defesa da dissertação.

Aos colegas Marília, Ilma, Beatriz Falcão, Flávia, Marinho e Mariana Canaã, pelos saberes compartilhados e pelo caloroso acolhimento mineiro.

A Giane, companheira e incentivadora, que sempre esteve presente acolhendo afetivamente as minhas angústias e indicando novos caminhos.

A todos os colegas do CEEP e da UNEB - Campus XII/Guanambi, pela torcida, incentivo e apoio.

A Taty, pelas leituras e releituras do material, e pela presença cuidadosa e constante.

À Universidade do Estado da Bahia e à Secretaria de Educação, por permitirem o meu afastamento das atividades docentes para que a dedicação ao Mestrado fosse mais intensa.

Aos grupos e comunidades religiosas da Paróquia de Santo Antônio, pela colaboração e incentivo. Também pela oportunidade de formação humana e cristã que me foram oferecidas.

Aos jovens entrevistados, que confiaram suas trajetórias de vida, angústias e conquistas, por meio das quais pude reviver meus tempos de jovem *pjoteira*.

À minha família extensa, que trilhou comigo este caminho. Minha mãe, Cina, pelo afeto incondicional; ao meu saudoso pai, pela satisfação em me ver enveredar pelos caminhos da universidade; ao meu irmão, Sergio, pelo incentivo e ajuda nos momentos necessários; aos queridos sobrinhos Pedro, Otávio e Gugu, que mesmo sem compreenderem tanta ausência, pacientemente, aguardaram o retorno da tia “Dodó”.

À minha filha, Mazzy, razão de todo o meu esforço, pelo interesse pelo meu trabalho e por caminhar comigo neste período de tensão e alegrias; e ao meu esposo, Mazão, pela compreensão de minhas ausências e por me confortar nos momentos mais delicados. Vocês são a minha luz!

E, por fim, agradeço ao jovem Jesus Cristo, que, com seu modo singular de viver, nos apresentou um Deus, Pai Zeloso, que nos carrega em seus braços, sempre!

A essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo considerado à parte. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais.

(K. Marx – 6ª tese sobre Fauerbach)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a influência da inserção em grupos religiosos católicos na constituição de percursos escolares longevos de estudantes universitários de origem popular. Os sujeitos da pesquisa foram quinze graduandos dos variados cursos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - que frequentam grupos religiosos católicos na Diocese de Caetité – Bahia. Para alcançar os objetivos propostos pelo trabalho, adotou-se uma metodologia fundamentada nos pressupostos qualitativos de pesquisa e utilizou-se como técnica de coleta de dados a entrevista semi-estruturada e a análise documental. A análise dos dados apoiou-se no diálogo com autores que discutem a socialização do indivíduo (BOURDIEU, 1998, 2001; ELIAS, 1994; LAHIRE, 2002, 2007) e que pesquisam a longevidade escolar nos meios populares (LAURENS, 1992; VIANA, 2007; LACERDA, 2006; SOUZA e SILVA, 2003; PORTES, 1993, 2001; SOUZA, M., 2009; ZAGO, 2005). Os resultados obtidos revelam que as experiências socializadoras vivenciadas pelos jovens nos grupos religiosos se constituem fator de significativa influência na definição de uma escolarização de sucesso. A interpretação das trajetórias escolares, realizada a partir de análise transversal e na verticalização de um caso, permitiu constatar que a inserção desses jovens em grupos religiosos católicos possibilitou uma tessitura de condições favoráveis à longevidade escolar. Condições materiais e subjetivas, advindas da ampliação de uma rede de relações interdependentes, permitiram a construção e atualização de disposições sociais ligadas ao conhecimento de si, à autoestima, ao comprometimento social, à autonomia e planificação, bem como disposições ligadas ao horizonte temporal de futuro, importantes recursos para a escolarização longeva.

Palavras-chave: Longevidade escolar. Patrimônio de disposições. Processos de socialização. Grupos religiosos católicos. Camadas populares.

ABSTRACT

This research aims at understanding the influence of integration to Catholic religious groups in the formation of longevity education pathways of popular origin university students. The subjects were fifteen graduates of different lectures at the Universidade do Estado da Bahia – UNEB – attending Catholic religious groups at the Diocese of Caetité - Bahia. To achieve the proposed objectives for the work a methodology based on the qualitative assumptions of research, were adopted and for data collection semi-structured interviews and documentary analysis were used as technique. Data analysis relied on dialogue with authors who discuss the socialization of the subject (BOURDIEU, 1998, 2001; ELIAS, 1994; LAHIRE, 2002, 2007) and research the school longevity in popular media (LAURENS, 1992; VIANA, 2007; LACERDA, 2006; SOUZA e SILVA, 2003; PORTES, 1993, 2001; SOUZA, M., 2009, ZAGO, 2005). The results show that the socializing experiences experienced by young people in religious groups constitute a significant factor of influence on the definition of a successful education pathway. Of an interpretation of these education pathway histories, made from the vertical analysis of cases and cross-sectional analysis of one case in particular, it was established that the inclusion of them in Catholic religious groups provided a framing of favorable conditions for extended learning. Material and subjective conditions, arising from the expansion of a network of interdependent relationships, allowed the construction and upgrading of certain social legislation relating to knowledge of self, the self-esteem, social impairment, autonomy and planning, as well as provisions related to the horizon of the future are important resources for the longevity of education.

Keywords: Extended learning. Equity arrangements. Processes of socialization. Religious groups. Popular classes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da matrícula na Educação Superior de graduação: total e por categoria administrativa (Brasil – 1980/2010)..... 21
Gráfico 2 – Motivos para escolha do curso superior 74
Gráfico 3 – Tentativas de ingresso na Educação Superior..... 78

MAPAS

Mapa 1 – Localização da Diocese de Caetité – Bahia 41
Mapa 2 – Localização dos *campi* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB 49

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Concorrência vestibular da UNEB nos Campus XII e VI 52

LISTA DE SIGLAS

AC	Ação Católica
ACE	Ação Católica Especializada
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEEP	Centro Estadual de Educação Profissional
CELAN	Conselho Episcopal Latino – Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DCHT	Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia
DEDC	Departamento de Educação
DNC	Diretório Nacional da Catequese
EAC	Encontro de Adolescentes com Cristo
EAD	Educação à Distância
ECC	Encontro de Casais com Cristo
EJA	educação de Jovens e Adultos
FaE	Faculdade de Educação
FAEG	Faculdade de Educação de Guanambi
FG	Faculdade Guanambi
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
IAM	Infância e Adolescência Missionária
IAT	Instituto Anísio Teixeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEL	Instituto Euvaldo Lodi
IF Baiano	Instituto Federal Baiano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
JAC	Juventude Agrária Católica
JBC	Jovens em Busca de Conhecimento
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JOTA	Juventude, Oração, Trabalho, Amizade
JUBAP	Jovens Unidos Buscando Amor e Paz
JUC	Juventude Universitária Católica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MAC	Movimento da Amizade Cristã
MEBIC	Movimento de Educação de Base de Iniciativa Católica
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MEJ	Movimento Eucarístico Jovem
PAE	Programa de Assistência ao Estudante
PAMEN	Pastoral do Menor
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação

PJ	Pastoral da Juventude
PJB	Pastoral da Juventude do Brasil
PJE	Pastoral da Juventude Estudantil
PJMP	Pastoral da Juventude do Meio Popular
PJR	Pastoral de Juventude Rural
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
POM	Pontifícias Obras Missionárias
PROESP	Programa Especial de Formação para Professores
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RCC	Renovação Carismática Católica
RECIVIDA	Reciclando e Educando para a Vida
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEC/BA	Secretaria Estadual de Educação da Bahia
SSVP	Sociedade de São Vicente de Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO 1. O FENÔMENO DA LONGEVIDADE ESCOLAR EM MEIOS POPULARES A PARTIR DA INSERÇÃO DOS JOVENS EM GRUPOS RELIGIOSOS CATÓLICOS 19

1.1 O Fenômeno da Longevidade Escolar em Meios Populares: os estudos disponíveis e a escolha dos grupos religiosos como campo empírico 19

1.2 A Teoria Disposicionalista e Contextualista da Ação 28

1.2.1 Os processos de socialização 29

1.2.2 A constituição de disposições 35

1.2.3 A estrutura de patrimônio 36

1.3 O Grupo Religioso: espaço de possibilidade de escolarização longeva 38

CAPÍTULO 2. PERCURSOS METODOLÓGICOS 40

2.1 Situando o Campo de Pesquisa 40

2.1.1 Os grupos religiosos da Diocese de Caetité 40

2.1.2 A Universidade do Estado da Bahia 48

2.2 Os Sujeitos da Pesquisa 53

2.3 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados 54

CAPÍTULO 3. O PERCURSO ESCOLAR DOS JOVENS ENTREVISTADOS 59

3.1 Breves Perfis dos Entrevistados 59

3.2 A Trajetória na Escolarização Básica 68

3.2.1 O desempenho escolar 69

3.2.2 O percurso em escolas de qualidade 71

3.3 O Acesso à Universidade 72

3.3.1 Escolha e permanência no curso 72

3.3.2 O vestibular: desafios, alegrias e frustrações 78

3.3.3 A entrada na universidade e a responsabilidade social para com a comunidade 83

CAPÍTULO 4. A SOCIALIZAÇÃO NOS GRUPOS RELIGIOSOS: CONSTITUIÇÃO DE CONDIÇÕES PARA A LONGEVIDADE ESCOLAR 86

4.1 As Condições de Formação das Disposições 86

4.2 A Sociabilidade nos Grupos de Jovens Católicos 90

4.3 Inserção em Grupos Religiosos: tessitura de condições subjetivas para uma escolarização prolongada 95

4.3.1 Aprendizagens ligadas ao conhecimento de si e à autoestima que contribuem para o desejo de um futuro de sucesso 97

4.3.2 Disposições ligadas ao horizonte temporal de futuro 99

4.3.3 Disposições ligadas ao comprometimento 106

4.3.4 Disposição à autonomia e à planificação: uma boa parceria para o sucesso escolar 110
4.4 Atividades práticas de leitura e escrita como contexto mobilizador de algumas disposições escolares 112
4.5 Condições Materiais e Ampliação da Rede de Relações Oportunizadas pelos Grupos Religiosos: importantes recursos para a escolarização prolongada 117

CAPÍTULO 5. VANESSA: A MENINA DOS OLHOS DE DEUS 123
5.1 Trajetória Escolar de Vanessa 124
5.2 A Igreja: espaço de realização pessoal 126
5.3 Horizonte Temporal de Futuro: o "empurrãozinho" da Pastoral da Juventude 127
5.4 A Inserção nos Grupos Religiosos Católicos: travessia para outro lugar cultural e social? 130
5.5 Uma Configuração Singular 132

CONSIDERAÇÕES FINAIS 134

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 139

APÊNDICES 145

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como foco as repercussões da inserção em grupos religiosos católicos nas trajetórias escolares de jovens de origem popular que chegaram à universidade e que constituem o que se entende, nesta pesquisa, por longevidade escolar. São jovens caracterizados como "exceções", pois seu ingresso na universidade é considerado como estatisticamente improvável nas pesquisas sobre o acesso e permanência das camadas populares ao ensino superior.

O envolvimento com o tema é resultante do meu trabalho, como docente, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB[1], Campus XII em Guanambi-Bahia[2] e por estar inserida, desde a juventude, em grupos religiosos católicos na Diocese de Caetité-Bahia. Desde que ingressei na UNEB, como docente, intrigava-me a atuação de alguns jovens que se destacavam em relação aos demais, quando discutiam conteúdos teóricos propostos pelas disciplinas, na apresentação de trabalhos orais, na redação de trabalhos escritos e na convivência com os demais colegas. Ao observar mais atentamente, percebia que estes jovens tinham uma ligação com grupos religiosos católicos e protestantes, o que me levou a pensar na questão central da pesquisa que deu origem a este trabalho: a socialização em grupos religiosos favorece a constituição de disposições, práticas e ações que podem ser facilitadoras de sucesso escolar de jovens das camadas populares? As conversas informais com colegas da referida universidade e com alunos que dizem agradecidos pelo que "a Igreja fez por eles" reforçaram a curiosidade e o interesse em estudar a possível relação entre socialização em grupos religiosos e longevidade escolar de jovens das camadas populares.

Na Universidade do Estado da Bahia – UNEB – nota-se uma presença significativa de estudantes das camadas populares que têm/tiveram sua formação religiosa dentro das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e das pastorais sociais (Pastoral da Juventude, Pastoral do Menor, Pastoral da Catequese). Constato este fato quando participo dos momentos de formação e de culto na comunidade católica a qual estou ligada e encontro alunos da

[1] A Universidade do Estado da Bahia é uma das quatro instituições de ensino superior mantidas pelo governo do Estado da Bahia. Estruturada no sistema de multicampia, ela possui 29 departamentos. O Campus XII, denominado *Departamento de Educação de Guanambi*, está instalado no município de mesmo nome.

[2] Guanambi está localizada no sudoeste baiano, a 796 km da capital. Sua população é de 78.801 habitantes, segundo dados do último censo 2010. Destes, 50.000 habitam na sede e 30.000 na zona rural.

universidade onde trabalho como docente. Estes jovens participam ativamente de sua comunidade religiosa como coordenadores de grupo de jovens, líderes de comunidades de bairros e comunidades rurais. A convivência e a participação nestes grupos religiosos podem ser significativas para a sua formação pessoal e educacional, pois, segundo Souza (2007), este tipo de organização comunitária de forte presença no Brasil, sobretudo na segunda metade do século XX, procura realizar uma mobilização social voltada para superar problemas sociais, econômicos, políticos e pedagógicos. Em recente pesquisa com universitários da UNEB, Marques (2010) aponta a Igreja Católica (Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, Comissão Pastoral da Terra – CPT e Pastoral da Juventude – PJ) como importante elemento de formação social. Uma das educadoras de base da Comissão Pastoral da Terra – de nome fictício Marmatos – relata que, por conta do envolvimento nestes movimentos, viajou para vários lugares do Brasil e também para outros países e afirma: *"... essa experiência que você adquire em cada momento desses é uma riqueza. E ajuda muito" (p.106).* Em pesquisa desenvolvida com famílias protestantes com filhos matriculados na Educação Básica, Montezano (2006) apresenta a prática religiosa e familiar como fundamentais fatores socializadores envolvidos no processo de rendimento escolar favorável.

O campo da Sociologia da Educação também tem produzido conhecimentos que apontam para a importância de se considerarem os processos de socialização como condições facilitadoras trajetórias escolares longevas nos meios populares. Em estudos recentes, pesquisadores brasileiros e de outros países, especialmente franceses, têm mostrado que, apesar de fracas chances, sujeitos pertencentes às camadas populares realizam trajetórias escolares longevas, com o ingresso no ensino superior. O acesso a níveis cada vez maiores de escolarização é dificultado, para estes sujeitos porque o ensino superior brasileiro é caracterizado pela seletividade e por uma persistente desigualdade de acesso (SOUZA, M., 2009).

No Brasil, as pesquisas realizadas com o objetivo de conhecer as condições que possibilitam os jovens oriundos das camadas populares o acesso à universidade apontam como elementos constituidores desses percursos escolares atípicos a presença de uma rede de socialização que, entre outras influências, colaboram para a construção de disposições individuais favoráveis ao jogo escolar. Estas disposições, segundo Lahire (2004, prólogo XI), "são produtos de experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais" com os quais o

indivíduo estabelece vínculos específicos e constrói sua história singular social. As pesquisas apresentam a rede de relações sociais como fator que colabora para a longevidade escolar dos sujeitos investigados e funcionam como elemento de apoio, influência ou informação (PORTES, 1993, 2001), como estímulo e modelo (PIOTTO, 2007; ALMEIDA, 2006), como oportunidades exteriores ao universo familiar (VIANA, 2007) ou fonte de interiorização de novos *habitus* (SOUZA e SILVA, 2003). Convém salientar, contudo, que o problema destas pesquisas não esteve centrado nestas redes de apoio, mas nos elementos gerais constituidores de trajetórias escolares improváveis.

Considera-se que o foco nas práticas de socialização que ocorrem nos grupos religiosos, seja uma forma de inovar e fazer avançar o campo da pesquisa sobre trajetórias de sucesso nas camadas populares. Nessa nossa proposta, algumas questões são elencadas. São construídas disposições nestes grupos religiosos que possibilitam a determinados indivíduos das camadas populares realizarem trajetórias escolares longevas? Como esses jovens entram em contato com estas redes de relações? Que tipo de apoio ou oportunidade diferenciada, os grupos religiosos podem oferecer a estes jovens que lhes facilitem o acesso e permanência à/na universidade?

Assim, para responder às questões explicitadas, analisou-se a trajetória escolar de quinze jovens das camadas populares que têm (ou tiveram) participação ativa em grupos religiosos. Visou-se compreender se o envolvimento com estes grupos se constituiu em apoio, oportunidade e possibilidade de construção de algumas disposições favoráveis para o sucesso/longevidade escolar destes sujeitos.

Justifica-se, portanto, o estudo realizado, uma vez que o mesmo permite caracterizar os processos de socialização em grupos religiosos católicos e identificar algumas disposições construídas que contribuem para a escolaridade longeva de jovens de origem popular, o que pode motivar novos estudos sobre o acesso e permanência de jovens pobres no ensino superior no Brasil, considerando o patrimônio de disposições construídas nos diversos espaços de socialização.

* * *

A dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos. No primeiro, intitulado “O fenômeno da longevidade escolar em meios populares a partir da inserção em grupos

religiosos católicos", abordamos alguns estudos que tratam da longevidade escolar em meios populares; algumas noções ligadas à teoria disposicionalista da ação (disposição, socialização, estrutura de patrimônios), bem como estudos que relacionam religião e escolarização. Essas discussões contribuíram para situar e compreender o objeto desta pesquisa.

No segundo capítulo, nomeado "Percursos Metodológicos", explicitamos as orientações teórico-metodológicas que nortearam a pesquisa. Descrevemos, assim, o campo empírico, os sujeitos investigados e os procedimentos utilizados para coleta e análise dos dados.

No terceiro capítulo, denominado "O percurso escolar dos jovens entrevistados", traçamos um breve perfil de cada sujeito investigado e, depois, apresentamos os percursos escolares dos entrevistados na Educação Básica. Para isto, fizemos uma análise transversal de aspectos ligados ao desempenho escolar e ao caminho percorrido até a entrada na universidade.

No quarto capítulo, intitulado "A socialização nos grupos religiosos: constituição de condições para a longevidade escolar", procuramos analisar a presença dos grupos religiosos nas trajetórias escolares dos jovens. Neste sentido, evidenciam-se práticas em que aparecem disposições escolares e sociais favoráveis à escolarização longeva, bem como as oportunidades geradas nos grupos que poderiam favorecer a escolarização dos entrevistados.

No quinto capítulo, nomeado "Vanessa: a menina dos olhos de Deus", apresentamos a história de vida de uma entrevistada. Buscamos, na verticalização de um caso, analisar a configuração singular que possibilitou Vanessa chegar até à universidade.

Nas considerações finais, procuramos retomar de maneira sintética os objetivos e o itinerário da pesquisa e apresentar, a partir dos referenciais teórico-metodológicos utilizados, uma resposta, sempre parcial, à indagação sobre a relação entre socialização em grupos religiosos católicos e longevidade escolar nos meios populares.

CAPÍTULO 1:
O FENÔMENO DA LONGEVIDADE ESCOLAR EM MEIOS POPULARES A PARTIR DA INSERÇÃO DOS JOVENS EM GRUPOS RELIGIOSOS CATÓLICOS

Neste capítulo, abordamos diferentes estudos que tratam da longevidade escolar em famílias dos meios populares. As referências aqui utilizadas ajudam a entender o objeto deste estudo – a construção de disposições favoráveis à longevidade escolar a partir da inserção nos grupos religiosos católicos – pois consideramos que o mesmo poderá ser melhor compreendido se o vincularmos a uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação, defendida, entre outros, por Lahire (2002, 2004, 2010). Nesta perspectiva, a discussão sobre noções de socialização, disposição, interdependência e estrutura de patrimônios se tornam pertinentes.

1.1 O Fenômeno da Longevidade Escolar em Meios Populares: os estudos disponíveis e a escolha dos grupos religiosos como campo empírico

O caminho que um estudante percorre para chegar à universidade pode ser tranquilo, natural, ou fazer parte de uma árdua história de conquistas. Segundo Bourdieu (1998), os filhos das classes detentoras de capital econômico e cultural, desde pequenos, são preparados para assumir as posições dos pais e a escolarização é quase sempre um processo natural; eles vivem na escola uma cultura natal. Para as camadas populares, no entanto, este percurso é dificultado porque os alunos estão inseridos em universos culturais familiares diferentes daqueles presenciados na escola e vivem uma relação de estranhamento devido à divergência entre disposições incorporadas nas socializações anteriores e o contexto escolar vivenciado. Parafraseando o poeta sevilhano Antonio Machado, para os jovens das camadas populares o caminho até a universidade se faz ao caminhar. Os jovens oriundos das camadas populares são ainda exceções em ambientes universitários quando se consideram, principalmente, os cursos de maior prestígio em universidades públicas e privadas.

Com mais de 26,7 milhões de jovens com idade entre 18 e 24 anos[3] e uma taxa de escolarização bruta[4] do ensino a 19% (cinco milhões de matrículas), o Brasil é considerado,

[3] Dados do MEC/Inep 2012.

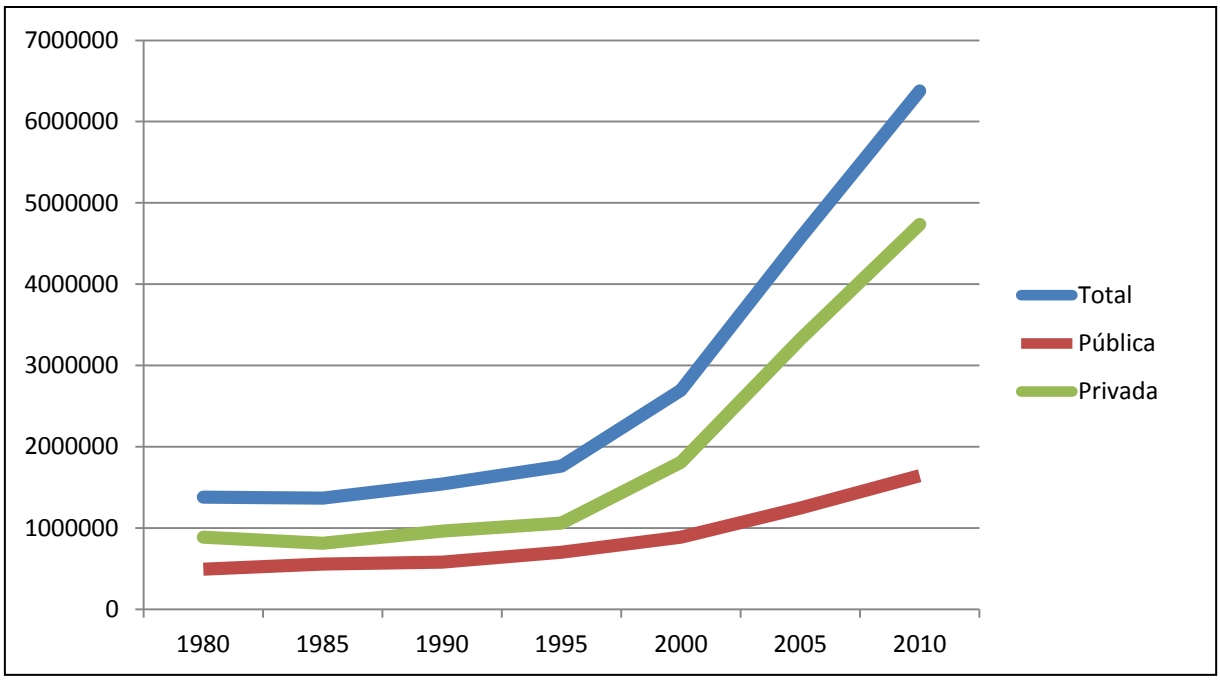
segundo a classificação elaborada por Martin Trow (apud GOMES e MORAES, 2009), um país com um sistema de ensino superior em transição do sistema de elite para o sistema de massa. Descreve-se como de elite um sistema cuja escolarização bruta não ultrapassa 15% e como de massa um sistema que fica entre 15% e 50%. É considerado universal o sistema que compreende mais de 50% da população na faixa etária correspondente.

> O sistema de massa é definido, entre outras características, por atender entre 16% e 50% do grupo etário relevante, estando plenamente consolidado em relação ao sistema de elite quando passa a admitir mais de 30% das matrículas do corte de jovens de 18 a 24 anos (GOMES E MORAES, 2009, p. 4).

Quando olhamos a taxa de escolarização bruta definida para o Nordeste (9,5%) e, especificamente, para a Bahia (taxa bruta a 10,5%) – campo específico da pesquisa apresentada – veremos que em relação ao Brasil, a situação ainda é mais preocupante. Isto porque o Ensino Superior ainda pode ser caracterizado como sistema de elite, com um número bastante reduzido de jovens matriculados nos Institutos de Ensino Superior desta região e deste Estado. Entretanto, quando se observa a evolução do número de matrículas na Educação Superior no Brasil (*vide em Gráfico 1*), podemos verificar que houve uma expansão do número de estudantes matriculados no Ensino Superior nas últimas décadas, principalmente, a partir de políticas públicas empreendidas pelos governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e Luís Inácio Lula da Silva (LULA). É válido ressaltar que a implementação destas políticas, no geral, favoreceram a ampliação do número de vagas em estabelecimentos privados em detrimento das instituições públicas, como se pode constatar por meio dos dados apresentados pelo Gráfico 1:

[4] Razão entre o total de matrículas na Educação Superior e a população na faixa etária correspondente (18 a 24 anos).

Gráfico 1 – Evolução da matrícula na Educação Superior de graduação: total e por categoria administrativa (Brasil -1980/2010)



Fonte: MEC/Inep, 2012.

Os números apontam que foram significativas as alterações no âmbito da Educação Superior. Mas, cabe-nos refletir até que ponto as políticas contribuíram ou não para a maior democratização do acesso, permitindo que um número maior de jovens das camadas populares chegasse/chegue aos bancos das universidades deste país, pois, segundo Mancebo (2008, p.73), o "sistema nacional de educação superior ainda não está aberto às amplas camadas populacionais no Brasil". Dados apresentados por Vargas (2008) apontam que em famílias com renda inferior a três salários mínimos, que corresponde a 90% da população brasileira, o percentual de jovens que cursa o Ensino Superior ainda é inferior a 15%, meta estabelecida pelo PNE para matrículas em curso superior até 2011. Esperamos, entretanto, que essa expansão da matrícula na Educação Superior no Brasil não apenas agregue mais alunos, mas que seja caracterizada por uma maior independência entre as origens sociais dos alunos e o desempenho acadêmico, a escolha de carreiras e a permanência nos cursos, o que convergiria para promover uma verdadeira democratização do Ensino Superior em nosso país.

Como vimos, a presença dos jovens das camadas populares em universidades públicas tem aumentado, no entanto, para cursos mais concorridos, eles ainda são considerados exceções. Vários estudos têm se ocupado de pesquisar como estão hierarquizadas as carreiras no ensino superior (SETTON, 1999; QUEIROZ, 2004). Setton (1999), ao utilizar critérios baseados nas

três formas de capital definidas por Bourdieu, classifica os cursos da área de Humanas da USP em seletos (Direito, Administração, entre outros), intermediários (Turismo, Contabilidade, entre outros) e populares (Biblioteconomia, Pedagogia, entre outros). Queiroz (2004) utiliza em sua pesquisa, "O Negro e a Universidade Brasileira", a escala de prestígio de profissões baseada em cinco posições: *Alto, Médio alto, Médio, Médio baixo e Baixo*[5]. Esta classificação leva em consideração dois mercados: o mercado de bens simbólicos e sociais e o mercado econômico, ou seja, o prestígio social da profissão e o nível de requisição no mercado em determinado momento. Com base nestas classificações, podemos considerar que dos quinze estudantes entrevistados na pesquisa aqui apresentada, onze (mais de 2/3) estão matriculados nas licenciaturas, consideradas menos prestigiosas e quatro (menos de 1/3) estão nos bacharelados, em cursos que para a região são considerados de maior prestígio (Enfermagem, Administração, Psicologia e Nutrição).

Pesquisar a longevidade escolar em camadas populares, além de ser algo relativamente recente, traz as características de estudos microssociológicos que vêm sendo desenvolvidos no campo da Sociologia da Educação a partir da década de 1980. Estes estudos privilegiam os aspectos interativos, as ações e estratégias dos atores ou dos grupos dos quais fazem parte, o que inclui os grupos familiares, de trabalho, de lazer e religiosos. Sem desconsiderar as determinações sistêmicas, procuram dialogar com elas, em uma análise complexa e multidimensional (NOGUEIRA et al., 2006). São as pesquisas sobre trajetória escolar improvável em famílias populares, realizadas na França, nos anos 1980-90, sobretudo por Zeroulou, Laurens, Terrail, Laacher (apud VIANA, 2007) e Lahire (2008), que serviram de orientação para os primeiros estudos desta temática no Brasil.

Em sua tese, Souza, M. (2009) realiza um balanço crítico do estado do conhecimento sobre longevidade escolar em meios populares no Brasil. Este estudo nos fornece elementos importantes para o entendimento de como foram possíveis processos de escolarização prolongada em famílias socialmente desfavorecidas. Com objetivo semelhante, o relatório

[5] *Alto* – Medicina, Direito, Odontologia, Administração, Processamento de Dados, Engenharia Elétrica, Psicologia, Engenharia Civil, Engenharia Química, Arquitetura, Engenharia Química; *Médio alto* – Ciências Econômicas, Jornalismo, Medicina Veterinária, Engenharia Sanitária, Enfermagem, Pedagogia, Ciências Contábeis, Nutrição, Química Industrial, Engenharia de Minas; *Médio* – Secretariado, Farmácia, Agronomia, Licenciatura e Bacharelado em Química, Educação Física, Desenho Industrial, Ciências Sociais, Artes Plásticas, Letras, Matemática; *Médio baixo* – Filosofia, Ciências Biológicas, Música, Geologia Física, Geofísica, Composição e Regência, Estatística, Arte Cênica, Dança, História; *Baixo* – Desenho e Plástica, Instrumento, Biblioteconomia, Canto, Licenciatura em Ciências do 1º Grau, Geografia, Museologia.

divulgado por Fernandes e Falcão (2010)[6] também analisa o estado da arte na literatura brasileira acerca do tema. O trabalho busca detectar continuidades e descontinuidades teórico-metodológicas, avanços e lacunas na produção do saber sobre a longevidade escolar nos meios populares. O relatório das bolsistas de iniciação científica, apresentado em 2010, inclui, além dos oito trabalhos analisados por Souza, M. (2009), a tese desta autora.

Em um levantamento no banco de teses e dissertações, em diferentes instituições, nos últimos dois anos, foram identificados, dentro da temática da longevidade/sucesso escolar, mais três trabalhos que não constituíram objeto de análise dos estudos já citados: A tese de doutorado de João Vicente Silva Souza, defendida em 2009, na UFRGS: "Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: portas entreabertas", o trabalho de Felipe de Souza Tarábola, dissertação de mestrado, defendida em 2010, na USP: "Quando o ornitorrinco vai à Universidade – Trajetórias de sucesso e longevidade escolares pouco prováveis na USP: escolarização e formação de *habitus* de estudantes universitários das camadas populares" e o trabalho de Ava da Silva Carvalho Carneiro, dissertação de mestrado, defendida em 2010, na UFBA: "Caminhos Universitários: a permanência de estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio".

Dentre as pesquisas já realizadas, destaca-se o estudo pioneiro de Portes (1993) que teve como objetivo compreender como foi possível que trinta e sete jovens de origem popular tenham chegado a uma universidade de prestígio como a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. O estudo enfatiza a influência das famílias na escolarização dos filhos por meio da presença, principalmente da mãe, no auxílio à aprendizagem, vigilância de ordem moral, contato com a escola e busca de outros estabelecimentos escolares considerados melhores, formação para a competição e uso de uma rede de relações. A moral doméstica destacada por Lahire (2008) como favorecedora de uma escolaridade de sucesso nos meios populares também aparece no estudo realizado por Portes.

O autor assinala a participação do próprio indivíduo na sua escolaridade como importante na construção de trajetórias longevas. Essa participação é traduzida pela escolha de bons estabelecimentos de ensino, migração para a capital do Estado, procura de cursinhos preparatórios para o vestibular, busca de bolsas de estudo para se manter nos bons

[6] Fernandes, bolsista de iniciação científica, e Falcão, auxiliar voluntária de pesquisa (hoje mestranda no Programa de Pós-graduação da FaE/UFMG), que realizaram pesquisas sob a supervisão de Maria José Braga Viana, professora da Faculdade de Educação – UFMG.

estabelecimentos e o aprendizado positivo do jogo da sobrevivência escolar, estratégia também destacada por Souza e Silva (2003). Portes (1993) considera ainda como elemento significativo de longevidade escolar a rede de relações sociais que, por meio de certos tipos de apoio, influências ou informações, permite aos estudantes conhecerem melhor o funcionamento do sistema de ensino.

Também voltada para os estudos universitários, Viana (2007) procurou investigar, em Minas Gerais, o que tornou possível o acesso ao ensino superior (graduação e pós-graduação) de sete filhos de famílias com dificuldades econômicas e baixo nível de escolaridade. Para a análise, utilizou a noção de configuração social formulado por Norbert Elias e operacionalizado por Lahire (2008) na pesquisa sobre sucesso e fracasso escolar de crianças de um bairro periférico de Lyon, na França. Para compreender algumas condições que possibilitaram o ingresso destes jovens na universidade, Viana (2007) considerou os seguintes parâmetros de análise: o significado que a escola e o acesso à universidade assumem para pais e filhos; as diferentes formas de relações intersubjetivas e intergeracionais que uma escolarização prolongada impõe às camadas populares; as disposições e condutas temporais por parte dos sujeitos estudados; os processos familiares de mobilização escolar; os modelos socializadores familiares; as influências de outros grupos de referência, exteriores ao grupo familiar e as oportunidades/chances daí decorrentes. Na constituição das histórias escolares, Viana procurou identificar a presença destes aspectos. Para isto, mostrou que a constituição das trajetórias atípicas investigadas se deu a partir da configuração de interdependência destes fatores que, para cada trajetória, ocorreu de forma relacional, diferenciada.

Dos parâmetros analisados por Viana (2007), dois se relacionam diretamente com o foco central do nosso objeto de estudo. O primeiro aponta a presença de outros grupos de referência além da família. Ela justifica que “pessoas ou grupos exteriores ao núcleo familiar podem exercer uma significativa influência no processo de escolarização dos sujeitos” (p.50). Concorda com Laurens (1992) quando este aponta que o contato, duradouro ou não, com outros grupos de socialização, torna-se mediações de peso para uma escolarização prolongada nos meios populares. Os outros grupos de referência podem ser uma circunstância favorável, principalmente, quando o universo cultural e social primário não proporciona referências facilitadoras para se trilhar com sucesso os caminhos da escola. O segundo parâmetro refere-se à análise das disposições e condutas em relação ao tempo e instiga-nos a uma reflexão sobre o “tempo próprio” utilizado pelos sujeitos das camadas populares para construir suas

trajetórias até a universidade. Neste tempo do possível, são construídos projetos de vida que se relacionam com disposições de conquista em relação ao futuro, ligadas a uma orientação básica de perseverança. Estas disposições podem ser construídas na família e em outros grupos.

Souza e Silva (2003) destaca o papel das redes formadas em função do local de residência, da participação/militância em movimentos religiosos, sindicais e associações de moradores, como campos sociais que impregnaram novos interesses e aspirações aos sujeitos, levando-os a interiorização de novas chances objetivas para obter o sucesso escolar. O contato com distintos grupos de socialização foram responsáveis pela formulação de novas "práticas deliberadas" (SOUZA e SILVA, 2003), entendidas como aquelas que se distanciam do sistema de disposições incorporado a partir do processo de socialização primária. A inserção nestas outras redes acabou reforçando, portanto, disposições favoráveis a uma escolarização prolongada. Em sua tese de doutorado, este autor investigou as trajetórias de onze jovens graduados e residentes na Maré, maior complexo de favelas do Rio de Janeiro. "Como" se explica a chegada de diversos jovens dos setores populares à universidade enquanto outros com as mesmas características sócio-econômicas e culturais não conseguem tamanha proeza, e como os universitários de perfil popular se produziram ou foram produzidos socialmente foram os questionamentos centrais da sua pesquisa.

Nos últimos anos, o acesso e permanência das camadas populares nas universidades continuam sendo foco de pesquisas, tanto pela Sociologia da Educação como pela Psicologia, e outras teses e dissertações foram produzidas com o propósito de avançar e aprofundar as pesquisas em contextos ainda inexplorados. Em relação às problemáticas investigadas, a tese de Almeida (2006) analisa o uso dos espaços e recursos da Universidade de São Paulo (USP) por um grupo de estudantes com desvantagens econômicas e educacionais. O estudo acrescenta à análise do acesso ao ensino superior uma abordagem da efetiva permanência no curso. Já Lacerda (2006) estuda as trajetórias escolares de seis engenheiros egressos de uma das mais prestigiosas instituições de ensino do Brasil, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA, provenientes de famílias consideradas fracas detentoras de capital cultural e escolar, para identificar quais as propriedades sociais e escolares que os conduziram a tal percurso.

Com o mesmo grau de excepcionalidade, Piotto (2007) analisa a experiência universitária de cinco estudantes das camadas populares que ingressaram nos cursos mais seletos de um dos *campi* da USP. Ao abordar uma dimensão mais psicológica, aprofunda a compreensão acerca

das condições de permanência na universidade e analisa os custos e benefícios psíquicos de uma trajetória longeva nesses meios.

Souza, M. (2009) examina a trajetória de sete estudantes pertencentes às camadas populares do Acre - com especificidades relacionadas ao mundo dos seringais - que ingressaram em dois dos cursos mais seletos da Universidade Federal do Acre (UFAC), Medicina e Direito. A pesquisa busca perceber quais as estratégias familiares e individuais que tornaram possíveis esses casos inesperados de longevidade e de sucesso escolar.

Souza, J. (2009), por meio de histórias de vida, analisa a trajetória de dezessete estudantes de escolas públicas que entraram na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS - a partir da reserva de vagas; seu objetivo era compreender quais aspectos - escolares, econômicos, familiares, culturais e afetivos - destacaram-se ao longo dos percursos e que colaboraram para a entrada desses jovens na referida universidade.

Tarábola (2010) estuda a trajetória de seis jovens das camadas populares que cursam diferentes graduações na USP e obtém boas médias ponderadas; analisa, além da longevidade, o bom desempenho escolar. A pesquisa de Tarábola (2010) busca ainda reconstruir a maneira pela qual os "ornitorrincos" interiorizam individualmente as disposições sociais, o modo como se deu efetivamente o processo de incorporação de elementos do social facilitadores do trabalho escolar. Procura fazer uma reflexão sobre o tema da constituição de disposições, suas origens e desdobramentos e qual a implicação da família, da escola e do próprio sujeito com esta formação.

Carneiro (2010), por sua vez, examina a trajetória de quatro estudantes que ingressaram na universidade pela via das ações afirmativas. Analisa como estes jovens vivenciam e significam a permanência em cursos considerados de alto prestígio social na Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Os estudos analisados problematizam o fenômeno da longevidade escolar em camadas populares e apresentam alguns resultados recorrentes que explicam o processo dos casos excepcionais de longevidade escolar em famílias das camadas populares. Essas investigações demonstram que a longevidade escolar não resulta de um fator único, exclusivo ou preponderante, e sim de uma combinação de fatores em que o papel desenvolvido pela família, por outros agentes sociais e a forte mobilização dos próprios estudantes formam um

todo específico para cada caso singular, o que relativiza o determinismo social como definidor de sucesso ou fracasso escolar dos jovens das camadas populares.

As pesquisas de Laurens (1992), Souza e Silva (2003) e Viana (2007) salientam ainda que o contato, duradouro ou não, com outros grupos de socialização se tornam importantes mediações para uma escolarização prolongada nos meios populares. Atualmente, fazemos parte de uma sociedade em que a inserção em diferentes contextos sociais é inevitável. As experiências vivenciadas nesses campos, principalmente pelas camadas populares, podem ser fonte de aquisição de novas práticas diferentes daquelas socializadas no meio natal. Assim, sobretudo para os filhos daquelas famílias em que são quase nulas as "referências facilitadoras para trilhar com sucesso os caminhos da escola" (VIANA, 2007, p. 51), a participação em outros grupos de socialização pode significar oportunidades de ampliar o capital cultural, conhecer melhor o funcionamento das instituições escolares e desenvolver hábitos favoráveis à longevidade escolar. Souza e Silva (2003) assinala que as relações construídas em outras redes de socialização podem desencadear novos modos de viver, dando origem a novos interesses e aspirações. Na abordagem deste aspecto, Viana (2007) faz referência a um grupo específico – o de pares - que pode se constituir como outras referências e modelos de mundo. É, sobretudo, na adolescência que este grupo tem-se mostrado mais significativo como referência de vida. Este grupo de pares pode ser constituído na escola, nas atividades de lazer ou nos grupos religiosos.

Laurens (1992) considera que pessoas, como o padre da paróquia, professores, tios, primos, amigos, companheiros e amigos de outros meios sociais podem desempenhar o papel de estimuladores de sucesso escolar. Alguns destes personagens procuram convencer os pais de que seus filhos têm chances de prosseguir seus estudos e agem, ainda, como tutores de projetos de escolarização dos indivíduos. Entretanto, para ele, os personagens exteriores à família precisam ser apoiados por esta para a realização do projeto de escolarização prolongada.

Na análise da história de Helena, estudante de medicina da UFMG, Viana (2007) faz referência a uma possível ligação de seu sucesso escolar (entre outros fatores) à convivência na comunidade católica do bairro. O apoio material e o estímulo para a continuidade dos estudos teriam vindo da comunidade religiosa ou de pessoas isoladas ligadas a essa comunidade. A essa ajuda Helena comenta:

> Por exemplo, lá na comunidade mesmo, às vezes eles ajuntavam, faziam tipo uma... ajuntavam umas cinco pessoas... a Maria Clara [nome fictício de uma moradora do bairro] e mais algumas pessoas lá da Igreja... eles me davam dinheiro; dava pra tirar xerox de livro, né? (p. 157).

Não foi objetivo da pesquisa identificar o grau de envolvimento de Helena e de sua família àquela comunidade. A sua forma de participação seria apenas convivência ou haveria uma participação mais ativa, militante? Este questionamento parece ser importante para se analisar a presença das redes de relações ligadas à religião na longevidade escolar das camadas populares, ao se levar em consideração o ativismo religioso católico do estudante e de sua família, apontado por Laurens (1992) como fator de sucesso que diferencia os sujeitos da sua investigação.

Sem desconsiderar a multiplicidade de fatores que influem na definição de trajetórias escolares longevas e como forma de fazer avançar esse campo de estudo e focar num aspecto do êxito escolar improvável para os jovens das camadas populares, buscamos nesta pesquisa entender como a inserção destes jovens nos grupos religiosos católicos podem contribuir para a escolarização longeva.

1.2 A Teoria Disposicionalista e Contextualista da Ação

De acordo com o posicionamento de Lahire (2002; 2010), são dois os modelos caricaturais da teoria da ação. De um lado, estão aqueles modelos que conferem um peso determinante e decisivo às experiências iniciais (passadas) do ator, principalmente, aquelas vividas na primeira infância. Assim, negligenciam-se o estudo das características singulares dos diferentes contextos de ação e, do outro lado, os modelos que descrevem as ações e interações sem jamais se preocupar com o passado incorporado dos atores. Como modelo de superação das formas citadas, Lahire propõe um programa científico sobre a ação e ator que

> ... consiste a levar em consideração o passado incorporado, as experiências socializadoras anteriores dos atores estudados (experiências que se cristalizam sob a forma de disposições mais ou menos duráveis, disposições a acreditar, a sentir, a pensar, a agir de uma certa forma) sempre evitando de negligenciar ou anular o papel do presente (os diferentes contextos presentes da ação). (2010, p.18).

Lahire (2002; 2004; 2010) defende uma sociologia indissociavelmente disposicionalista e contextualista, demonstrando que os comportamentos e as práticas são compreendidos no cruzamento das disposições incorporadas e limites contextuais.

1.2.1 Os processos de socialização

Para a sociologia disposicionalista, as ações presentes não são passíveis de explicação apenas pelas experiências socializadoras vividas pelo ator no seu meio familiar de origem (socialização primária), mas, principalmente, pelas socializações secundárias e pela pluralidade de quadros socializadores. Halbwachs (1978, apud LAHIRE 2002, p. 31) lembra que "cada homem está mergulhado, ao mesmo tempo ou sucessivamente, em vários grupos" não homogêneos nem imutáveis. São estes grupos heterogêneos que constituem os quadros sociais de nossa memória. Segundo Lahire:

> O que vivemos com nossos pais, na escola, no colégio, com os amigos, com colegas de trabalho, com membros da mesma associação política, religiosa ou cultural, não é necessariamente cumulável e sintetizável de maneira simples. (...) são experiências não sistematicamente coerentes, homogêneas nem totalmente compatíveis e que, no entanto, nós somos os seus portadores. (2002, p. 31-2).

O indivíduo se constitui como ser humano no seu processo de interação com o outro. Muitas vezes são interações não refletidas, até despercebidas, mas que serão responsáveis pela interiorização de formas de ser, agir e julgar, gostos, saberes das pessoas que estão ao seu redor. De fato, nosso modo de ser, nossas ações e relações estão sempre ligados aos processos socializadores empreendidos desde o nosso nascimento. Berger e Luckmann (2008) afirmam que, desde que nascemos, toda ação é respaldada nas ações das pessoas que estão a nossa volta, pois a vida social inicia no nascimento a partir do momento que passamos a interagir com outros seres humanos. Os adultos que fazem parte do mundo de uma criança criam padrões, por meio dos quais, as crianças realizam experiências. Eles apresentam-lhes certo mundo que a criança interioriza como sendo "o mundo, o único mundo existente e concebível, o mundo tout court" (p. 180).

Na perspectiva adotada por Lahire, os indivíduos constroem suas disposições sociais (esquemas comportamentais, cognitivos, valorativos) por meio das formas que tomam suas relações de interdependência. Quanto mais estas relações forem intensas e duradouras, mais firmes e fortes são as disposições criadas. Por isso, o estudo sobre a socialização e a constituição de disposições é importante quando se deseja analisar as trajetórias singulares de indivíduos que, no mundo atual, estão inseridos simultaneamente em várias redes de relações. No caso da nossa pesquisa, são várias as instâncias de socialização em que os entrevistados

estão inseridos e sofrem influências que podem criar ou atualizar disposições divergentes e até mesmo concorrentes entre si.

Os processos de socialização se constituem em objeto clássico de análise no campo da Sociologia. A noção de socialização tem adquirido acepções diferentes ao longo do tempo e de modelo teórico à época em que são apresentados. Podemos, por exemplo, pensar a socialização a partir de Durkheim (1978) que a descreve como ação exercita pelas gerações adultas sobre aquelas que não se encontram prontas para a vida social, num processo unilateral de transmissão. Nessa acepção, o indivíduo se submete, no seu processo de integração, a uma ordem social anterior e posterior a si mesmo.

Há outras formas de conceber os processos socializadores em que o indivíduo, a partir dos seus laços de interdependência, transforma-se no que é. Nessa forma de pensar, indivíduo e sociedade não são duas entidades isoladas como a perspectiva de Durkheim. Esta concepção se aproxima do pensamento de Elias (1994). Para ele, a sociedade é um todo que não pode ser explicada pela soma de suas partes. São os indivíduos, no seu processo de relações, que compõem a sociedade.

Ao se partir do pressuposto de ser a configuração social tributária de um conjunto de condições históricas específicas, Elias (1994) chama a atenção que todo indivíduo vive num contexto funcional, numa rede de interdependência, num tecido de relações em que a forma que cada pessoa assume não depende de vontades individuais, nem tampouco é definida por contratos sociais, mas vem dos laços relacionais. A forma de ser da pessoa humana individual é determinada pela ordem do entrelaçamento dos fios das relações e das experiências que o atravessam.

> Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. (...) É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar (ELIAS, 1994, p. 35).

Por meio das redes de interdependência, cada indivíduo está ligado por laços invisíveis, porém reais e fortes, tanto às pessoas mais próximas quanto à realidade cultural, social e histórica na qual nasceu e pré-existia a ele. Cada indivíduo prescinde desta rede para

sobreviver como ser humano e para individualizar-se. A configuração resultante desses laços produz uma realidade singular; isso faz com que, mesmo participando do mesmo grupo, como a família, dois jovens podem ter aprendizagens diferentes, pois a composição adulta que nele se desenvolve depende tanto da estrutura do grupo em que ele cresce, quanto da sua posição neste grupo e do processo formador que este acarreta.

Lahire (2004) compreende a socialização como os processos pelos quais a rede social na qual o sujeito está inserido forma e transforma o indivíduo. Para explicar a presença do social na vida do indivíduo, formula a metáfora da dobra em que compara o espaço social e todas as suas dimensões e os contextos de interação a uma folha de papel desdobrada; e a constituição do indivíduo seria comparável a uma folha amassada. O ator individual seria o produto de múltiplas operações de dobramento e caracterizar-se-ia pela "multiplicidade e pela complexidade dos processos sociais, das dimensões sociais, das lógicas sociais, etc. que ele interiorizou" (p. 198). O mundo social, assim, estaria tanto fora quanto dentro de nós. A sociologia à escala individual que Lahire procura realizar nos apresenta este mundo social dentro de nós de uma forma comprimida como um conjunto de combinações matizadas e concretas de propriedades contextuais e disposicionais.

Sabemos que as diferentes etapas de socialização na vida de um indivíduo não são equivalentes. A Sociologia separa o período de socialização primária do período de socialização secundária. Enquanto que o primeiro é influenciado, especialmente, pela família, o segundo é influenciado por outras instâncias como a escola, o grupo de pares, o trabalho, as instituições sociais, políticas, religiosas, desportivas etc. A diferenciação é importante porque cada etapa tem características diferentes.

A socialização ocorre quando há interação com o outro. Mas nem todos os outros com que a criança se relaciona assumem a mesma importância no processo de socialização primária. Geralmente, são as pessoas mais próximas, como pai, mãe (ou responsável legal), irmão mais velho que se tornam as pessoas mais significativas no processo de socialização de uma criança. Outras pessoas estarão num nível de menor importância, constituindo os coadjuvantes no filme da vida de um indivíduo. A partir do momento que a criança passa a conviver em outros espaços que se constituem como socializadores, ela passa a perceber que o mundo apresentado pelos pais era relativo e que há outras possibilidades de se relacionar, de perceber o mundo. Assim, o indivíduo passa a ser cercado por outras pessoas que podem ter os mesmos gostos familiares ou não. No mundo globalizado em que vivemos, que se caracteriza por

interações humanas mais intensas, não se pode pensar o indivíduo sendo regido apenas por um único princípio de conduta. Em espaços como a família, a escola, os grupos de pares e/ou as múltiplas instituições culturais, que os indivíduos são levados a frequentar, podemos observar demandas diversificadas, concorrentes e, às vezes, contraditórias no que se refere a princípios de socialização.

Mesmo que a natureza dos marcos socializadores secundários adquiridos pelos indivíduos dependa, em parte, das disposições sociais constituídas na socialização primária familiar, não se podem desconsiderar as experiências vividas em outros universos como indutoras de novas disposições mentais e comportamentais nos indivíduos que, voluntário ou obrigatoriamente, a frequentaram de forma duradoura. As socializações secundárias podem questionar de forma mais ou menos profunda o papel central da socialização familiar, mostrando que o trabalho de socialização e de re-socialização é um processo contínuo que ocorre ao longo da vida. Além disso, por não ocupar posições semelhantes em todos os espaços sociais, os sujeitos vivem variadas experiências: "O ator plural é produto de experiências – cada vez mais precoce – de socializações em contextos sociais múltiplos e heterogêneos" (LAHIRE, 2002, p. 36).

Em suas obras, Lahire chama a atenção para o fato de que, à medida que os universos de referências sociais se multiplicam e diversificam-se, os indivíduos terão cada vez mais oportunidades de escolher entre uma gama variada de padrões e valores identitários. Portanto, é possível afirmar que "a identidade social e individual, na contemporaneidade, não se realiza mais a partir de uma correspondência contínua entre indivíduo e sociedade, entre papéis propostos pelas instituições e sua integral identificação pelos sujeitos." (SETTON, 2005, p. 345).

Fica evidente, então, que as relações sociais, os processos de socialização, a intersubjetividade e a interdependência, ao mesmo tempo em que precedem, funcionam como princípios constituidores do ser social singular, num processo que nunca se encerra, mas que se estende pela vida toda. Mas, se a socialização é esta rede que forma e transforma o indivíduo, como de fato ocorre a incorporação das condutas, dos sentimentos, modos de pensar, de sentir e agir?

Lahire (2004) distingue três modalidades básicas no processo de socialização:

a) Socialização por treinamento prático:

É a socialização em que os indivíduos constroem suas disposições mentais e comportamentais por meio de participações diretas em atividades, seja na família, em contextos escolares ou formais de aprendizagem, entre pares ou no local de trabalho.

Como descreve Lahire em seu livro "Sucesso Escolar nos Meios Populares" (2008), as crianças aprendem a partir da interação com os adultos. Nem sempre esses modos práticos de aprendizagem precisam vir revestidos de intenção pedagógica explícita.

Para exemplificar com processos de interação analisados em nossa pesquisa, podemos citar a leitura das passagens bíblicas na missa em que o coordenador do grupo religioso ensina como se faz, treina antes, lê corretamente para que as crianças tomem como exemplo. E o ensaio da missa, que ocorre de forma espontânea, exercita uma habilidade exigida na escola e que, de certa forma, a criança aprende por meio de uma atividade não intencional. Ela aprende não apenas em ver os outros fazerem, mas na ação do fazer, do treinar. Ela aprende a ler de forma desinibida, a enfrentar o público, por meio da prática.

b) Socialização implícita

É aquela em que a influência é mais difusa, decorrente de situações tácitas e semi-implícitas que contribuem para gerar disposições. É uma socialização silenciosa, mas isso não quer dizer que ocorra fora dos marcos da linguagem e, sim, que seus processos não se devam a uma inculcação moral, ideológica ou pedagógica. É uma interação que se dá por meio do modo de falar, alimentar, brincar, exercer autoridade, pelo modo de relação familiar e divisão do trabalho doméstico.

O aspecto mais importante desse tipo de aprendizagem diz respeito ao processo de identificação que decorre dos processos de intersubjetividade. Aqui a identificação é mais que simples imitação. No caso, há uma apropriação de um ou vários elementos que passarão a fazer parte da natureza do sujeito. Podemos encontrar esses processos de identificação na família, o que é mais comum, mas também nos ambientes formais de aprendizagem.

Em outros ambientes de aprendizagem, é comum os alunos tomarem um professor, um coordenador de grupo religioso como modelo de identificação. Essa identificação pode figurar

também como admirativa, como é o caso de Vanessa[7], participante desta pesquisa, quando se refere aos professores do Magistério e procura se identificar com eles quanto à valorização do curso superior.

c) Socialização por inculcação ideológico-simbólica

Trata-se das normas cultas difundidas por todo tipo de instituição (escola, família, meios de comunicação, como rádio, televisão, publicidade, internet) que põem em cena, de forma discursiva ou icônica, os personagens em papéis, situações, com modos e atitudes específicos. A interiorização de crenças, valores e modelos de comportamento podem se processar por inculcação implícita (impregnação ou habituação) ou explícita (didática). Como exemplo, podemos pensar nos efeitos socializadores de uma propaganda do governo federal brasileiro veiculada na TV aberta sobre o PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) e sobre o PROUNI (Programa Universidade para Todos)[8], quando enfatiza as oportunidades que os jovens das camadas sociais menos favorecidas possuem para cursar uma universidade.

Estas modalidades estão caracterizadas em três grupos, apenas por questões de entendimento, mas na realidade elas ocorrem de forma relacionada e nem sempre são convergentes. Podem ser contraditórias e oporem-se, pois os agentes e matrizes de socialização são, na sociedade contemporânea, múltiplos e variados. Como já abordamos anteriormente, para Lahire (2002) não se pode pensar num sujeito sendo regido pelos mesmos princípios de conduta. A realidade hoje é complexa, assim como a inserção em outros grupos de referência além da família são cada vez mais precoces. Mesmo na família, as formas como são incorporados os hábitos podem ser contraditórios.

Todos estes elementos permitem, dentro da teoria disposicionalista, explicar os processos socializadores não como constrangimentos deterministas sobre o sujeito, pois há uma margem de liberdade explicada por uma dupla complexidade: primeiro, da densidade de processos socializadores porque os atores são seres plurais e, segundo, a complexidade da situação presente. Assim, na análise dos dados da nossa pesquisa, optamos por não buscar apenas disposições unificadas, pois o "homem plural" é regido por uma multiplicidade de experiências.

---

[7] Com o objetivo de manter o anonimato dos entrevistados, todos os nomes utilizados neste trabalho são pseudônimos.

[8] Propaganda do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, veiculada pela TV aberta, a partir de 2008.

1.2.2 A constituição de disposições

Disposições são heranças imateriais que transportamos convertidas em maneiras duráveis de ver, sentir, agir, de hábitos, crenças, categorias de percepção e apreciação, interesses e desinteresses, gostos e desgostos. Segundo Lahire (2002) o termo é correlato de outras expressões como: esquema de ação, reserva ou repertório de experiências, categorias de percepção, estoque de conhecimento. A tradição disposicionalista permite-nos compreender "que os indivíduos podem perceber diferentemente as mesmas situações e reagir diferentemente face às mesmas solicitações ou injunções exteriores" porque suas respostas se baseiam tanto nas experiências socializadoras multiformes quanto na influência do contexto.

Uma disposição mental ou comportamental somente se constitui na repetição de experiências similares, não pode ser deduzida de uma só ocorrência. A noção de disposição, portanto, inclui a ideia de algo recorrente, de repetição relativa, de série ou de classe de acontecimentos.

> Não se adquire disposições cognitivas, perceptivas apreciativas, etc., por conversão brutal e milagrosa e pode-se assim dizer que sua força e sua durabilidade dependem da precocidade, da duração, da sistematicidade e da intensidade de sua incorporação (LAHIRE, 2010, p. 26).

Assim, por se caracterizar como ator plural e, por estar submetido a uma multiplicidade de espaços socializadores, um mesmo indivíduo pode ser portador de disposições heterogêneas que podem ser mobilizadas (ou não) "conforme a configuração e a natureza da situação presente" (LAHIRE, 2002, p. 51). Isto significa que o peso do presente e do passado está ligado à pluralidade interna do ator. Se há "cumplicidade ontológica" (BOURDIEU, 2001) entre as estruturas incorporadas e as estruturas objetivas da situação social, então presente e passado tornam-se um só. A articulação presente-passado se reveste de importância somente quando o passado incorporado e o contexto presente são diferentes, heterogêneos. Quando há esta "cumplicidade ontológica", a relação do ator com a situação é semelhante à de um peixe dentro d'água porque ele é feito para a água e a água é feita para ele. Entretanto, essa relação é apenas uma possibilidade, o que ocorre com mais frequência, segundo Lahire (2002), numa sociedade diferenciada, são crises de adaptação, crises de ligação, de cumplicidade ou de conivência ontológica entre o incorporado e a situação nova. Além disso, enfatiza o autor, "quanto mais os atores são produto das formas de vida heterogêneas ou contraditórias, mais a

lógica da situação presente tem um papel central na reativação de uma parte das experiências passadas incorporadas" (2010, p. 31). É a situação presente (contexto social) que decide, define, delimita, desperta, o que, do passado incorporado, vai poder ressurgir e agir no interior da ação.

Lahire (2010) aponta que é mais pertinente idealizar os jovens das camadas populares como "portadores de um patrimônio de disposições e de competências diferenciadas mais ou menos favoráveis ao sucesso escolar" (p. 32) que considerar estes jovens como pessoas que não possuem disposições favoráveis para ter sucesso na escola por causa de sua condição econômica. Os estudos de casos, estatisticamente improváveis, de crianças e jovens das camadas populares com sucesso escolar, apontam que estes podem ter algumas condições escolarmente favoráveis que lhes permitem construir disposições culturais e escolares que suas famílias não puderam dar oportunidade de constituir.

Mudar o contexto, acrescentar novos contextos, é oportunizar a certos esquemas de se ativarem (ou fecharem) a outras possibilidades de expressão de atualização. Assim, mudar de contexto social é mudar as forças que agem sobre nós. Portanto, o nosso empenho em compreender a longevidade escolar de jovens dos meios populares, a partir da inserção em grupos religiosos católicos, é uma tentativa de explicar a presença de novos contextos socioculturais, além do familiar, na constituição de disposições mentais e comportamentais.

1.2.3 A estrutura de patrimônio

Como parte das noções teóricas utilizadas neste trabalho para se compreenderem os processos de socialização de jovens que estão inseridos em grupos religiosos católicos convém abordar um conceito importante dentro da teoria disposicionalista que é constituído pelo que Bourdieu chama de "estrutura de patrimônio". Este conceito é entendido como o "conjunto de riquezas sociais possuídas por um grupo ou um indivíduo em sua composição interna, isto é, a combinação de diferentes tipos de capital econômico, social e cultural." (BUENO, 2007, p. 26).

Por capital econômico, entendem-se: os bens materiais que um grupo ou um indivíduo possui. A presença desse tipo de capital na vida de uma pessoa pode facilitar, por exemplo, o investimento financeiro na sua escolarização. Pode-se, com recursos financeiros, pagar escolas de maior prestígio social e ampliar o leque de possibilidades de escolha de uma

universidade, por exemplo; comprar material para incrementar os estudos e, frequentar outros espaços culturais.

Já o conceito de capital social é compreendido por Bourdieu (1998, p. 67) como “um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo [...]”. Em outras palavras, são os benefícios que a inserção numa rede de relações ou certos pertencimentos podem trazer. Em relação ao tema abordado nesta pesquisa – acesso à universidade por jovens das camadas populares – as redes de relações podem facilitar o conhecimento de como se deve fazer para ingressar em uma universidade e as formas de se manter nela; também podem facilitar o acesso a ambientes culturalmente mais favoráveis à longevidade escolar e oferecer oportunidades de aprender outros idiomas. Há ainda a possibilidade de pessoas dessa rede se tornarem modelo de referência para projetos de vida que incluam níveis de aspirações cada vez maiores em relação à permanência na escola.

Por capital cultural, entende-se a posse de uma cultura legítima como uma forma de riqueza. Bourdieu (1998) ressalta, entretanto, que diferenças no acesso a essa cultura distingue indivíduos e grupos sociais. A acumulação desse tipo de capital exige uma incorporação pessoal que pressupõe um trabalho lento, gradual, de inculcação e assimilação, o que não pode ser transmitido instantaneamente.

Os capitais aqui definidos mantêm entre si uma íntima relação, pois a posse de um potencializa o outro. A posse desses patrimônios constitui verdadeiros trunfos para a conquista de novas disposições e aquisições. No caso desta pesquisa, verifica-se que a posse de capital social potencializa a aquisição de capital cultural na forma de disposições favoráveis à longevidade escolar. Certamente, analisar apenas a presença de capitais não dá conta de tratar o objeto de nossa pesquisa, pois o patrimônio incorporado pode ser um elemento decifrador importante, mas para entender melhor as singularidades é preciso pensar como as condições são transmitidas e incorporadas por sujeitos singulares reais em suas relações.

1.3 O Grupo Religioso: espaço de possibilidade de escolarização longeva

Embora oficialmente todos tenham direito ao acesso à escola básica no Brasil, as trajetórias estudantis e o uso do saber escolar variam de acordo com as experiências vivenciadas pelos atores em diferentes universos de socialização, dentre eles, os grupos religiosos. Com um conteúdo pouco visitado pela Sociologia da Educação (SETTON, 2008), o potencial socializador da religião é discutido por alguns pesquisadores como Montezano (2006), Cerdeira (2006), Fonseca e Novaes (2007) e Mariz et al. (2003).

Montezano (2006) discute como a afinidade eletiva entre a religião, a família e a escola pode influenciar o desempenho escolar de alunos pertencentes às famílias protestantes dos meios populares. Sua pesquisa foi realizada em uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo com famílias de alunos que apresentavam um rendimento escolar favorável no Ensino Fundamental. Os resultados apontam que o êxito escolar dos alunos protestantes se apresenta associado a um "feixe de situações socializadoras", que leva em conta a pertença religiosa e o modo como a família se relaciona com a escola e a religião. Assim como fez Montezano (2006), em nossa pesquisa, procuramos pensar as relações que se estabelecem entre a socialização nos espaços religiosos e entre atores que se superpõem ao universo doméstico, buscando identificar, nas suas continuidades e rupturas, as disposições que potencializam o sucesso no aprendizado escolar.

Cerdeira (2006) apresenta, em estudo intitulado "Religiosidade de estudantes: trajetórias e perspectivas escolares", o perfil escolar de 2400 estudantes secundaristas cariocas com o objetivo de compreender como o aspecto religioso se relaciona com o comportamento e a trajetória escolar do aluno, bem como suas expectativas de futuro e de escolarização. Os dados indicam que estudantes que mais frequentam a igreja são também aqueles que dão mais importância ao estudo, à instituição escolar e à leitura.

Com o foco na juventude, a pesquisa de Fonseca e Novaes (2007) traz dados sobre a religiosidade dos jovens brasileiros que nos ajudam a pensar o espaço da religião na vida da juventude: no Brasil 96% dos jovens declararam pertencer a uma religião, sendo que a maioria é católica (66,2%). Os dados indicam ainda que um número significativo dos jovens entrevistados declarou participar de grupos religiosos.

Ao buscar identificar quais forças ou elementos motivam os jovens das favelas cariocas a desenvolver estratégias de ascensão social via escolarização, a pesquisa de Mariz et al. (2003) traz resultados que também indicam afinidade entre o discurso religioso-politizado e o desejo dos fiéis em adquirir maiores conhecimentos. A partir da constatação que todos os jovens entrevistados tiveram experiência religiosa presente ou passada em grupos católicos, os autores levantam a hipótese que a religiosidade, desenvolvida nas pastorais de grupos progressistas da Igreja Católica, traz como consequência o desejo de aprimoramento intelectual, pois, mesmo de forma não intencional, estimula a conscientização por meio de debates e leituras. Como Viana (2007), eles também apontam o grupo de pares – amigos dos grupos religiosos - que proporciona estímulo e apoio para a perseverança necessária ao sucesso escolar.

Em nossa pesquisa, ao analisar o material escrito que subsidia a ação de alguns grupos citados pelos entrevistados, constatamos o que Mariz et al. (2003) colocam sobre a ênfase em debates e leituras, mas não concordamos que seja de forma não-intencional porque o que ouvimos dos nossos depoentes é que a proposta de grupos religiosos, a exemplo da Pastoral da Juventude, é de que o jovem tenha uma participação intensa na sociedade, inclusive tendo o projeto acadêmico como prioridade.

Por fim, destaca-se que o objetivo deste capítulo foi o de situar nosso objeto de estudo dentro do campo de discussões sobre longevidade escolar nos meios populares e destacar a socialização em grupos religiosos católicos como facilitador desse sucesso escolar.

CAPÍTULO 2:
PERCURSOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é apresentar o itinerário da pesquisa que, pela natureza do tema, habilita-nos a optar por uma metodologia de pesquisa qualitativa, pois esta abre um leque de possibilidades nas ações práticas do processo de investigação e permite compreender múltiplos aspectos ligados ao fenômeno da longevidade escolar nas camadas populares. Nele, serão apresentadas as instituições que serviram como campo de pesquisa, o processo de escolha dos sujeitos envolvidos na investigação e a operacionalização dos procedimentos de coleta e análise dos dados.

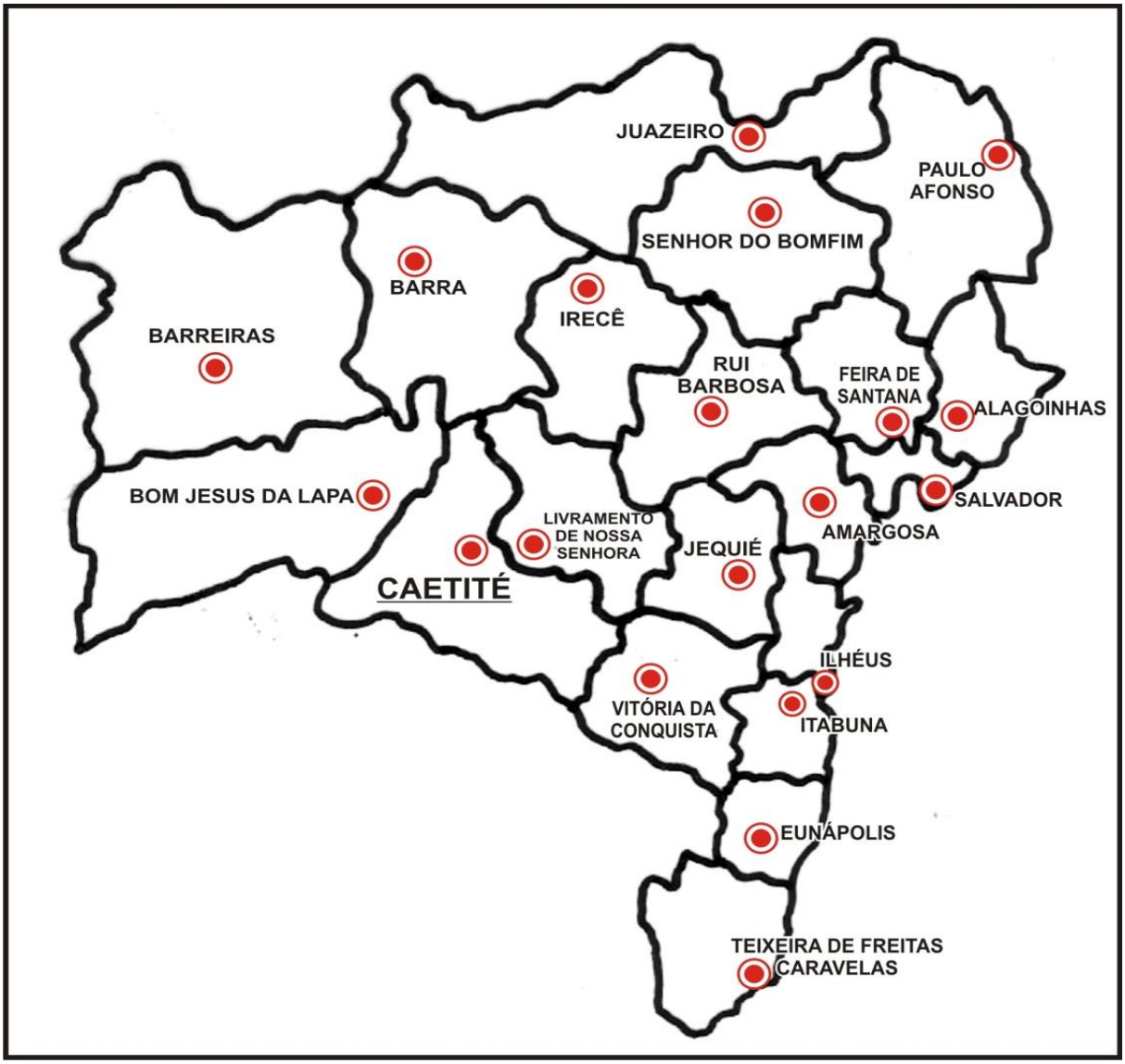
2.1 Situando o Campo da Pesquisa

2.1.1 Os grupos religiosos da Diocese de Caetité

Os jovens entrevistados na realização desta pesquisa participam de grupos religiosos ligados à Diocese de Caetité, criada em 20 de outubro de 1913 pela Bula ***Maius animarum bonum*** do Papa São Pio X e desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Com uma área de abrangência de 41.979,6 km² e uma população atendida de 667.763 habitantes (Censo IBGE 2010), esta diocese é composta por 35 municípios e 33 paróquias[9]. A diocese tem um convênio com algumas congregações religiosas de outros países e recebe padres e religiosos de outras nações para trabalhar em suas paróquias.

[9] Dados coletados em: <http://www.diocesedecaetite.org.br/site/index.php>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Mapa 1 – Localização da Diocese de Caetité – Bahia



Fonte: http://www.diocesedeilheusba.com/products/arquidioceses-e-dioceses-na-bahia/ (adaptado pela autora).

Uma das paróquias da Diocese de Caetité é a de Santo Antônio em Guanambi. Os católicos desta paróquia participam de grupos ligados às Comunidades Eclesiais de Base, pastorais e/ou movimentos religiosos. Na Paróquia de Guanambi estão registradas sessenta comunidades[10]: dezesseis localizadas nos bairros da zona urbana, três nos distritos (Mutans, Morrinhos e Ceraíma) e quarenta e uma na zona rural. Estão presentes na comunidade católica guanambiense doze pastorais (Carcerária, Catequética, da Caridade, da Comunicação, da Criança, da Esperança, Familiar, da Juventude, da Saúde, do Dízimo, do Menor e da Educação). Os movimentos são o RCC (Renovação Carismática Católica), Legião de Maria, Apostolado da Oração, Apostolado da Sagrada Face, ECC (Encontro de Casais com Cristo),

[10] Dados coletados em: <http://www.paroquiasantoniogbi.com.br>. Acesso em: 14 nov. 2011.

EAC (Encontro de Adolescentes com Cristo), MAC (Movimento de Amizade Cristã) e JOTA (Jovens, Oração, Trabalho, Amizade).

Além dos grupos e movimentos, os fiéis estão envolvidos em projetos sociais com objetivos variados. Há o projeto Educacional Tempero Verde, Projeto Monte Pascoal e Sol Nascente, o RECIVIDA (Reciclando e Educando para a Vida), Projeto Crescer Juntos, MEBIC (Movimento de Educação de Base de Iniciação Católica), Casa de Acolhida Madre Ippólita e grupos de caridade.

Não constitui objetivo desta pesquisa descrever os grupos religiosos citados pelos entrevistados, contudo, a estrutura e organização da Pastoral da Juventude e da Catequese serão apresentadas sucintamente, porque se constituem os grupos de atuação de todos os jovens entrevistados, o que poderia tornar a inserção nestes grupos religiosos um dos fatores que ajudam a explicar as trajetórias escolares longevas dos jovens pesquisados.

Pastoral da Juventude (PJ)

Segundo Oliveira (2002), a Pastoral da Juventude é fruto de uma série de experiências que foram acontecendo ao longo da história da Igreja Católica no século passado. Por volta de 1920, com a crescente industrialização do mundo, a sociedade se torna cada vez mais desacreditada na religião. O papa Pio XI (1922-1939) lança, então, o desafio aos cristãos leigos: que eles, associados à hierarquia da Igreja, difundissem os princípios católicos na vida individual, familiar e social. Esse desafio foi chamado de Ação Católica (AC).

No Brasil, a Ação Católica surgiu a partir de 1930 e coincide com o período da urbanização e o crescente desenvolvimento da industrialização e da classe operária. Sua história pode ser dividida em dois períodos: Ação Católica Geral (1932-1950) e Ação Católica Especializada (1950 -1966). Foi no segundo período que se decidiu que a evangelização deveria ocorrer nos meios específicos e que os apóstolos da evangelização deveriam ser pessoas do próprio meio. Surge então a JAC (Juventude Agrária Católica); a JEC (Juventude Estudantil Católica); a JIC (Juventude Independente Católica); a JOC (Juventude Operária católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica). Segundo Oliveira (2002), todos esses grupos traziam a grande novidade metodológica que orienta até hoje os trabalhos pastorais: O método Ver – Julgar – Agir. Este método, que abre caminhos para um novo jeito de ser igreja, desenvolve-se em três momentos: baseia-se na realidade da vida dos jovens (VER), confrontada com os valores da fé

cristã (JULGAR) para uma ação transformadora do meio (AGIR). Essa metodologia, depois presente em todo o trabalho pastoral da igreja, propõe uma ação concreta do jovem em seu meio, faz com que o jovem seja protagonista em seu processo de formação e não seja tratado de forma paternalista ou autoritária.

Nos anos 1960-1970, a igreja sente a pressão da ditadura militar e muitos grupos da Ação Católica Especializada (ACE) são extintos (JAC, JEC, JUC) e o JOC fica reduzido a alguns grupos isolados e sem influência. Entretanto, para Oliveira (2002), não se pode esquecer a presença da AC na história da Pastoral da Juventude, pois:

> Vieram dela [Ação Católica Especializada] a utilização do método Ver, Julgar, Agir na estruturação de lideranças; a busca de uma prática baseada na realidade; a formação na ação, e não apenas teórica; a necessidade de espaço de revisão de vida e de prática; uma fé vivida no engajamento social, com pedagogias para despertar o espírito crítico; a opção pedagógica pelos pequenos grupos; uma espiritualidade encarnada, alimentada pela vida de oração e pela inserção social; o protagonismo juvenil na evangelização e a autonomia da missão dos leigos com base no batismo, que o consagra como cristão no mundo (p. 20).

Nesse mesmo período, uma nova forma de trabalhar com os jovens surge na Igreja Católica brasileira, era o modelo de Movimento de Encontro que utilizava uma metodologia diferente da Ação Católica. A diferença básica estava na forma de evangelizar, enquanto que os grupos da AC enfatizavam a participação dos jovens na vida política e social, os movimentos de encontro tinham por objetivo a formação espiritual do jovem.

No final dos anos 1970, acompanhando as lutas do país pela democracia, há o retorno das organizações de jovens marcados pelo protagonismo juvenil. Mesmo antes do final da ditadura, crescem movimentos com a bandeira de luta pela democracia e mudanças sociais. São desse período as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Pastoral da Terra (CPT) e a Pastoral Operária (PO). É nesse contexto que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – toma a iniciativa de articular experiências em torno de uma Pastoral da Juventude, influenciada por um novo modelo de Igreja Latino - americana que vinha sendo construída por meio das conclusões e encaminhamentos das Conferências dos Bispos da América Latina ocorridas em Medellín (1968) e Puebla (1979),[11]. Nestas conferências a Igreja firma sua opção preferencial pelos pobres e pelos jovens. São realizados, então, vários encontros para

[11] Conferências episcopais com os bispos da América Latina em que se reafirma a necessidade de aproveitar o grande potencial da juventude na sua missão evangelizadora para a transformação da sociedade (FERNANDES, 2008).

estruturar e articular a nova pastoral a nível paroquial, diocesano e nacional. Segundo Oliveira (2002), foram muitos os desafios enfrentados para agregar as diversas experiências de Pastoral da Juventude espalhados pelo Brasil. Atualmente, a estrutura da Pastoral da Juventude no Brasil (PJB) trabalha com quatro experiências de PJ: A Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP); Pastoral da Juventude Rural (PJR); Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) e PJ (Pastoral da Juventude), cada uma delas tem uma organização própria, porém estão unidas pela estrutura nacional ligada ao Setor Juventude da CNBB.

Interessa a esta pesquisa a organização da Pastoral da Juventude que é a única experiência de PJ em que os jovens da Diocese de Caetité e, consequentemente, os jovens entrevistados para esta pesquisa estão inseridos.

A organização da Pastoral da Juventude

A Pastoral da Juventude (PJ) se estrutura por meio dos grupos de base. Eles são a experiência central da proposta pedagógica e evangelizadora da Pastoral da Juventude.

> O grupo de jovens é o conjunto de jovens que se reúnem de um modo mais ou menos estável, na comunidade paroquial ou em outros ambientes, passando pelas várias etapas, num processo de formação que os leva a um certo grau de discernimento e amadurecimento de sua vivência pessoal, grupal e comunitária (CNBB, 1998, p. 174).

Segundo nos apresenta Oliveira, "O modelo do grupo de base é o grupo de Jesus: os Doze. Um grupo pequeno, no qual se pode partilhar a vida e cultivar a amizade" (2002, p. 84). Para facilitar o relacionamento direto e pessoal, o autor sugere que o grupo tenha um número reduzido de participantes (10 a 15 jovens), de idade homogênea, com nível de participação estável e com ritmo periódico de reuniões. As reuniões devem ser organizadas com o mínimo de estruturação para garantir a continuidade dos trabalhos. Uma estrutura básica deve ter oração, ata, cobrança de decisões tomadas em reuniões anteriores, tema de fundo e informes.

O documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (2007) orienta que uma paróquia[12] tenha vários grupos de jovens, em diversas fases de crescimento ou amadurecimento: nucleação, iniciação e militância. O documento enfatiza que o jovem ao alcançar a militância é sensibilizado a assumir trabalhos na comunidade religiosa (em outras

[12] Na Diocese de Caetité, quase todas as comunidades rurais e as comunidades criadas nos bairros possuem um grupo de jovens.

pastorais, como a Catequese, Universitária e vocacional) e na sociedade civil (sindicatos, associações de moradores, partidos políticos, movimentos sociais, movimentos estudantis). Nossa hipótese para este trabalho é de que para alcançar este nível de envolvimento nos grupos religiosos, um jovem necessita ter um mínimo de conhecimento dos problemas socioeconômicos e culturais da realidade atual e, para isso, desenvolve disposições ligadas a uma postura crítica e engajamento social, bem como habilidades de leitura, escrita e expressão oral. Estas disposições, construídas dentro dos grupos religiosos, podem ser facilitadoras da longevidade escolar para jovens dos meios populares. Esta hipótese é reforçada quando analisamos o método de formação dos membros da Pastoral da Juventude e seu objetivo geral.

O Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil (CNBB, 1998), aponta que a Pastoral da Juventude tem como princípio a formação integral do ser humano e o uso do método Ver, Julgar, Agir, Rever e Celebrar. O método é utilizado dentro do processo de educação na fé e visa atingir o objetivo da Pastoral da Juventude, que é o de contribuir para a formação integral dos jovens, levando-os a ser os evangelizadores dos próprios jovens o que faz valer o protagonismo juvenil. .

Segundo Oliveira (2002), no processo de educação na fé, a PJ do Brasil opta por atuar nas diferentes dimensões que precisam ser cultivadas na vida de um jovem. Estas dimensões são vistas como as diferentes relações que o jovem tem: Consigo mesmo; com os outros; com a sociedade, com Deus e com a ação. Como hipótese para esta pesquisa, acreditamos que seja no desenvolvimento destas dimensões, a partir de atividades práticas, que os jovens caminham para um comprometimento social. Desejam para si – e para aqueles que estão ao seu redor – uma trajetória social de sucesso, pois, ao elaborar um projeto de vida, depositam nele sonhos, desejos, isto porque "a educação e a vivência da fé são concebidas como auto-aceitação, humanização, busca de sentido da vida e opção de valores" (CNBB, 1998, p. 162). Vejamos brevemente a descrição de cada um dessas dimensões[13]:

Relação consigo mesmo (Dimensão da personalização) – trata-se do conhecer a si mesmo. Responde às necessidades de amadurecimento afetivo e formação positiva da personalidade. *Reação com os outros (Dimensão da integração grupal e comunitária)* – corresponde à dimensão social, da descoberta e valorização do outro como ser diferente e do grupo como espaço das relações. *Relação com a sociedade (Dimensão sociopolítica)* – é a dimensão

[13] Para maior detalhamento destas dimensões e do método Ver-Julgar-Agir, ver Oliveira (2002) e Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil/CNBB (1998).

política, da inserção dos jovens na sociedade. A vivência desta dimensão capacita o jovem para ser cidadão consciente. Ele assume um compromisso de fé que se manifesta na luta pela promoção do bem comum e na construção de uma ordem social, política e econômica humana, justa e solidária. *Relação com Deus (Dimensão mística e teológica)* – corresponde à dimensão do encontro do jovem com a pessoa de Jesus Cristo, sua prática e seu projeto e a decisão de segui-lo. *Relação com a ação (Dimensão metodológica e de capacitação técnica)* – é a capacitação metodológica para o planejamento, desenvolvimento e avaliação da ação transformadora, para exercer a liderança e coordenação democrática nos grupos, nas organizações e junto às massas (CNBB, 1998).

A partir da análise documental, observou-se que, desde que iniciou os trabalhos, a Pastoral da Juventude tem utilizado o método ver, Julgar, Agir, acrescido pelo Revisar e Celebrar para trabalhar as dimensões descritas acima. A metodologia indutiva parte da realidade, da prática concreta, para o confronto com a teoria, a doutrina. Este também é o método sugerido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB para o trabalho de outras pastorais no Brasil.

Oliveira (2002) observa que o método Ver, Julgar, Agir (Rever e Celebrar) pode ser entendido como a prática de dois momentos pedagógicos e evangelizadores: a Revisão de Vida (RdV) e a Revisão da Prática (RdP). Na Diocese de Caetité, coordenadores e assessores participam de formação metodológica e espiritual para acompanhar os quase 2200 jovens, entre 13 e 30 anos, organizados em mais de 130 grupos presentes na diocese (106 na zona rural e 26 na zona urbana) [14]. Assim, acreditamos que, nos momentos de reflexão e de ação, na interação com assessores, coordenadores de grupos, colegas e demais pessoas vinculadas à Pastoral da Juventude, são construídas e/ou mobilizadas disposições reflexivas, organizativas, de perseverança e aprendizagens ligadas ao conhecimento de si e à autoestima que podem ter contribuído para a escolaridade longeva dos sujeitos investigados.

A Catequese

Segundo o Diretório da Catequese/CNBB (2006), após o Concílio Vaticano II – década de 1960, a Igreja renovou-se em seus planos de pastoral. A Catequese tomou novos rumos à luz de uma eclesiologia e cristologia mais voltadas para a situação real vivida pelo povo. A opção

[14] Dados obtidos a partir da pesquisa realizada por Fernandes (2008) e que culminou com a monografia intitulada *A Pastoral da Juventude em Pauta*.

preferencial pelo pobre e pelo jovem fez a Igreja rever seus princípios de catequese no tocante a conteúdo e metodologia, o que fez com que desse prioridade à formação de catequistas. Neste diretório, a Catequese é descrita como um processo formativo, sistemático, progressivo e permanente de educação na fé, cuja finalidade é "aprofundar o primeiro anúncio do evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo." (CNBB, 2006, p. 42). Para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, mais que transmitir conteúdos doutrinais, a Catequese deve ser realizada por meio de um roteiro de atividades evangélico-transformadoras baseadas no método Ver-Julgar-Agir, acrescentado de Celebrar e Rever[15]. E esta formação deve ocorrer nas diversas instâncias (família, CEBs, escola, trabalho) e para grupos das mais variadas idades (criança, adolescentes, jovens, adultos, pessoas idosas). Como valoriza a vida real e plena de todos os integrantes da comunidade, a Catequese tem como tarefa primordial introduzir o cristão no *conhecimento da fé*, da *iniciação litúrgica* e na *vida de oração.* Ao mesmo tempo, tem como tarefa importante de ser instrumento de *formação moral*, levando o catequizando a uma *vida comunitária* com pleno *testemunho de sua fé* e com vocação cristã à *vida missionária* (CNBB, 2006).

Na comunidade cristã, todos os batizados devem ser testemunhas de fé, mas alguns recebem oficialmente o ministério da Catequese, principalmente, os vocacionados (padres, diáconos, religiosas) e aqueles que querem dedicar parte de seu tempo à tarefa de educação na fé, os chamados catequistas. Assim, a Igreja, nos seus diversos níveis de organização (paróquia, diocese, regional, nacional), é chamada a se empenhar na formação de catequistas. A formação visa ao crescimento pessoal do catequista e à preparação básica para comunicar e transmitir o Evangelho com convicção e autenticidade. O perfil do catequista, definido pela CNBB (2006), deve se assemelhar ao modelo de Jesus Cristo, mestre e catequista de todos os tempos. Este perfil deve ser trabalhado em três dimensões: ser (rosto humano e cristão), saber (conhecimento da pessoa humana, do contexto sócio-cultural, da pedagogia da fé e da mensagem cristã) e saber fazer (voltados para a metodologia, programação, comunicação, educação e relacionamento com o outro). Como a Catequese é um processo educativo, o catequista necessita de conhecimentos das ciências humanas para compreender as pessoas e seus relacionamentos. Para a Igreja, "um catequista que gosta de aprender também fora do âmbito da Igreja, será mais criativo e terá mais recursos para dar conta de sua missão" (CNBB, 2006, p. 104).

[15] Explicados no item anterior.

Ao se observarem estas considerações sobre os objetivos da Catequese e sobre o perfil do catequista, levantamos uma hipótese para o nosso trabalho de que a atividade catequética (enquanto catequizando[16] ou catequista) poderá desenvolver disposições que colaboram diretamente para o processo de escolarização prolongada. Nos encontros de Catequese, o catequizando mobiliza ações valorizadas pela escola, como respeito à autoridade, cumprimento de regras (horário, tarefas), cuidado com livros e cadernos, boa relação com colegas, além de exercitar o hábito de leitura, escrita e expressão oral. Enquanto catequista, os jovens, além de mobilizarem as ações citadas, podem construir disposições organizativas e ligadas ao comprometimento social. O fato de ser catequista também pode influenciar na escolha/gosto profissional, levando os jovens a escolher (ou não) profissões ligadas ao magistério.

Na Diocese de Caetité, a Catequese está estruturada para atender aos mais variados ambientes e situações. Há a catequese para crianças pequenas, denominada de Pré-Catequese; para aquelas que estão se preparando para a primeira Comunhão; catequese de perseverança (para adolescentes que já fizeram a primeira comunhão e não tem idade para ingressar em outros grupos); catequese de crisma (para jovens e adultos que desejam confirmar a fé na Igreja Católica); catequese de adultos (pessoas que se preparam para receber o Batismo). Para trabalhar com qualquer desses grupos, um batizado deve passar por um curso de formação inicial, geralmente no início do ano, e por outras formações continuadas que poderão ocorrer na sua comunidade, na paróquia ou na diocese. Aqueles que desejam se tornar coordenadores paroquiais participam de um curso específico para coordenação e têm por obrigação manter um processo articulado de trabalho com outras pastorais. Na nossa pesquisa, quatorze, dos quinze jovens entrevistados, estiveram ou estão ligados à Catequese em seus vários níveis (Primeira Comunhão, Perseverança, Crisma, Batismo), bem como à coordenação da comunidade e à coordenação diocesana.

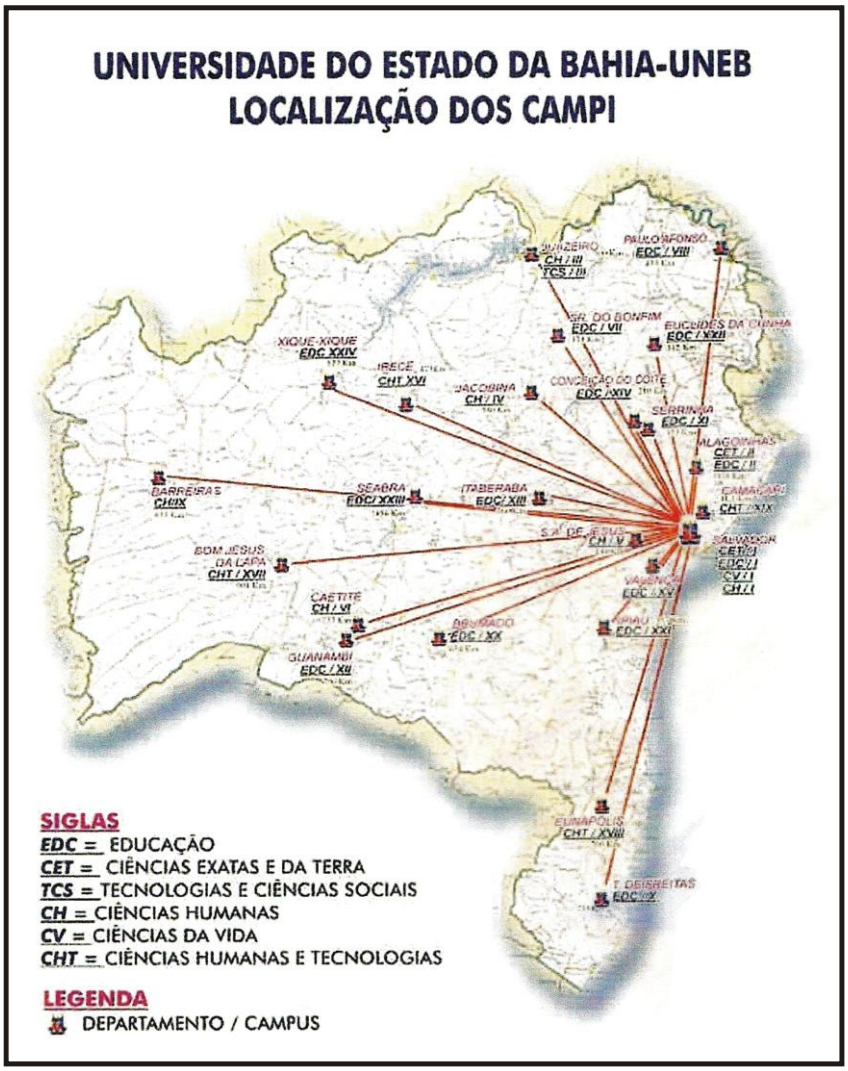
2.1.2 A Universidade do Estado da Bahia

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), uma das quatro instituições mantidas pelo governo do Estado da Bahia, foi fundada em 1983 e está presente geograficamente em todas as regiões do Estado. Estruturada no sistema multicampi, desde 1987, a UNEB possui 29

[16] Na Igreja Católica, a pessoa que se matricula numa turma de Catequese não é considerada aluno, mas sim, catequizando.

departamentos instalados em 24 *campi* sediados na capital e em 23 outros municípios baianos de médio e grande porte.

Mapa 2: Localização dos *campi* da Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Fonte: Site da UNEB

Atualmente, a universidade disponibiliza mais de 150 opções de cursos nas modalidades presencial e de educação a distância, nos níveis de graduação e pós-graduação, oferecidos nos 24 *campi*. Além dos *campi*, a UNEB está presente em centenas de outros municípios baianos por meio de programas e ações extensionistas em convênios com organizações públicas e privadas.

A seleção para a entrada nos cursos da UNEB é oferecida anualmente e a instituição, desde 1997, utiliza o sistema de cotas para selecionar os seus candidatos. No último vestibular

(2011), mais de 40 000 inscritos disputaram as 2 500 vagas oferecidas pelos 24 *campi*. Os cursos mais concorridos são os ligados à área de saúde (Nutrição – 103,27[17], Fisioterapia – 106,07, Farmácia – 58,4, Fonaudiologia – 28,4 e Enfermagem – 23,33); Direito – 71,82; Psicologia – 69,57; Engenharia de Produção Civil – 52,67 e Administração – 21,44. A concorrência é maior para o Campus da capital, entretanto, os cursos concorridos da capital, quando ofertados no interior, são também os mais concorridos, dentre os disponíveis nestes departamentos.

A escolha dos jovens participantes desta pesquisa nos conduziu tanto a estudantes matriculados na UNEB Campus XII Guanambi, que residem em Caetité-Bahia[18], quanto alunos que frequentam os grupos religiosos em Guanambi (na Paróquia Santo Antônio) e estão matriculados na UNEB Campus VI Caetité. Assim, é pertinente descrever, mesmo que sucintamente, os dois departamentos da referida universidade.

O Departamento de Educação de Guanambi – DEDC

O Departamento de Educação de Guanambi foi criado inicialmente como Faculdade de Educação de Guanambi (FAEG) em 1989. Somente em 1997, com a reestruturação das universidades estaduais da Bahia, a UNEB adotou a estrutura de multicampia e a FAEG foi transformada em Departamento de Educação – DEDC Campus XII Guanambi.

Atualmente, o Campus XII da UNEB oferece os cursos de Licenciatura em Pedagogia (matutino e noturno) e Educação Física (diurno), Bacharelado em Enfermagem (diurno) e Administração (noturno). Além dos quatro cursos oferecidos no departamento, o Campus XII oferece também cinco turmas de graduação (em Educação Física, Pedagogia[19], Letras e Arte) integrantes do Programa Especial de Formação Plataforma Freire e os cursos de Matemática e Geografia do Programa Especial de Formação para Professores do Estado – PROESP, ambos de caráter modular. São 1228 alunos matriculados nos onze cursos oferecidos em Guanambi e região. Desse total, 1038 estão matriculados nos quatro cursos regulares oferecidos pelo departamento.

[17] Concorrência por vaga para o Campus de Salvador-Bahia.
[18] Município localizado no sudoeste baiano, a 757 km da capital. Pelos dados do último censo do IBGE (2010) possui uma população de 47.515 habitantes.
[19] Uma turma em Guanambi e outra em Palmas de Monte Alto, município próximo a Guanambi.

Dentre os projetos desenvolvidos pelo Departamento de Educação de Guanambi, dois são de interesse desta pesquisa porque abrangem a preparação para o vestibular em que os jovens entrevistados estiveram envolvidos, o Pré-vestibular Social e o programa Universidade para Todos. O Pré-vestibular Social, criado em 2004, oferece 40 vagas para alunos provenientes das escolas públicas e conta com o trabalho voluntário de professores das diversas disciplinas. As aulas ocorrem apenas no sábado à tarde. No seu primeiro ano de funcionamento, garantiu a aprovação de 23 cursistas[20] em universidades públicas da região. Essa experiência exitosa, segundo o coordenador da época, motivou a equipe da UNEB e da administração do Estado a criar o programa Universidade para Todos que se estendeu para as quatro universidades baianas.

O programa Universidade para Todos, cursinho pré-vestibular público e gratuito, oferece, em Guanambi, 150 vagas para alunos egressos da rede pública de ensino e alunos matriculados no 3º ano do Ensino Médio. Este programa seleciona os alunos a partir do desempenho no Ensino Médio nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Os professores são também selecionados dentre os graduandos de UNEB e recebem uma bolsa para trabalhar 20 horas semanais.

Em conversa com o professor Josias Benevides, atual coordenador dos dois projetos, não há registros sobre a quantidade de pessoas que já passaram pelo cursinho e quantos foram aprovados neste período. Há uma estimativa de atendimento de mais de mil alunos em todos os anos, mas dados numéricos sobre a aprovação se tornam difíceis porque não é hábito dos alunos informarem ao programa a sua aprovação em vestibulares. Apenas estão registrados os dados sobre a aprovação dos cursistas no último vestibular para os *campi* de Guanambi e Caetité em que foram aprovados 27 alunos que fizeram o pré-vestibular em Guanambi: 19 para os cursos de licenciatura (Pedagogia, Geografia, Matemática, História e Ciências Biológicas) e 8 para os bacharelados em Administração e Enfermagem.

Em relação à concorrência no vestibular, buscamos, por meio do site da UNEB, dados que puderam ser utilizados na elaboração da Tabela 1.

[20] Nesta primeira turma frequentavam 40 alunos.

TABELA 1: Concorrência vestibular da UNEB nos Campus XII e VI

CAMPUS XII – GUANAMBI			CAMPUS VI – CAETITÉ		
Cursos	Vestibular 2010	Vestibular 2011	Cursos	Vestibular 2010	Vestibular 2011
Enfermagem	16,23	18,8	História	4,77	7,31
Administração	7,42	9,6	Ciências Biológicas	4,50	5,41
Educação Física	5,52	5,42	Letras/Português	4,33	3,67
Pedagogia / Noturno	3,22	3,8	Geografia	2,97	4
Pedagogia/ Matutino	2,72	2,96	Matemática	2,80	4,38
			Letras/ Inglês	1,52	3,53

Fonte: Universidade do Estado da Bahia – UNEB/2011

A Tabela 1 mostra que os cursos mais concorridos para os dois *campi* são os bacharelados em Enfermagem e Administração. Mas as licenciaturas em História, Educação Física e Ciências Biológicas também têm concorrência alta se comparados a outros cursos destes departamentos.

O Departamento de Ciências Humanas – DCH

Como alguns entrevistados não fazem o curso no Campus XII Guanambi, convém assinalar alguns dados do Campus VI Caetité. O Campus é originário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras criada em 1983 e torna-se um departamento da UNEB em 1997. Mas a trajetória do Departamento de Ciências Humanas da UNEB em Caetité remonta à criação da Escola de Nível Superior, em 1977, pela Secretaria de Educação do Estado, em resposta às iniciativas da sociedade local, expressas por meio das lutas do Bispo D. Eliseu Gomes de Oliveira. Atualmente, o Campus oferece seis cursos de licenciatura (Letras com habilitação em Língua Inglesa e Literaturas, Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, Geografia, História, Matemática e Ciências Biológicas) nos quais estão matriculados 1237 alunos[21].

Ressalta-se que, além dos cursos regulares, há ainda o Programa de Formação de Professores da Rede Estadual de Ensino - PROESP, com o curso de Biologia na sede do Departamento, e os cursos de Geografia, História, Letras, Matemática, Biologia e Informática, ligados ao Programa de Formação Nacional de Professores – PARFOR.

[21] Fonte: <http://www.campus6.uneb.br/site/o-departamento.html>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Convém salientar que, dentre as cinco instituições de Ensino Superior presentes no município de Guanambi, a UNEB foi escolhida para campo de pesquisa porque possui um processo seletivo mais exigente e por concentrar um maior número de estudantes de origem popular[22].

2.2 Os Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são quinze[23] jovens universitários, selecionados mediante a reunião de três condições básicas, definidas na elaboração do nosso projeto de pesquisa. Primeiro, ter sido aprovado no vestibular para a Universidade do Estado da Bahia – UNEB[24]; segundo, ter origem popular[25] e, por fim, participar ou ter participado ativamente em algum grupo religioso católico. Em relação a este último critério, demos preferência para os militantes com mais tempo de participação e os coordenadores dos grupos, pelo maior envolvimento nos processos de planejamento e organização dos encontros grupais.

Quanto ao primeiro critério, inicialmente, havia a ideia de selecionar aqueles alunos matriculados nos cursos mais concorridos. No entanto, devido à natureza da escolha dos entrevistados, essa ideia não foi considerada, o que trouxe vantagens porque a pesquisa empírica foi realizada com representantes da maioria dos cursos ofertados pela UNEB Campus XII Guanambi e mais outros cursos da UNEB Campus VI Caetité. Isto possibilitou ouvir depoimentos daqueles alunos que optaram pelos cursos menos concorridos.

Assim como na pesquisa de Viana (2007), a escolha dos sujeitos deu-se por meio da indicação de colegas de trabalho na UNEB e de companheiros e coordenadores de grupos religiosos católicos da paróquia de Guanambi. Segundo Viana (2007, p. 24), "há uma tendência da pesquisa no campo das Ciências Sociais, que é a de considerar a via das indicações como alternativa legítima e pertinente de escolha de sujeitos para a pesquisa". Portanto, as indicações feitas para esta pesquisa foram pertinentes e legítimas.

---

[22] Em Guanambi, além da UNEB, há um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFBaiano, recentemente instalado; a Faculdade Guanambi, instituição particular; e alguns polos de Educação Superior privada à distância.

[23] Número definido como satisfatório para atender aos objetivos propostos neste trabalho.

[24] Todos os jovens passaram pela experiência do vestibular na UNEB, entretanto, duas jovens, atualmente fazem graduação numa instituição de ensino privado. Maria trocou a Licenciatura em Matemática pelo curso de Nutrição e Vanessa deixou o curso de Pedagogia virtual e estava, no período da entrevista, no primeiro semestre de Psicologia.

[25] Nesta pesquisa, consideram-se de origem popular aqueles jovens que cursaram a Educação Básica em escolas públicas, que a família tem baixo poder aquisitivo e os pais reduzido nível de escolaridade.

2.3 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

O presente estudo, como já pontuado, teve como objetivo investigar a constituição das trajetórias escolares de estudantes universitários de origem popular, visando compreender a influência da inserção em grupos religiosos na construção de percursos longevos. Para tal, buscamos identificar e caracterizar formas de presença dos grupos religiosos nas trajetórias escolares analisadas; analisar os processos de socialização ocorridos nesses grupos religiosos e identificar disposições construídas nos grupos religiosos que contribuíram para a escolaridade longeva dos sujeitos investigados. Para alcançar os objetivos propostos, optamos por uma metodologia de pesquisa qualitativa. Essa metodologia se fundamenta na tradição compreensiva e interpretativa e "parte do pressuposto de que as pessoas agem motivadas por costumes, percepções e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado" (PATTON, 1986 apud ALVES MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1999, p.131). Segundo Bogdan e Biklen (1994), numa pesquisa qualitativa, o pesquisador deve ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o investigador como instrumento principal; os dados são coletados por meio de investigação descritiva; o processo é mais importante que resultados ou produto; a análise de dados ocorre de forma indutiva e o sentido que as pessoas dão às suas vidas é de importância vital.

Para estudar a complexidade das disposições de pensamento, sentimento e ação ligada ao sucesso escolar, construídas ou atualizadas nos processos de socialização ocorridos nos grupos religiosos católicos, foi importante nesta pesquisa reconstruir as trajetórias escolares e de participação na Igreja de alguns jovens. Esta reconstrução foi possível por meio de entrevistas semi-estruturadas, de maneira que pudemos identificar as formas de presença dos grupos religiosos nas trajetórias escolares destes jovens, bem como as disposições construídas que podem ter contribuído para a longevidade escolar. Para isto, levou-se em conta a noção de interdependência defendida por Elias (1994) e já abordada no capítulo anterior.

Ao estudar um fenômeno, surge a possibilidade de romper com naturalizações, determinismos e cristalizações, pois, ao questionar o instituído, temos a oportunidade de conhecer novos campos teóricos e/ou empíricos que poderão ajudar na conceituação dos mesmos, neste caso, de uma educação mais justa e democrática. O envolvimento com esse objeto de pesquisa possibilitou-nos conhecer um pouco mais sobre a educação, especificamente, as trajetórias escolares de êxito dos sujeitos das camadas populares. Assim, esta pesquisa constitui-se um

importante processo de aprendizagem, marcado por encontros e desencontros que fizeram ampliar a nossa responsabilidade ética e política com a educação, especialmente, com a educação de jovens de origem popular. Neste itinerário, vivenciamos intensos momentos de reflexão sobre a inserção e permanência de jovens pobres na universidade e o nosso papel como educadora-pesquisadora frente a esses jovens. Foi um percurso árduo que nos propomos a traçar aqui.

Os dados empíricos foram coletados por meio de questionários e entrevistas semi-estruturadas aplicados a quinze estudantes de graduação. Após indicação para a escolha dos sujeitos, o primeiro contato entre pesquisadora e estudantes foi realizado por alunos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e/ou por representantes dos grupos religiosos com os quais os entrevistados tinham mais afinidade. Aceito o convite para participar da entrevista, entrávamos em contato e marcávamos o primeiro encontro para explicar mais detalhadamente a pesquisa e colher informações por meio de um questionário. Para os quatro primeiros entrevistados, foram realizados dois encontros em dias diferentes. Um para apresentar a pesquisa e responder ao questionário e outro encontro para a entrevista. Com os demais participantes, devido à escassez de tempo dos informantes e por causa do deslocamento para outras cidades (duas entrevistas foram realizadas no município de Caetité), optamos por condensar os dois momentos em apenas um.

O questionário (*vide em apêndice A*) teve como objetivo evidenciar o perfil socioeconômico e a inserção nos grupos religiosos dos graduandos e de sua família. Os dados coletados pelas questões que versavam sobre a escolaridade dos sujeitos e sobre os grupos dos quais participam na igreja permitiram que nos organizássemos para instigar/provocar a fala dos jovens durante a entrevista, quando determinado aspecto de interesse da pesquisa não fosse abordado. Os dados do questionário se tornaram um meio importante para a (re)estruturação do roteiro de entrevista. Foi realizada também a análise do material de preparação para alguns encontros grupais (subsídios, manuais, jornais religiosos, livros de música). A análise desse material nos permitiu conhecer a organização de alguns grupos religiosos, o que tornou possível confirmar ou refutar os dados obtidos por meio das entrevistas.

Como o objetivo era investigar a influência da socialização em grupos religiosos nas trajetórias escolares, optou-se por privilegiar as entrevistas como fonte de dados. Segundo Lahire (2004), a entrevista pode ser um meio privilegiado para se reconstruir processo ou a gênese social de certos fenômenos, principalmente, por permitir a coleta de dados de caráter

biográfico e histórico. A entrevista qualitativa permite construir uma representação da realidade a partir de dados subjetivos que "constituem uma representação da realidade: ideias, crenças, maneiras de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes e inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos" (MINAYO, 2007, p. 65). Daí se justifica a escolha dessa fonte de coleta de dados.

Para a realização das entrevistas, apoiamo-nos também na discussão de Bosi (2006) sobre a questão da memória. Para ela, não se trata de lembrar simplesmente, pois diante de uma situação criada no presente, há uma produção de memória que permite ao sujeito entrevistado ressignificar a sua experiência de vida. Assim sendo, as entrevistas foram utilizadas para reconstituir as trajetórias escolares dos sujeitos até a universidade e buscaram compreender a forma como práticas, eventos, situações, processos ou personagens, que fazem ou fizeram parte de sua vida na esfera religiosa, influenciaram na construção de disposições favoráveis à longevidade escolar. O tipo de entrevista utilizada foi a semi-estruturada, também chamada de focalizada ou semidiretiva em que "o entrevistador faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos" (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER 1999, p.168). Enquanto os entrevistados narravam sobre a sua trajetória escolar e na Igreja, buscamos garantir que alguns pontos importantes, estabelecidos pelos objetivos e questões levantadas na elaboração do problema, fossem abordados, como por exemplo, desempenho escolar na Educação Básica, o acesso ao Ensino Superior, nível de envolvimento com os grupos religiosos, aprendizagens nos grupos que favoreceram o sucesso escolar, entre outros (*vide Roteiro de Entrevista em apêndice B*).

As entrevistas com os estudantes foram realizadas, em sua maioria, na residência do entrevistado. Entretanto, outros locais foram escolhidos, sempre a critério do jovem, para que ele se sentisse o mais confortável possível. Assim, Antônio e Artur optaram pela entrevista na casa da pesquisadora; Eduardo foi entrevistado na casa dos padres em Guanambi; Eunice, Vanessa e Rute escolheram o local de trabalho; Érico, Juliana e Anita responderam à entrevista nas dependências da UNEB. As entrevistas foram gravadas[26] e, posteriormente, transcritas, de forma literal. O tempo de cada gravação durou, em média, 80 minutos. Depois de transcritas, entregamos a cada estudante uma cópia para que lesse e autorizasse a utilização de sua narrativa de forma escrita, conforme termo de autorização assinado por todos[27] (*vide Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em apêndice C*). Os informantes demonstraram

[26] As quinze entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e maio de 2011.
[27] O termo garante o anonimato e a confidencialidade dos entrevistados, entre outras coisas.

disponibilidade em relatar sobre as trajetórias escolares e vivências religiosas. Destaca-se que, em alguns casos, a entrevista funcionou como momentos de autorreflexão.

Realizamos a análise das entrevistas, primeiramente, via processo de imersão no material por meio de leituras e releituras sucessivas das transcrições, pois os "fatos jamais impõem sua evidência. Eles sempre supõem um olhar (ou ponto de vista) que os constituem". (LAHIRE, 2006, p. 17). Pela dimensão da pesquisa e riqueza das entrevistas, a análise de conteúdo foi utilizada para tratamento de dados. Cada entrevista foi considerada e analisada em sua singularidade e totalidade. Procuramos conservar todos os detalhes que são importantes quando se trata da análise de práticas que são a parte observável de uma disposição. Foi feita uma análise de conteúdo transversal e vertical do conjunto dos relatos e buscaram-se similaridades e divergências entre os percursos escolares dos graduandos na sua interface com os processos de socialização ocorridos nos grupos religiosos.

Quando consideramos o estudo de disposições, é preciso atenção a toda fala, gestos, palavras não ditas, pois o trabalho de interpretação de uma entrevista nunca deve se contentar apenas com o que é particularmente significativo para cada entrevistado, pois segundo Lahire (2004, p. 316) "respeitar o entrevistado é levar em conta todas as suas palavras e não apenas aquelas que ele acentua para seu interlocutor". Portanto, devemos levar em consideração na análise dos dados, não apenas os elementos que o entrevistado julga pertinente em relação ao seu caráter e personalidade como também elementos de seu patrimônio de disposições que se evidenciam por meio do estudo de respostas aparentemente banais.

Durante a análise dos dados, as categorias descritivas foram sendo construídas com base na problemática da pesquisa e nas temáticas que emergiram das leituras das narrativas biográficas. Da análise das entrevistas com os graduandos surgiram basicamente algumas categorias principais: a sociabilidade nos grupos religiosos, a constituição de disposições temporais de futuro, as práticas de leitura e escrita, as condições materiais e subjetivas oportunizadas pelos grupos religiosos que se constituíram eixos temáticos para a escrita dos capítulos três, quatro e cinco deste trabalho.

Por fim, é importante considerar que a pesquisadora é alguém que vive e sente. Que atua no mundo, relacionando-se e transformando-se. O contato com os sujeitos entrevistados, a escuta de suas histórias e confidências permitiram continuar a escrita das histórias singulares da

pesquisadora e pesquisados com elementos advindos da nova teia de relações na qual transitaram afeto e confiança.

CAPÍTULO 3
O PERCURSO ESCOLAR DOS JOVENS ENTREVISTADOS

Este capítulo tem a intenção de apresentar alguns aspectos da trajetória escolar dos entrevistados, com ênfase nas últimas séries do Ensino Fundamental [28] e no Ensino Médio, pois as recordações são mais vívidas para este período que aparenta ser aquele quando as decisões para a vida profissional são tomadas, bem como a permanência nos estudos visando ao ingresso num curso superior. O capítulo será dividido em três partes: Na primeira, apresentamos os perfis dos jovens entrevistados. Na segunda parte, serão analisados o desempenho escolar dos entrevistados na Educação Básica e as relações construídas nestas trajetórias. E, na terceira parte, serão apresentados os trajetos para se chegar até à universidade, com ênfase na escolha do curso e o desafio do vestibular.

3.1 Breves Perfis dos Entrevistados

A nossa intenção em apresentar um breve perfil de cada entrevistado é a de situar o sujeito no seu contexto familiar e religioso, pois olhar o sujeito singular a partir da noção de configuração social (ELIAS, 1994) é inseri-lo numa teia de relações que apresenta traços em interdependência que não podem ser tomados em si, nem justapostos, mas precisam ser contextualizados. Assim, na apresentação destes perfis, são priorizadas as características que se referem à idade, estado civil, ocupação, curso e semestre em que cada um está matriculado, escolaridade e ocupação dos pais, número de irmãos e escolaridade dos mesmos, bem como a sua trajetória na igreja desde que ingressou até o momento da entrevista.

Válido ressaltar que não foram feitas referências sobre a trajetória dos sujeitos na Educação Básica porque esta será objeto de análise no item 3.2 deste capítulo. A ordem de apresentação dos perfis obedece à mesma sequência em que os jovens foram entrevistados.

[28] Mesmo que alguns jovens se refiram a uma nomenclatura ligada à sua época de curso, utilizarei, nesta pesquisa as designações definidas pela Lei 9394/96, atual LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), para os níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Superior.

Adriana[29], educadora popular[30], tem 39 anos e, na época da entrevista, cursava o oitavo semestre do curso de Pedagogia (Matutino) na UNEB Campus XII Guanambi. Casada, é mãe de um jovem de 22 anos e de um adolescente de 14 anos. Sua mãe era analfabeta e ela não conheceu o pai. É a terceira de uma linhagem de oito filhos, em que a irmã que alcançou maior escolarização cursou o 1º ano do Ensino Médio, outros dois são analfabetos e quatro abandonaram a escola antes de concluir o Ensino Fundamental.

Na infância, não participou de nenhum grupo religioso; foi batizada somente na adolescência e frequentou esporadicamente o Centro Espírita e os cursilhos oferecidos pelas Testemunhas de Jeová. Aos 20 anos, segundo conta *"sentiu vontade de uma relação maior com Deus"* e aceitou o convite para participar de um projeto social de iniciativa católica cujo objetivo, além da evangelização, era ensinar a bordar. Mais tarde, o projeto tomou outros rumos e passou a dar assistência pedagógica às crianças do mesmo bairro. Aos 28 anos, por ter se tornado muito próxima das coordenadoras deste projeto, foi convidada a assumir uma turma de reforço escolar, para colaborar na alfabetização de crianças em situação de risco no bairro onde morava. Assim, iniciou sua participação na Pastoral do Menor[31], trabalho que realiza ainda hoje, com a diferença de que, atualmente, recebe bolsa de um salário mínimo para trabalhar 20 horas semanais. Já foi catequista por três anos e, no momento da entrevista, atuava como vice-coordenadora da Catequese da comunidade católica de seu bairro.

Juliana tem 22 anos e cursa o quarto semestre de Pedagogia (Matutino) na UNEB Campus XII Guanambi. Seus pais cursaram até a quarta série do Ensino Fundamental. A mãe tem ocupações domésticas enquanto o pai trabalha como vigilante. Possui um irmão de 17 anos que está na 8ª série do Ensino Fundamental. Para colaborar com as despesas domésticas, principalmente as despesas com o transporte para estudar, pois mora em Caetité[32], fez seleção

[29] Como já foi apontado anteriormente, os nomes utilizados neste trabalho são pseudônimos.
[30] Indagada sobre a ocupação profissional, ela se autodenomina como educadora popular, trabalho remunerado que desenvolve no Projeto Monte Pascoal, ligado à Pastoral do Menor.
[31] A Pastoral do Menor possui vários projetos na Diocese de Caetité, mas para este trabalho interessa o projeto desenvolvido em Guanambi, denominado "Projeto Monte Pascoal e Sol Nascente", pois cinco dos jovens entrevistados atuam neste projeto. O projeto é desenvolvido em dois bairros periféricos de Guanambi-Bahia e visa contribuir na formação humana cultural, política e religiosa de crianças e adolescentes em situação de risco social. Os jovens e adolescentes recebem aula de reforço escolar, aulas de pintura, bordado, informática e participam de atividades esportivas e de lazer durante quatro dias por semana no turno oposto àquele que frequentam na escola. (Informações dadas pela entrevistada Angélica que atua como coordenadora pedagógica do projeto)
[32] A cidade de Caetité fica a uma distância de 42 km do Campus XII Guanambi onde funciona o curso que a entrevistada está matriculada.

para bolsista PAE (Programa de Assistência ao Estudante)[33] e está no programa há dez meses. Apenas o pai, vigilante, tem trabalho remunerado na família.

Desde pequena participa da missa, incentivada pelos pais. Segundo relatou, aos sete anos pediu para entrar na Catequese porque desejava receber a Eucaristia. Nessa época, além das aulas de preparação à primeira comunhão, começou a participar do MEJ – Movimento Eucarístico Jovem, grupo de crianças e adolescentes que organizava a liturgia das missas dominicais para crianças, com reuniões todo sábado à tarde. Concomitante à participação no MEJ, tornou-se catequista aos 12 anos e membro do grupo de oração da Renovação Carismática Católica[34]. Há três anos, deixou o MEJ e organizou, juntamente com cinco amigos, um grupinho de base da Pastoral da Juventude, denominado JAC – Jovens Agindo com Cristo. Tem os finais de semana sempre ocupados com os diversos grupos dos quais participa.

Artur, com 31 anos, está matriculado no 6º semestre de Licenciatura em História (Noturno) na UNEB, Campus VI Caetité. Filho de mãe analfabeta e pai com o 3º ano do Ensino Fundamental, possui cinco irmãos; três concluíram a Educação Básica, um fez Licenciatura em Matemática e outro está cursando Licenciatura em Pedagogia. O pai é guarda noturno aposentado e a mãe nunca trabalhou fora de casa. Apesar de não ter emprego fixo, Artur se sustenta com a bolsa que recebe como estagiário do IEL – Instituto Euvaldo Lodi, ministrando aulas numa escola pública estadual de Guanambi.

Desde pequeno frequentou a Igreja porque os pais sempre foram católicos. Tornou-se catequista e, após participar do encontro vocacional, conta que *"decidiu fazer experiência mais profunda"* e foi morar com os padres no seminário em Vitória da Conquista[35]. Ao final de dois anos, foi convidado a voltar para casa para rever sua decisão. Atualmente, permanece na Catequese e atua como ministro extraordinário da eucaristia na sua comunidade.

Rosa tem 31 anos e cursa o 7º semestre de Pedagogia (Matutino) na UNEB Campus XII Guanambi. Trabalha como auxiliar de serviços gerais numa escola municipal e possui um filho de 11 anos. Sua mãe cursou até a sétima série do Ensino Fundamental. Não soube precisar a escolaridade do pai. Disse apenas que era alfabetizado. Dos quatro irmãos, dois

[33] Bolsa-auxílio ao estudante carente oferecido pela Universidade do Estado da Bahia.
[34] Movimento que teve sua origem em 1967, nos EUA, e tem como missão evangelizar a partir do Batismo no Espírito Santo. Os batizados recebem carismas ou dons do Espírito Santo que devem ser empregados para o bem comum e para edificar a Igreja Católica por meio dos trabalhos nos diversos ministérios (SILVA, 1990).
[35] Município do sudoeste baiano onde a Diocese de Caetité mantém um seminário de formação sacerdotal.

concluíram a Educação Básica, uma irmã fez Pedagogia e atua no magistério da Educação Básica e outra foi aprovada recentemente para o curso de Pedagogia.

Quando criança, disse que acompanhava a mãe, católica atuante, às missas dominicais. Aos 15 anos, começou a participar do grupo de jovens da comunidade e, pouco tempo depois, tornou-se catequista de Primeira Comunhão. Motivada pelo constrangimento de uma gravidez (mãe solteira aos 19 anos), afastou-se do grupo de jovens e da Catequese, mas não da comunidade; continuou participando das missas, das novenas e festas de padroeiro. Retornou, há três anos, para a Pastoral Familiar, onde atualmente participa da equipe de coordenação.

Rita, 33 anos, é irmã de Rosa. Na época da entrevista estava matriculada no 1º semestre de Pedagogia (Matutino) na UNEB Campus XII Guanambi. A ocupação do pai é pedreiro e a mãe ajuda o filho numa pequena lanchonete instalada ao lado da residência. Como a irmã, também sustenta sozinha uma filha de 11 anos com o trabalho de auxiliar de serviços gerais numa escola municipal. Os quatro irmãos concluíram a Educação Básica e as mulheres continuaram a estudar. Uma já concluiu o curso de Pedagogia e a outra cursa o 7º semestre do referido curso.

De tradicional família católica, lembra que seu avô materno fora sacristão e que a mãe incentivava bastante a sua participação nas missas dominicais. Entrou para o grupo de jovens da comunidade aos 14/15 anos e tem agradáveis lembranças dos congressos diocesanos realizados por ocasião do Dia Nacional da Juventude. Foi nessa idade que também passou a trabalhar na Catequese de Primeira Comunhão. Quando engravidou (uma história semelhante à irmã, Rosa) afastou-se da Catequese e do grupo de jovens porque achava que, como mãe solteira, seria um mau exemplo para as crianças. Continuou participando das celebrações na comunidade e da missa dominical. Atualmente, é agente de Pastoral Familiar.

Vanessa tem 33 anos e cursa o 1º Semestre de Psicologia (Noturno) na Faculdade Guanambi[36]. É professora de Educação Infantil numa escola particular. Além de trabalhar nesta escola, desempenha a função de educadora no projeto Monte Pascoal, ligado à Pastoral do Menor. Os pais tiveram pouca escolarização; o pai frequentou quatro anos de escola e a mãe é analfabeta. Ela relata que desde cedo precisou trabalhar para ajudar nas despesas, pois o pai, pedreiro, e a mãe, lavadeira de roupas, tinham dificuldades financeiras para manter a casa

[36] Instituição privada.

e os filhos. Possui dois irmãos mais novos. Um rapaz que cursou até a 4ª série do Ensino Fundamental e uma moça que concluiu o Ensino Médio.

Como os pais não frequentavam a Igreja, ela conta que tomou a decisão de entrar para a Catequese aos sete anos, influenciada pelo clima de alegria que pairava no local das reuniões – uma escola próxima à sua casa. Cursou todas as etapas da Catequese e, ao final, decidiu que queria ser catequista. Aos 14 anos também começou a participar de um grupinho de base ligado à Pastoral da Juventude, em sua comunidade, o JUBAP – Jovens Unidos Buscando Amor e Paz. Assumiu a coordenação um ano após a sua entrada. Nos quase 20 anos de Pastoral de Juventude, colaborou de várias formas para o fortalecimento dessa pastoral na diocese, participando da equipe de coordenação paroquial, zonal, diocesana e, atualmente, é assessora da Pastoral da Juventude na Diocese de Caetité e acompanha uma turma de crianças carentes no Projeto Monte Pascoal.

Angélica tem 28 anos e cursa o último semestre de Pedagogia (Noturno) na UNEB, Campus XII Guanambi. É professora de Ensino Fundamental numa escola rural no município de Caetité. Seu pai é apicultor e cursou até a 4ª série do Ensino Fundamental e sua mãe, dona de casa, estudou até a 8ª série. Possui dois irmãos, uma com 22 anos, que concluiu o Ensino Médio e outro com 17 anos, que cursa a 8ª série do Ensino Fundamental.

Narra que, quando criança, não teve incentivo dos pais para participar da Igreja e entrou para a Catequese por iniciativa própria. Quando concluiu a Catequese, aos 12 anos, quis assumir uma turma, mas, como era muito nova, ficou ajudando outra colega. Permaneceu na Catequese até os 24 anos. Também participava das festas da comunidade e, por esta razão, teve oportunidade de ingressar no grupo de jovens da Pastoral da Juventude aos 14 anos e tornou-se membro da coordenação paroquial, zonal e diocesana. Após conclusão do Magistério, foi convidada por uma amiga para colaborar no Projeto Monte Pascoal, na parte de recreação, como voluntária. Hoje, como Vanessa e Adriana, possui uma turma de reforço escolar neste projeto social e recebe bolsa de trabalho no valor de um salário mínimo. Antes de entrar para a universidade, o seu envolvimento com a Igreja era mais intenso, pois no sábado à tarde atuava na Catequese, à noite, participava das reuniões dos grupos de jovens, no domingo, a missa; e ainda cuidava da biblioteca da Pastoral da Juventude duas vezes por semana.

Maria tem 25 anos e cursa o 7º semestre de Nutrição (Matutino) na Faculdade Guanambi. Filha de pescador e dona de casa aposentados, diz apenas que os pais fizeram o Ensino Fundamental. Não soube precisar quantos anos frequentaram a escola. Durante a semana fica em Guanambi para cursar a faculdade e no final de semana vai para Malhada[37] trabalhar como funcionária pública. Dos quatro irmãos, mais velhos, três fizeram Ensino Médio e uma irmã cursou Pedagogia.

Quando criança, era incentivada pela mãe a frequentar as missas todos os domingos. Essa assiduidade fez com que sua participação nos grupos religiosos fosse precoce. Tornou-se catequista aos 11 anos e frequentava o grupo de jovens, acompanhando a irmã, com apenas 12 anos. O envolvimento com as atividades religiosas não se limitava à Catequese e ao grupo de jovens, pois concomitante a eles, também participava do grupo de preparação para a liturgia dominical e da Infância Missionária[38].

Até a entrada no Ensino Superior, quando se mudou para outro município, Maria se envolvia em atividades ligadas a algum grupo religioso, praticamente a semana toda. Começava na sexta com o planejamento para a Catequese; no sábado, trabalhava com duas turmas de Catequese, uma pela manhã e outra à tarde; à noite, participava das reuniões do grupo de jovens; no domingo pela manhã, limpeza da Igreja, acompanhava a missa das crianças e meio-dia era frequente fazer almoço na casa do padre para todas as crianças que estiveram na missa; à tarde, ensaio do coral e, à noite, missa novamente; na quarta-feira, depois da aula, participava da reunião com as crianças da Infância Missionária.

Eduardo tem 24 anos e cursa o 1º semestre de Administração (Noturno) na UNEB Campus XII Guanambi. Trabalha como guarda municipal numa escola da sede do município. Seus pais, auxiliar de serviços gerais e dona de casa, deixaram a escola ainda no Ensino Fundamental. O pai cursou até a 5ª e a mãe até a 7ª série. Ele tem apenas uma irmã de 23 anos que terminou o Ensino Médio.

[37] Município baiano, banhado pelo rio São Francisco, com 16.014 habitantes. Fica a 899 km de distância da capital.

[38] A Infância e Adolescência Missionária é uma dos quatro organismos que formam as Pontifícias Obras Missionárias (POM), cujo objetivo maior é infundir nos católicos, desde a infância, o sentido verdadeiro universal e missionário para despertar a responsabilidade para o compromisso com a evangelização do mundo. A Obra tem por finalidade suscitar o espírito missionário universal das crianças e adolescentes, desenvolvendo seu protagonismo na solidariedade e na evangelização de todo o povo de Deus. "Criança evangeliza e ajuda criança" é o lema deste grupo. Fonte: <http://www.catolicanet.net/im/pagina.php>. Acesso em: 13 dez. 2011.

Quando criança não frequentava muito a Igreja. Foi batizado na mesma época em que fez a primeira comunhão. Lembra que não gostava muito da Catequese e fez contra a sua vontade. Conta que foi uma vizinha que aconselhou os pais a batizá-lo para deixar de ser rebelde e sapeca. Entrou para o grupo de jovens aos 15 anos, com o objetivo de conhecer garotas bonitas. No entanto, permanece até hoje participando deste grupo porque disse que conheceu e apaixonou-se pela proposta de Jesus Cristo. Sua intensidade de participação nos eventos rendeu-lhe apelidos como "barata de Igreja" e "padrezinho". Atuou na Catequese apenas um ano. Atualmente, integra a equipe de coordenação paroquial da Pastoral da Juventude e participa do Ministério de Música da Renovação Carismática Católica.

Érico, 33 anos, cursa o 9º semestre de Pedagogia (Noturno) na UNEB Campus XII Guanambi. Tem uma trajetória escolar diferente dos outros entrevistados porque estudou toda a Educação Básica na zona rural do município onde morava e foi fazer o Ensino Médio em Salvador, capital da Bahia. Os pais agricultores têm pouca escolarização, diz que a mãe é analfabeta e o pai é alfabetizado. São oito irmãos. Os três mais velhos estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental, dois concluíram o Ensino Médio e os três mais novos fazem curso superior em *Design*, Nutrição e Licenciatura em Educação Física. Érico tem uma filha de 2 anos e trabalha como estagiário do IEL – Instituto Euvaldo Lodi, numa escola pública em Guanambi.

Filho de pais católicos e neto de liderança militante na Igreja, era considerado o irmão mais rebelde porque participava menos do grupo de jovens da comunidade rural onde morava. Com a saída de alguns jovens da coordenação desse grupo para trabalhar no corte de cana em São Paulo, o grupo ficou esvaziado e Érico aceitou participar da equipe de coordenação do grupo. Ficou nesta função até se mudar para Salvador com o objetivo de estudar. Na capital baiana, foi convidado pelos colegas da república onde morava para fazer parte de um novo grupo de jovens e, ao mesmo tempo, também integrava o coral que animava as missas dominicais.

Eunice tem 24 anos e cursa o 7º semestre de Licenciatura em Geografia (Vespertino) na UNEB Campus VI Caetité. Como estagiária do IEL – Instituto Euvaldo Lodi, trabalha com a disciplina Geografia no segundo segmento do Ensino Fundamental numa escola estadual em Guanambi. Seu pai pedreiro e sua mãe dona de casa cursaram até a 4ª série do Ensino Fundamental. Possui três irmãos mais velhos, dois concluíram o Ensino Médio e uma abandonou a escola na 8ª série.

Conta ela que, desde pequena, tinha o costume de ir à missa acompanhando a mãe. Iniciou os trabalhos como catequista numa comunidade rural onde moravam seus avós maternos. Quando iniciou a faculdade, passou a ministrar Catequese na comunidade de seu bairro. Além de catequista, participava do conselho da comunidade, do grupo de terço e fazia o curso de liturgia. Colaborou por algum tempo com o Projeto Monte Pascoal com uma turma de reforço escolar. Atualmente está na coordenação da Catequese de sua comunidade e participa do grupo de jovens denominado JOTA – Jovens em Oração, Trabalho e Amizade, ligado ao ECC – Encontro de Casais com Cristo.

Anita, 22 anos, cursa o 7º semestre de Enfermagem (Diurno) na UNEB Campus XII Guanambi. Diferente dos pais dos outros entrevistados, seus pais foram os únicos a concluir o Ensino Médio. Conta que o pai, marceneiro, concluiu a Educação Básica depois de casado, por insistência da mãe, uma Técnica em Enfermagem que trabalha num posto de saúde na cidade onde reside. Os dois irmãos, uma de 19 anos, e outro de 15, estão matriculados no Ensino Superior e no 2º ano do Ensino Médio, respectivamente. Anita já trabalhou como estagiária do IEL – Instituto Euvaldo Lodi – e atualmente é bolsista de extensão na universidade em que estuda.

Aos 11 anos entrou para o grupo dos Jovens Vicentinos[39], incentivada pelos pais, mas, segundo relata, o que eles não esperavam é que ela se envolvesse tanto com os trabalhos sociais; a cada quinze dias fazia campanha para arrecadar alimentos e acompanhava os mais velhos do grupo na distribuição destes alimentos às pessoas carentes de sua cidade. Concomitante ao grupo dos vicentinos, participou do MEJ – Movimento Eucarístico Jovem. Aos 15 anos deixou o MEJ e passou a integrar o EAC – Encontro de Adolescentes com Cristo. No ano seguinte, deixou os vicentinos e passou a integrar a Renovação Carismática Católica - RCC. Durante quatro anos trabalhou na Catequese de Primeira Comunhão e de Crisma.

Na RCC, já participou do ministério de acolhimento, de pregação, de música e teatro e do ministério da pastoral de rua, na qual iniciou um trabalho de ajuda aos mendigos. Descreve as atividades neste grupo como prazerosas. No sábado à noite, após a oração, ia para as ruas em

[39] Movimento católico internacional cujo eixo fundamental é a caridade. Os vicentinos vivem a caridade evangélica, trabalham em contato direto com pessoas que vivem na miséria, idosos, abandonados e com todos aqueles que vivem em situação de extrema pobreza. Fazem visitas domiciliares que, para eles, são momentos de evangelização e catequese. Entretanto, o movimento não se limita apenas a dar assistência imediata à pobreza, mas a discutir e buscar soluções para as situações que geram estas condições. Fonte: <http://ssvpbrasil.org.br/?pg=sobre_a_ssvp>. Acesso em: 13 dez. 2011.

busca de pessoas necessitadas para alimentar, cuidar da higiene pessoal e pregar evangelho. No domingo, ajudava numa casa da acolhida. Durante a semana, mantinha atividades de rotina com a reza diária do terço, do rosário, leitura bíblica, confissão, além de todos os dias participar da missa e receber a comunhão. Atualmente, diminuiu suas atividades na Renovação Carismática para dar conta dos trabalhos acadêmicos.

Rute tem 30 anos e cursa o 3º semestre da Licenciatura em História (Noturno) na UNEB Campus VI Caetité. Trabalha como bibliotecária numa escola da rede privada na cidade onde mora. Seu pai é pedreiro e a mãe dona de casa. Quanto à escolarização dos pais, não soube precisar a quantidade de tempo que estudaram. Disse apenas que sabem ler e escrever. Rute possui seis irmãos, dois concluíram a Licenciatura em Letras, dois estão cursando Licenciatura em Educação Física e Pedagogia, um concluiu o Ensino Médio e o mais novo, com 15 anos, faz o 2º ano do Ensino Médio.

O convite para participar da igreja veio de uma vizinha, mãe de uma amiga de mesma idade. Sua formação na fé ocorreu na comunidade de seu bairro. Na adolescência, começou o trabalho na Catequese e encantou-se por esse grupo, tanto que hoje os livrinhos utilizados por toda a Diocese surgiram de uma proposta sua quando desenvolveu a monografia no curso de Teologia para Leigos. Integra a equipe de coordenação da PJ diocesana há bastante tempo. Afirma que passou a vida num grupo religioso e vê-se presa à Igreja nos finais de semana, envolvida com acompanhamento de grupinhos de base nas diversas comunidades da diocese.

Denise tem 22 anos e cursa o 7º semestre de Licenciatura em Ciências Biológicas (Matutino) na UNEB Campus VI Caetité. Seu pai é motorista e estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Sua mãe, dona de casa, está matriculada na 3ª série da EJA – Educação de Jovens e Adultos. As duas irmãs, uma com 24 e outra com 19 anos, concluíram o Ensino Médio. Para ajudar nas despesas familiares, Denise se inscreveu para concorrer a uma bolsa de monitoria oferecida pela UNEB e, no momento da entrevista, estava aguardando o resultado da seleção.

Filha de pai protestante e mãe católica, conta que viveu a indefinição religiosa familiar até os dez anos, quando a mãe tomou a iniciativa de matricular todos os filhos na Catequese. Após a primeira comunhão, decidiu confirmar a fé e matriculou-se no curso de Crisma. Como a maioria dos entrevistados, após a Crisma, tornou-se catequista e membro do grupo de jovens da sua comunidade, denominado JBC – Jovens em Busca de Conhecimento. Atualmente,

participa da equipe de coordenação do JBC e também integra a equipe de coordenação paroquial da Pastoral da Juventude. Além da Catequese e do grupo de jovens da Pastoral da Juventude, participa do MAC – Movimento de Amizade Cristã, grupo de jovens ligado ao ECC – Encontro de Casais com Cristo. Diz que o envolvimento com todos esses grupos ocorre nos finais de semana, principalmente; no entanto, algumas noites durante a semana são utilizadas para participar de reuniões.

Antônio tem 27 anos e cursa o 1º semestre de Pedagogia (Noturno) na UNEB Campus XII Guanambi. Ministra aulas numa escola particular de Guanambi, em turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Seu pai é artesão e sua mãe, já falecida, era dona de casa. Ambos analfabetos, nunca frequentaram escola regular. Os dois irmãos mais velhos escolheram a carreira de magistério e o curso de Pedagogia, o primeiro já concluiu o curso e mais uma especialização e a irmã está com a graduação em andamento.

Segundo ele, seus pais eram católicos, mas não frequentavam a Igreja e, para não se sentir sozinho, buscou companhias em Igreja protestantes perto de casa. Aos 17 anos foi convidado por um amigo de mesma idade para entrar num grupo de jovens. Foi a partir do grupo de jovens que tomou iniciativa para se batizar, fazer a Primeira Comunhão e a Crisma. Esteve tão envolvido na doutrina que resolveu fazer o curso vocacional e a experiência no seminário durante quatro anos, quando decidiu abandonar por falta de vocação. Antes de morar no seminário em Belo Horizonte, foi catequista de Primeira Comunhão, colaborou no projeto Monte Pascoal e Sol Nascente, como recreador e foi também, durante dois anos, assessor da Infância Missionária. Hoje atua na Catequese de Crisma e como assessor da Pastoral da Juventude.

3.2 A Trajetória na Escolarização Básica

Todos os jovens entrevistados realizaram suas trajetórias em escolas públicas de Guanambi e municípios circunvizinhos, com exceção de Anita que cursou alguns anos em escolas privadas no município de Caetité, como bolsista. Para muitos, a experiência escolar iniciou-se com a Educação Infantil oferecida nas escolas regulares ou nos Centros Sociais Urbanos. Sobre as recordações deste espaço, Rosa comentou:

> *Lembro das idas lá pro Centro Social que minha mãe me levava, me acompanhava, grávida; o cheiro de alfazema que ela passava em mim. Também a sopa, porque lá tudo era na horta. Tinha horta, então, a merenda era feita daquela horta, das verduras; então, era tudo fresquinho, tinha um cheiro assim maravilhoso.*[40]

As lembranças evocadas são variadas e vão desde o cheiro de alfazema que lembra a relação afetiva de Rosa com sua mãe e o cheiro bom da sopa da merenda escolar, até fatos referentes ao apego materno como é relatada pela irmã de Rosa que chorava para não ficar na escola porque era acostumada apenas com seus familiares. Nas recordações de Rosa também observamos outro aspecto importante na escolarização dos jovens entrevistados: a presença da família no processo de escolarização, reafirmando que "o tema da omissão parental é um mito" (LAHIRE, 2008, p. 334). Ela relatou que sua mãe a levava todos os dias, assim como Eunice também se lembra da mãe acompanhando-a à escola. Do mesmo modo, há o empenho do pai de Vanessa e da mãe de Anita para que elas tivessem acesso a escolas de maior prestígio na região. Dos quinze jovens entrevistados, apenas Adriana e Érico que moravam na zona rural declaram que não tiveram acesso à Educação Infantil.

3.2.1 O desempenho escolar

A maioria das pesquisas sobre longevidade escolar registra que alunos das camadas populares que conseguem chegar à universidade são os melhores de suas classes ou se destacam em alguma disciplina. Neste caso, a excepcionalidade vem desde o Ensino Fundamental. Foi assim com casos analisados por Lacerda (2006), Piotto (2007) e Souza e Silva (2003). Outras pesquisas, como a de Viana (2007), apontam que a chegada à universidade pelos alunos das camadas populares é um percurso trilhado a partir de pequenas vitórias ocorrendo, inclusive, casos de reprovações, durante o percurso escolar. Na nossa pesquisa, a maioria dos entrevistados não tem história de brilhantismo no Ensino Médio, mas tem uma trajetória regular. Registra-se que, para os quinze entrevistados, houve somente duas reprovações.

No que se refere à relação com aprendizagem de conteúdos escolares, observamos diferentes situações. Há o grupo de alunos que teve muitas dificuldades em acompanhar as aulas; o grupo dos alunos que foi destaque em suas salas e o grupo dos alunos medianos.

Adriana, Vanessa, Rita e Rosa, cada uma do seu modo, disseram ter grandes dificuldades em relação aos conteúdos escolares. Adriana contou que utilizava a estratégia de decorar os

[40] As falas dos entrevistados serão apresentadas em itálico para diferenciar das citações de autores abordados nesta pesquisa.

exercícios de sala para repetir nas avaliações e assim não ser reprovada, mesmo que essa "decoreba" significasse não entender muito os conteúdos escolares. Apesar desta dificuldade, nunca repetiu o ano e considera-se uma boa aluna por isso. Vanessa se recordou dos castigos por não saber resolver os exercícios de matemática e atribuiu estas dificuldades à falta de incentivo dos professores. Rosa e Rita também contaram das dificuldades que tiveram na Educação Básica e das histórias de repetência.

As histórias de dificuldades e repetência de Rosa e Rita fazem parte de algumas estatísticas brasileiras. No Brasil, as taxas atuais de distorção idade-série para o Ensino Fundamental é de 23,6% e para o Ensino Médio, 34,5% [41]. Estes dados indicam que uma parcela significativa dos alunos brasileiros sofre defasagem ao longo de sua vida escolar, por causa da repetência, reprovação ou evasão. Estes antigos problemas que persistem na educação do Brasil precisam ser considerados quando se analisa o processo de escolarização dos jovens, pois há uma relação direta entre fracasso escolar e distorção idade-série. Quanto mais velhos os alunos entram na escola, mais problemas de relacionamento e de aprendizagem terão.

No segundo grupo dos estudantes entrevistados, que se destacavam nas turmas em que estavam matriculados, podemos incluir Angélica, Maria, Juliana e Anita. Este grupo se caracteriza pela dedicação às aulas e pelo reconhecimento dos educadores e dos colegas à excepcionalidade destas alunas. Angélica contou que sempre foi perfeccionista e chegava a adoecer de tanto estudar. Aos olhos dos professores, ela era a aluna perfeita, o modelo que todos os colegas deveriam se espelhar. Hoje ela vê isso como uma doença que a afetou grandemente: *"Quando tirei o meu primeiro nove e meio foi uma frustração, dei febre, eu me lembro que dei febre. Eu me cobrava demais, me policiava demais." (Angélica).* Como Angélica, Anita também se destacava em todas as disciplinas. Como fez as séries iniciais na escola particular, pôde fazer comparações entre as duas redes de ensino. Se por um lado sentia-se à vontade na escola pública porque estava junto a pessoas que tinham o mesmo padrão econômico de sua família, por outro, tinha a convicção de que a escola pública não satisfazia suas expectativas em relação à escolarização de qualidade.

Para o terceiro grupo, mais numeroso – sete dos entrevistados – a relação com o conhecimento fluiu conforme as dificuldades e facilidades. Nenhum deles experimentou a reprovação e suas notas sempre foram medianas. Os professores incentivavam o estudo, mas

[41] Dados dos Indicadores educacionais para a Educação Básica, INEP, 2010. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>. Acesso: em 12 dez. 2011.

não contaram fatos que marcaram em relação aos seus conhecimentos e ao destaque em relação a notas. A dedicação é construída ano após ano. A fala de Eduardo ilustra o perfil dos jovens deste grupo: *"Eu sempre assim fui incentivado a tá me dando o máximo, me esforçando"*. O que se destaca é o esforço em se manter na escola, não tirar notas baixas e não ser reprovado. Apenas Eunice relata que faltava às aulas, mas que isso não interferia no seu esforço para se manter *"sempre na média"*.

O que podemos considerar é que, independente de ser um aluno brilhante ou não, com ou sem dificuldades de aprendizagem, o que há em comum entre os entrevistados é que todos possuem disposição para continuar seus estudos. Qual a origem dessa disposição, já que vieram de camadas populares em que os pais têm níveis baixos de escolarização, é o que a nossa e outras pesquisas sobre o sucesso escolar nas camadas populares procuram compreender.

3.2.2 O percurso em escolas de qualidade

As famílias dos diferentes meios sociais são desigualmente equipadas no que se refere às condições necessárias à "boa" escolha do estabelecimento escolar para o filho (NOGUEIRA, 1998). Aqueles que possuem maiores patrimônios (social, cultural, informacional e econômico) podem escolher, dentre os estabelecimentos escolares, aqueles que melhor atendam às possibilidades e necessidades dos filhos.

Tanto em Guanambi como em Caetité, há vários colégios públicos onde os entrevistados poderiam ter cursado a Educação Básica. No entanto, percebemos que, para alguns, a escolha não foi aleatória, houve a seleção daquelas escolas em que os pais e os próprios alunos consideravam como referência na qualidade de ensino.

> *... Pra mim, estudar no Eurico Dutra [42] não foi fácil porque eu estava mais na zona do Rui Bacelar e na época tinha que pegar fila, dormir lá né, pra conseguir uma vaga no Eurico Dutra e eu queria porque todo mundo na cidade falava que quem estudava no Eurico Dutra ia conseguir passar no vestibular; tinha sempre esse mito do Eurico Dutra. Não sei se pode chamar de mito, né. Mas tinha sempre esse fundo de incentivo pras pessoas estudarem... mas aí meu pai teve que dormir lá uma noite pra conseguir uma vaga. Foi uma grande felicidade entrar no Eurico Dutra.* ***(Vanessa)***

[42] Os nomes dos colégios citados nesta pesquisa são fictícios.

Vanessa relatou o esforço que seu pai empreendeu para conseguir uma vaga no Colégio Eurico Dutra, considerado por alguns entrevistados o melhor da cidade, por dois motivos. Primeiro, por ser o mais antigo, possuía professores com maior estabilidade. E, segundo, pela localização no centro da cidade, recebia alunos de melhores condições econômicas e sociais. Outros cinco entrevistados também passaram por este colégio. Angélica recebeu a notícia de que iria estudar no referido colégio como premiação: *"E assim, entrar no Eurico Dutra naquela época era tudo de bom".* Já Antônio ficou surpreso quando os professores da escola em que cursava os primeiros anos do Ensino Fundamental disseram tê-lo encaminhado para o Eurico Dutra, mesmo sabendo da distância de sua casa até essa escola: *"fizeram isto porque sabiam que eu era um aluno esforçado",* contou.

Também assim foi a escolha de Juliana em relação ao seu curso no Ensino Médio. Havia um tradicional colégio no município de Caetité, em que ela cursou de 5ª à 8ª, e de que tem boas recordações: *"Minha formação eu acredito que foi muito boa porque a gente tem certo preconceito de escola pública. E no Colégio João Guimarães eu tive bons professores, raramente tinha aulas vagas".* Mas para o Ensino Médio escolheu por conta própria outra escola recém inaugurada que, segundo ela, contava com professores mais dinâmicos e que tinham *"mais fôlego"*.

Percebemos, então, que a trajetória destes estudantes decorreu sem grandes transtornos e em escolas consideradas de boa qualidade. Dentro delas, havia professores que foram bastante significativos para a decisão dos jovens em vislumbrar um futuro em que a educação escolar fosse peça central.

3.3 O Acesso à Universidade

3.3.1 Escolha e permanência no curso

Segundo Nogueira e Pereira (2010, p.16), as pesquisas sobre a escolha do curso superior apontam duas conclusões básicas. Primeira, a de que o perfil dos estudantes varia de acordo com o curso frequentado. Eles não se distribuem aleatoriamente entre os cursos pelo interesse ou preferência pessoal. Segunda, a de que existe um difícil processo de autosseleção na escolha do curso superior. Geralmente os indivíduos escolhem cursos compatíveis com suas características sociais e escolares. Os elementos que levam à decisão por um curso são construídos durante a trajetória de vida dos sujeitos, influenciados pelos laços sociais que vão

sendo criados e pelas experiências dentro das diversas instâncias socializadoras, como a família, escola, Igreja, entre outras.

Ao que parece, no caso dos entrevistados desta pesquisa, a escolha dos cursos foi motivada pelas chances objetivas de cursá-los. Os jovens entrevistados, a exemplo de outras pesquisas, não buscaram as carreiras mais prestigiosas porque sabiam das limitações que a situação sócio-econômica de sua família impõe sobre a escolha das profissões. A escolha do curso não é definida simplesmente pela origem social, mas é fruto de um conjunto de fatores como os processos de socialização e a construção de disposições[43].

Dos entrevistados, sete estão matriculados no curso de Pedagogia, quatro estão matriculados em área específica da Licenciatura – História, Geografia e Ciências Biológicas – e os outros quatro estão cursando o Bacharelado em Administração, Enfermagem, Nutrição e Psicologia. Apesar de estarem matriculados nestes cursos, alguns falam, mesmo que timidamente, do "desejo" em buscar outras qualificações. Alguns tentaram realizar seus sonhos mais ousados, porém não obtiveram êxito nos vestibulares. É o caso de Anita, que sonhava em ser médica e Érico que desejava fazer jornalismo. Juliana, no entanto, que pensava em fazer faculdade de Biomedicina ou Farmácia, não tentou nenhuma vez o vestibular para entrar nestes cursos. Segundo ela:

> *Aí eu queria fazer Farmácia, mas não era realmente Farmácia que eu queria; eu queria Laboratório porque eu já conhecia e achava muito lindo e a minha família não tinha condições pra isso. Nem pra fazer faculdade de Biomedicina e nem pra sair pra fora. Por que eu ia ser mantida lá, como? Aí eu ficava em casa meio triste e tal, mas meus pais sempre conversavam comigo. Se tivesse lá [Caetité] ou aqui em Guanambi uma faculdade pública que oferecesse, se fosse mais perto, tudo bem, mas pra mim ir lá fora seria difícil porque eles não iam ter condições de me manter lá fora, estadia, alimentação e ainda faculdade que, de uma certa forma, gasta. Então eu sempre fui compreensiva neste sentido...*

Ao se analisar a fala de Juliana, percebe-se que ela não fez a escolha daquilo que mais "gostava" e sim de um curso que estava no seu horizonte de possibilidades e que, de certa forma, também lhe agradava, o curso de Pedagogia. E, na análise da sua trajetória de vida, percebe-se que houve certa influência de uma senhora licenciada em Letras e Pedagogia que coordenava um grupo de adolescentes na comunidade religiosa do qual Juliana participou dos sete aos dezoito anos: *"a pessoa que tomava conta do coral, dona Djanira, ela era pedagoga.*

[43] Para discussão mais aprofundada sobre o tema: o processo de escolha do curso superior, ver tese de doutoramento de Claudio Marques Nogueira, defendida na FaE/UFMG em 2004.

Depois ela fez Letras, ensinou no Instituto de Educação, aposentou e eu me baseei muito nela, a estrutura de vida dela, a rotina. Ela era uma idosa que eu sou, era apaixonada por ela".

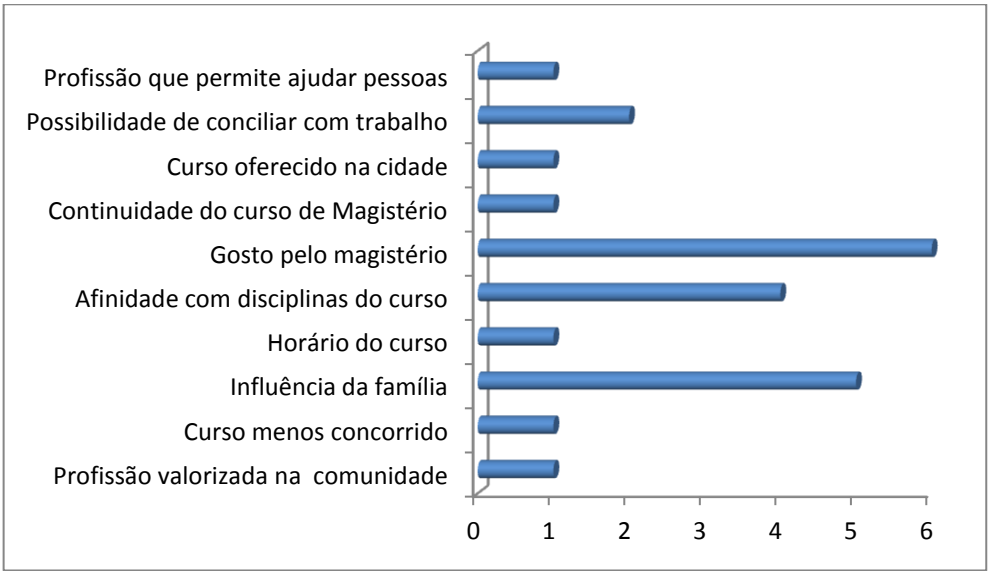
Para outros entrevistados, também os companheiros dos grupos de jovens católicos foram referências importantes para fazer aflorar o desejo por mais conhecimento e escolarização. As conversas sobre o futuro com colegas de mesma idade, os jovens mais velhos que conversavam sobre vestibular nos intervalos das reuniões religiosas, o incentivo dos padres para que os jovens fizessem universidade e o exemplo de colegas e companheiros de ação pastoral se constituem influências positivas.

> *Wilton fazia pedagogia lá em Paulo Afonso (município baiano). Uma vez Vanessa e eu fomos visitá-lo. E assim, ele ia pra faculdade, UNEB. Ia pra faculdade, saía à noite, voltava, estudava, celebrava. Era uma pessoa que praticava esportes. Então eu ficava encantada com a vida que Wilton levava. Achava uma coisa assim, eu me encantei. E aí foi me dando, me impulsionando, cada vez mais me dando mais vontade de fazer o curso de Pedagogia principalmente.* ***(Angélica)***

Angélica narrou, deslumbrada, a disposição de Wilton para estudar, trabalhar (celebrar) e ainda praticar esportes. O referido padre a influencia na decisão em querer continuar a estudar e também reforçou o gosto pelo curso de Pedagogia.

O Gráfico 2 permite visualizar os motivos apresentados pelos entrevistados para a escolha dos cursos em que estão matriculados. As respostas foram tabuladas e alguns entrevistados apresentam mais de uma resposta para a questão proposta.

Gráfico 2 – Motivos para escolha do curso superior



Fonte: Entrevista com os estudantes (1º semestre 2011).

Por meio da análise do Gráfico 2, podemos verificar que seis entrevistados disseram ter escolhido o curso de Pedagogia porque gostam do magistério. Todos eles fizeram o curso de Magistério e optar pela Pedagogia era a continuidade daquela profissão que escolheram anteriormente. Angélica disse ter escolhido o curso de Pedagogia para continuar o trabalho que já desenvolvia em sala de aula. Nesse grupo, todas as respostas são de mulheres, o que corrobora com os resultados apresentados pelo censo IBGE 2000 sobre pessoas com cursos de nível superior concluído. Os dados apontam uma presença notadamente feminina (90,7%) nos cursos ligados às áreas de ciências da educação e formação de professores, enquanto que a participação masculina, nestes cursos, é de 9,3%.

Os entrevistados de nossa pesquisa, que optaram pelas licenciaturas em áreas específicas (História, Geografia e Ciências Biológicas), o fizeram porque tinham afinidade com os conteúdos discutidos no Ensino Médio e Fundamental relacionados a essas licenciaturas. É o caso de Eunice que escolheu a Licenciatura em Geografia, porque, segundo contou: *"Geografia sempre foi a minha paixão. Sempre. Desde a primeira série... Fiz vestibular para Geografia por conta disso".*

A família, representada aqui por irmãos e primos, também constitui uma influência para a escolha dos cursos. Maria, que foi aluna de Matemática do irmão da 5ª até o 3º ano do Ensino Médio, disse ter feito a opção pela Licenciatura em Matemática porque se espelhava neste irmão e depois, quando teve a oportunidade de cursar Nutrição, na faculdade particular, foi a palavra da irmã que falou mais alto. Rita, Rosa e Antônio também sofreram influências da família na escolha do curso de Pedagogia porque os irmãos haviam escolhido este curso também.

Eduardo que tentou vestibular quatro vezes para o mesmo curso – Administração – primeiro escolheu por questão de horário para conciliar com trabalho: *"Em 2005 e 2007 eu fiz mais pela questão do horário. Pelo fato de ser um curso à noite e tinha também o curso de Pedagogia à noite e achei interessante pro lado da Administração, mais pelo oba, oba...".* Em outro momento, falou da influência de um primo que insistiu com ele para fazer, apesar de reconhecer que não seria fácil, pela concorrência. O curso de Administração é o segundo mais concorrido da UNEB, Campus XII Guanambi. Em 2010, quando Eduardo foi aprovado, a concorrência era de 9,6 por vaga. Alto quando se compara ao curso de Pedagogia que foi de 2,96 por vaga.

O motivo da opção de Érico chama a atenção porque escolhe o curso baseado na valorização do ofício do professor, o que confirma, em parte, a afirmação de Vargas (2008) que considera ser uma especificidade da realidade do Nordeste a sobrevalorização de cursos como Pedagogia ou da Enfermagem associadas à importância e multiplicidade de programas assistenciais. Nas palavras de Érico:

> *Eu vou falar baseado na minha concepção de quando surgiu o sonho. Na verdade, na minha região ser professor era assim uma profissão bastante rara. Poucas pessoas que estavam habilitadas a ser professor lá na minha região. Então por conta disso era uma profissão bastante valorizada... Eu achava bonita aquela relação do professor com os alunos. Foi baseado nisso.*

Este entrevistado mora numa região quilombola no interior do município de Riacho de Santana/Bahia. Sonha em terminar o curso de Pedagogia para compartilhar os conhecimentos adquiridos com a sua comunidade. Está no último semestre, mas teme não poder concluir por outras questões também importantes, ele quer se candidatar novamente a vereador pela comunidade, pois, segundo disse, preocupa-se com a falta de representação política naquele ambiente.

Anita, segundo relatou, não selecionou um curso, mas uma área que possibilitaria ajudar pessoas; nestes termos, ela escolheu cursos que estão na área de saúde. Sua primeira opção foi Medicina, todavia não foi aprovada. Buscou, então, Enfermagem e Psicologia que ela considera que também estejam no grupo de profissões que podem ajudar as pessoas. Nas escolhas feitas por Anita, há estratégias associadas ao fator econômico. Aprovada tanto em Psicologia como em Enfermagem, cursou um semestre de Psicologia, mas optou por Enfermagem com a seguinte justificativa*: "Enfermagem é diurno, não posso fazer concomitante com nada. Aí termino e começo a trabalhar. Depois posso fazer Psicologia ou especialização em Saúde Mental".*

Nossa conversa com Anita não foi suficiente para precisar o grau de influência do grupo religioso na escolha do curso de graduação e da carreira que a jovem deseja seguir. Se por um lado havia a mãe com o sonho de que a filha fizesse o curso de Medicina, ela própria disse que escolheu uma carreira que pudesse ajudar as pessoas. Esta disposição, identificada no seu discurso, pode ter sido construída durante a sua participação em grupos religiosos católicos,

no caso, o grupo dos Jovens Vicentinos, e o ministério da pastoral de rua, da Renovação Carismática Católica[44].

Pesquisas sobre longevidade escolar de jovens das camadas populares apontam que as limitações econômicas e sociais são, dentre outras, aquelas que mais dificultam a chegada dos jovens ao ensino superior. Para os entrevistados, houve empecilhos econômicos e a barreira da reprovação no vestibular para entrar ou permanecer nos cursos escolhidos. Os elementos elencados no Gráfico 2, que dizem respeito à questão econômica, referem-se a cursos que são oferecidos pela UNEB em outro município, o que implica a necessidade de pagar transporte e dificuldade para conciliar horário de trabalho com os cursos oferecidos no diurno. Foi assim para Adriana:

> *... que eu tinha vontade de fazer a faculdade, eu tinha vontade de fazer o curso de Geografia, mas pelo fato de ser em Caetité – não é tão difícil – mas pras minhas condições ia ficar mais difícil ainda. Aí eu passei a saber um pouco do que estudava Pedagogia, do que se tratava, eu vi que era uma área boa e eu gostei também e pronto, aí eu decidi fazer Pedagogia, e aí pronto, acabei esquecendo Geografia. Eu acho que no fundo, no fundo, não era assim aquele gostar, gostando, né? Que quando é assim bem no fundo a gente não desiste fácil.*

Também Rita diz que "escolheu" fazer Pedagogia por eliminação: o curso de seus sonhos – Licenciatura em História – era oferecido em outra cidade, o que dificultava pela necessidade de desembolsar certa quantia para pagar o transporte. Mesmo em Guanambi, se pudesse escolher, gostaria de cursar Educação Física e, nesse caso, seria impossível conciliar com seu trabalho. Assim, segundo ela, ficou com o único que teria condições de cursar.

A escolha do curso também parece estar ligada a estratégias para a aprovação. Como a concorrência para a entrada em alguns cursos é maior, os alunos buscam aqueles menos concorridos porque há mais chances de serem aprovados; ou, então, fazem como Artur que se inscreveu num curso menos concorrido, mas com a intenção de migrar para outro assim que fosse possível. Neste caso, conseguiu transferência de curso ainda no terceiro semestre e migrou da Licenciatura em Geografia para a Licenciatura em História.

Por que entre os entrevistados não surgiram desejos de cursar a faculdade particular da própria cidade que oferece cursos de alto prestígio, como Direito, Farmácia, Biomedicina e Fisioterapia? Ao que parece, isso não está no horizonte dos jovens e muito menos de suas

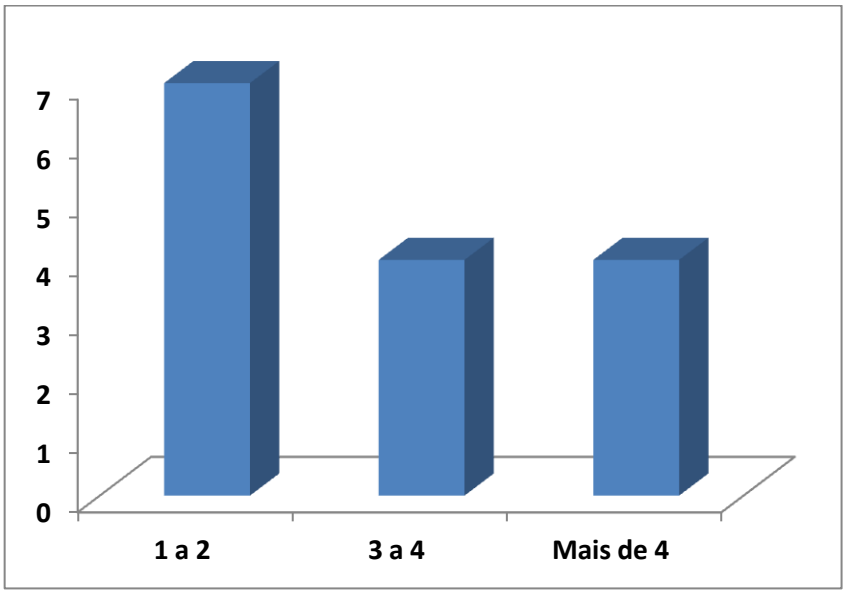
[44] As características dos dois grupos já foram apresentadas no item 3.1 deste capítulo.

famílias. A única exceção às condições imediatas econômicas é o caso de Anita que, se não está cursando Medicina, é por conta da alta concorrência do curso, pois quatro tentativas de ingresso foram realizadas sem nenhum sucesso. Neste caso, parece que o fato de ter muitos amigos com aspirações mais elevadas em relação ao futuro e, principalmente pelo empenho da mãe, parece ter sido fortes influências para suas escolhas. Segundo Zago (2005), para a grande maioria dos jovens pobres não existe verdadeiramente uma escolha, mas uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga condizentes com sua realidade e que representam menor risco de exclusão.

3.3.2 O vestibular: desafios, alegrias e frustrações

Para os entrevistados, entre a decisão de prestar o vestibular e o momento da aprovação, houve um longo caminho a ser percorrido, geralmente, acompanhado de um grande investimento pessoal e histórias de alegrias e superações. Para estes jovens pobres, entrar na universidade se constitui um marco importante de um caminho que se constrói na esperança de que a educação trará benefícios tanto econômicos quanto socioculturais.

Gráfico 3 – Tentativas de ingresso na Educação Superior



Fonte: Entrevista com os estudantes (1º semestre 2011).

Por meio da análise do Gráfico 3, podemos constatar que a quantidade de tentativas que os jovens entrevistados realizaram para ingressar na universidade varia bastante. A coluna maior corresponde àqueles que foram aprovados no primeiro vestibular ou que fizeram apenas mais uma seleção. Neste grupo, estão sete dos entrevistados. Maria e Eunice foram aprovadas no

primeiro vestibular que fizeram. Maria cursou dois anos de Matemática na UNEB e depois foi selecionada pelo Prouni/ENEM para cursar Nutrição numa faculdade particular. Já Eunice tinha a ideia fixa de fazer Geografia desde o segundo segmento do Ensino Fundamental, o que fez atrasar sua entrada em um ano porque sua família não aceitava que ela fizesse o curso em outra cidade, contudo, quando tentou, foi aprovada logo na primeira seleção. Ainda neste grupo, Denise, Juliana e Anita foram aprovadas no vestibular no ano seguinte à conclusão do Ensino Médio. Estas cinco jovens são as que estão na universidade na idade modal para o curso superior definido pelo IBGE, que é dos 18 aos 24 anos. Ao se considerar o número de vestibulares realizados, podemos incluir Rosa e Artur neste grupo, pois cada um fez apenas duas tentativas para entrar na universidade. No entanto, eles diferem das pessoas deste grupo porque entraram na universidade muitos anos após a conclusão do Ensino Médio. No caso dos dois, a entrada na universidade só ocorreu nove anos após ter concluído o Ensino Médio.

A segunda coluna do Gráfico 3 representa os entrevistados que realizaram de três a quatro tentativas para cursar uma faculdade. Antônio, Érico, Eduardo e Adriana fazem parte desse grupo. Eduardo, mesmo quando soube da alta concorrência, insistiu por quatro vezes no vestibular para Administração, carreira que definiu para seu futuro. Érico, logo que concluiu o Ensino Médio, tentou vestibular para Jornalismo e Educação Física, foi reprovado, fez cursinho no ano seguinte e tentou novamente para Jornalismo. Sem sucesso, regressou para a casa de seus pais no interior do Estado; depois de três anos, tentou novamente Jornalismo e Pedagogia e foi aprovado neste último. Antônio, antes de entrar para seminário de formação sacerdotal, fez duas tentativas frustradas para entrar no curso de Pedagogia. Já no seminário, começou a cursar Filosofia, mas tomou a decisão de abandonar a vida religiosa. Ao retornar para a Guanambi, conseguiu, por meio de novo vestibular, ingressar no curso de Pedagogia. Adriana afirmou que sabia que as suas dificuldades estavam nas limitações impostas por um Ensino Médio cheio de lacunas. Em nove anos, foram quatro tentativas para o curso de Pedagogia, três frustradas e uma exitosa.

A terceira coluna representa aqueles estudantes que fizeram mais de quatro tentativas para entrar na universidade. Rita, Vanessa, Angélica e Rute são persistentes e não desistiram diante da história de tanto insucesso. Cada uma tem sua história particular de frustração. Das quatro, Vanessa e Rute são as que têm mais tentativas de vestibulares, tanto em anos quanto em quantidade de provas realizadas. Rute só conseguiu ser aprovada no curso que queria depois de oito anos seguidos de tentativa. Mas, nessa romaria, ela ganha forças ao utilizar a estratégia

de fazer vestibular para outros cursos apenas para entender porque não era aprovada na UNEB e no curso de História que tanto desejava. Assim, ela passou com êxito por processos seletivos para os cursos de Administração, Filosofia e História em outras universidades públicas estaduais. Todavia, só parou de fazer vestibular depois que conseguiu o seu objetivo que era cursar História no Campus da UNEB da cidade onde mora.

Vanessa também tem uma história semelhante, mas com um desfecho diferente. Durante seis anos seguidos tentou vestibular para Pedagogia na UNEB, sem êxito. Também tentou se adaptar aos cursos virtuais como Serviço Social e Pedagogia. Ela própria falou que não conseguiu se encontrar:

> *... porque eu sou muito exigente, acho que eu ainda não estou aberta para fazer uma faculdade virtual. Eu desejava tanto ter um professor na sala de aula, sabe? Indo pra Carinhanha [município], fazendo Pedagogia e Serviço Social me frustrava, a sensação que eu tinha era de entrar naquele telão, sabe, e poder sentar discutir, perceber e fazer a leitura também de corpo, o que o professor estava falando, olhar nos olho, conhecer...*

Na última seleção que realizou, ao invés de tentar Pedagogia, fez vestibular para a Faculdade Guanambi (instituição privada) e foi aprovada para o curso de Psicologia, que era também outro sonho alimentado desde o término do curso de Magistério.

A história de Angélica é igualmente de superação e de persistência, pois durante cinco anos tentou entrar no curso de Pedagogia. Se olharmos o histórico dela na Educação Básica, veremos que a sua trajetória era para ser aprovada no primeiro vestibular. Sempre foi excelente aluna, muito esforçada. Acreditava que seria logo aprovada e que também encontraria facilmente um emprego. No primeiro ano após a conclusão do Magistério, entrou em depressão porque não conseguiu realizar nenhum dos sonhos que antevia para seu futuro. Este é um caso que não é por falta de conhecimento, informação, que se "*toma bomba*" no vestibular. Ela relatou ter consciência de que os aspectos psicológicos a afetaram na hora da prova, pois sempre fora muito exigente consigo mesma. Ela desabafou: *Eu não tinha dificuldades, e aí é que estão as minhas frustrações nos vestibulares...*

As reprovações não são motivos para desistência. Como vimos, há casos de cinco, seis e até sete reprovações e o jovem não desiste. A reprovação pode ter no máximo adiado o sonho, mas, segundo Adriana: *"não tinha agonia de passar logo"*. Adriana mostra uma disposição à

perseverança que é característico nos jovens entrevistados. Rute, a nossa entrevistada que tem mais casos de reprovações, falou da sua insistência em cursar História na UNEB:

> *RUTE: Eu sempre fui de correr atrás do que eu quero, sabe, e sempre consegui. E a UNEB era algo que eu não conseguia.*
> *PESQUISADORA: Se não tivesse sido aprovada naquele ano, você faria novamente?*
> *RUTE: Faria, faria. Eu não ia desistir não. Eu não sou de desistir das minhas coisas assim tão simples, não.*

Contudo, com a história das reprovações nos concursos do vestibular e com o adiamento em tentar o primeiro vestibular, o que se observa é que boa parte dos estudantes entrevistados ingressou no Ensino Superior em idade avançada, quando se considera que a idade modal para se cursar uma universidade esteja entre os 18 e 24 anos (IBGE). Oito jovens entraram na universidade depois dos 24 anos e mais outros cinco concluirão seus cursos com mais de 24 anos. Apenas duas jovens, Anita e Denise, estão cursando a universidade na idade ideal, o que implica o acesso tardio ao mercado de trabalho, bem como, dificuldades em conciliar as atividades de estudo com outras experiências sociais e pessoais.

Nas histórias de vida narradas pelos jovens entrevistados, um bonito capítulo é o momento da aprovação no vestibular. Todos descrevem com muito entusiasmo o instante em que receberam a notícia da aprovação. Aliás, para qualquer meio social, a aprovação no vestibular é motivo de alegria e comemoração:

> *E, pra mim, foi como ganhar na loteria. Ser aprovada no curso de Pedagogia foi como se eu estivesse... pela questão do peso que tem hoje as profissões... um médico e um professor. Era como se eu tivesse sido aprovada em Medicina. Porque assim o prazer, a satisfação de eu saber que havia sido aprovada foi maior do que o percurso. Só o prazer de saber que eu fui aprovada... (Angélica)*

De acordo com Zago (2005), o êxito no vestibular é sempre recebido com surpresa. Quando o estudante é aprovado no primeiro vestibular ou mesmo com outros já acumulados, não raro, ele duvida da sua capacidade e atribui o resultado obtido à ocorrência de "uma chance", "uma sorte". Na nossa pesquisa, há uma mistura de emoções como a surpresa e o descrédito, por achar que a aprovação se deu pelo fator sorte. Muitos não esperavam ser aprovados e se disseram surpresos naquele momento. Rita se insere neste caso:

> *Aí, no dia que saiu a lista, minha colega me ligou me parabenizando, mas eu não acreditei ainda. Ela falou assim: "parabéns, você passou!" "Vai mentir pra outro, moça, eu tomando café uma hora dessa e você me liga pra passar trote!" "Não, olha lá, olha lá." E quando eu fui olhar na internet, estava mesmo. Olhei, aí olhei de novo, aí fui falar com mainha, mas, para ter certeza, olhei de novo porque nem eu acreditava que eu tinha passado, entendeu?* ***(Rita)***.

Já Maria, porque sabia que fizera boa prova, tinha consciência das chances de ser aprovada:

> *Maria: Assim, eu tinha medo do vestibular. O povo falava que era uma concorrência. Falava que passar num vestibular de Matemática era a coisa mais difícil. Falava que era coisa de outro mundo. Mas eu passei e não vi essas dificuldades...*
> *Pesquisador: E você achava que ia passar?*
> *Maria: Moço, eu peguei o gabarito e corrigi. Vi que eu não tinha anulado nenhuma matéria. Então eu sabia que tinha chance de passar, entendeu?*

A emoção de ver o nome inscrito na lista de aprovados no vestibular veio acompanhada de alegria e muitos entrevistados lembram que choraram neste momento: *"Foi bastante emocionante, assim, eu cheguei realmente a chorar" (Érico).* Artur e Angélica revelaram que, além da alegria no momento que souberam da aprovação, houve preocupação com o futuro. Angélica já pensou no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), como iria contribuir para o avanço do conhecimento, pois fazia um Curso de Teologia para Leigos Católicos e passava pela experiência de elaborar uma monografia, o que lhe possibilitou tomar conhecimento dos objetivos do trabalho de conclusão de curso. A preocupação de Artur foi com a permanência no curso já que, para cursar Geografia, teria que ir até à cidade próxima e isso traria despesas com transporte. Ele próprio falou*: "não fiquei eufórico, pois tinha a preocupação com as despesas".*

Entrar na universidade para um indivíduo pode significar a realização de uma caminhada. Quando esse indivíduo é o primeiro representante da família a chegar a esse grau de ensino, a satisfação não é apenas dele, mas de uma comunidade que ele representa. Dos quinze entrevistados, oito disseram ser os primeiros da família a entrar na universidade. E o contentamento dos parentes fica evidente: *"Só que da minha família, da família da minha mãe, eu sou a primeira. De todos os meus primos só tem eu. E aí foi aquele orgulho pra família toda" (Eunice).* A felicidade da aprovação no vestibular contagia os familiares. Abre possibilidades que até então não eram realidade dessas famílias*: "na família inteira, de meu pai e de minha mãe, eu sou a primeira. (...) Inclusive já tem os meus discípulos na família que dizem que querem ser professor" (Denise)*. A satisfação da família, muitas vezes, estende-se para a comunidade próxima. Denise, Juliana e Vanessa relataram que a comunidade religiosa

da qual faziam parte ficou orgulhosa pela aprovação. E até festa fez. Sobre esta realidade, Souza e Silva (2003, p. 167) destaca que "ser o primeiro a abrir caminhos diante da família, dos vizinhos ajuda a transmutar a força do 'mito' em forças de 'possibilidades'".

3.3.3 A entrada na universidade e a responsabilidade social para com a comunidade

Entrar na universidade tornou-se um projeto realizado para os quinze jovens entrevistados. No entanto, enquanto caminhavam para a realização deste projeto individual, estes jovens tentavam despertar, dentro de seus grupos religiosos e de suas comunidades, o gosto pela escolarização prolongada. Para Érico, por exemplo, havia a preocupação com os colegas de grupo que viam o trabalho braçal como expectativa de futuro:

> *Na verdade, foi assim um período em que lá na região explodiu a ideia de sair pra trabalhar, principalmente, no corte de cana. Aí, assim, a gente via muitos jovens e mesmo adolescentes, eles estavam estudando e já ficavam sonhando em alcançar a maioridade pra poder sair pra trabalhar. Então, foi um momento de bastante preocupação pra gente da comunidade que estava ali vivendo aquela situação. Então, a gente discutia a importância de realmente de trabalhar, mas de tá buscando outros caminhos, inclusive com níveis de estudo.* ***(Érico)***

Assim, na fala de Érico, percebemos que sua preocupação, enquanto coordenador do grupo de jovens, era com a escolarização dos seus amigos, porque ele antecipava um problema que é comum na zona rural de sua região e também do Nordeste brasileiro, em que os jovens abandonam a escola para trabalhar em outras regiões, em serviços braçais que não necessitam de muita escolarização, como o corte de cana ou colheita da laranja. Enquanto presenciava a saída dos colegas, ele reforçava a sua convicção em manter-se na escola e discutia esse tema no grupo de jovens do qual era coordenador. Em outros momentos do seu depoimento, Érico deixou claro que o trabalho é importante, mas que, para jovens e crianças, deveria ser uma ocupação que não atrapalhasse os estudos.

Ser a primeira jovem da comunidade a entrar na universidade trouxe felicidade para Denise e para todos ao seu redor:

> *Assim, as pessoas mais próximas ficaram muito felizes, porque sabiam que através desse estudo eu poderia acrescentar algo a mais aqui na comunidade. Que é uma comunidade assim carente e que sofre de muitos preconceitos. O que estou fazendo vai contribuir pra mim, pra minha família, pra sociedade, para o bairro, a comunidade. Vai fazer com que as pessoas mudem um pouco com essa visão de que tem aqui do bairro. De que todo mundo é incapaz, que ninguém aqui é capaz.* ***(Denise)***

A fala de Denise reflete uma realidade abordada por outros estudos sobre a discriminação que sofrem as pessoas que moram em favelas e bairros periféricos. Novaes (2006, p. 106-107) ressalta que o "local de moradia faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acesso aos jovens". Em outros tempos, esse critério poderia ser apenas uma expressão da estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo a marca das áreas urbanas contidas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia. A "discriminação por endereço" é mais um dos estigmas sofridos pelos jovens dos locais periféricos. No acesso ao mercado de trabalho, o endereço torna-se mais um critério de seleção. Conscientes da existência da "discriminação por endereço" que opera – consciente ou inconscientemente – nas seleções para o trabalho, muitos jovens encontram estratégias para ocultar o lugar onde vivem e lançam mão de endereços dos patrões dos pais, de parentes, de bairros próximos ou caixas postais. Adriana, que mora na mesma comunidade que Denise, também tem consciência desta "discriminação por endereço": *"olha já que eu moro aqui no Monte Pascoal, aqui já tem fama mesmo, a gente já é rotulado de pessoas briguenta, isso e aquilo..."*. O conhecimento desta realidade, entretanto, não abalou o "sentimento de pertença" (SOUZA e SILVA, 2003) que elas mantêm com a comunidade. Ambas sentem orgulho em morar no "Morrão" [45].

As jovens comungam a ideia de que o sucesso educacional é importante não só para elas, mas para toda a comunidade. Mariz et al. (2003), em pesquisa sobre os universitários que moram em favelas, relata algo semelhante sobre os jovens da favela. A pesquisa enfatiza que o sucesso educacional é importante não só para a vida individual, mas também para a vida da comunidade. "Os jovens têm consciência de que os parentes e os vizinhos da favela, que os viram crescer têm orgulho daquilo que alcançaram [...] Por isso, sentem uma responsabilidade social para com a sua favela" (p. 330-331). No que se refere à responsabilidade social, também podemos enfatizar a entrada de outro jovem entrevistado na universidade e suas expectativas em relação à comunidade rural da qual faz parte:

> *Porque esse conhecimento você não vai transmitir e não é essa concepção que se tem hoje, mas de certa forma você tem que compartilhar com a comunidade. Você tem que fazer com que esse conhecimento – raras pessoas da comunidade conseguiu adentrar a universidade – seja válido pra sua comunidade, de um certo ponto.* ***(Érico)***

[45] Apelido pejorativo atribuído ao Bairro Monte Pascoal em Guanambi-Bahia, um dos bairros com maior concentração de pobreza na cidade.

Para Érico, o conhecimento é importante, mas alcança maior significado se for partilhado com a comunidade, a qual está ligado afetivo e politicamente. Um aspecto importante, enfatizado no depoimento acima, já mencionado neste capítulo, é a responsabilidade em ser o primeiro da comunidade ou da família a frequentar o Ensino Superior. Se eles acreditam que a comunidade contribui para que possam sonhar alto, nada mais natural que haja retribuição pelo que a comunidade fez por eles: *"eu recebi tanto, tanto da Igreja, tanto do curso de teologia, tanta coisa eu recebi. Então, eu tenho mais do que, colaborar de alguma forma. É uma forma de retribuir" (Angélica).*

CAPÍTULO 4:
A SOCIALIZAÇÃO NOS GRUPOS RELIGIOSOS: CONSTITUIÇÃO DE CONDIÇÕES PARA A LONGEVIDADE ESCOLAR

O objetivo deste capítulo é analisar processos de socialização que ocorrem em alguns grupos religiosos católicos. Para isto, enfatiza os aspectos que estão relacionados à construção de disposições favoráveis a percursos escolares longevos para jovens das camadas populares. Seria oportuno indagar se a inserção dos jovens pobres em grupos ligados à Igreja Católica possibilita construir ou atualizar disposições potencialmente ligadas ao sucesso escolar. E se o apoio e as oportunidades que os grupos religiosos dão podem facilitar para estes jovens o acesso e a permanência na universidade. Esses questionamentos levam a uma ampla reflexão, pois se revelam de intensa importância para a compreensão da religião e, mais especificamente, dos grupos religiosos católicos ainda como importantes instâncias de socialização na atualidade.

Para responder às questões formuladas, organizamos o capítulo em cinco eixos de análise. No primeiro, discutimos a inserção dos jovens nos diversos grupos católicos e buscamos as condições de formação/atualização de disposições. No segundo, terceiro e quarto eixos, ligados à vivência religiosa dos jovens entrevistados, procuramos analisar processos socializadores que ocorrem em âmbitos distintos: na sociabilidade e na formação/doutrinação religiosa (capacitação para a ação específica). No último eixo, analisamos o apoio material e as oportunidades aproveitadas pelos entrevistados que podem ter concorrido para que o desejo por escolarização se concretizasse. É válido salientar que as ações dos sujeitos em cada eixo ocorrem de forma integrada; os jovens as vivem simultaneamente. Só foram separadas para fins analíticos dos dados.

4.1 As Condições de Formação das Disposições

As entrevistas realizadas revelam aspectos importantes da vivência religiosa dos jovens que devem ser consideradas quando se analisa a construção de disposições que sustentam e possibilitam a realização do desejo de “entrar para a faculdade”. As entrevistas confirmam o

que dizem as últimas pesquisas sobre a religiosidade dos brasileiros[46], pois revelam que os quinze jovens, desde pequenos, tiveram contato com a religião, uma vez que os pais levavam os filhos à Igreja para participarem das celebrações litúrgicas. Exceto Adriana que, quando criança, frequentou o Centro Espírita e cursilhos oferecidos pelos religiosos Testemunhas de Jeová, entretanto, foi batizada na Igreja Católica.

Ao se levar em consideração que os jovens da pesquisa são católicos por tradição, isto é, seguiram a religião dos pais, podemos compreender o ativismo religioso, já a partir de sua adolescência ou até mesmo antes dela. Uma parte considerável dos entrevistados não apenas participava das celebrações litúrgicas, mas foram iniciados na fé, por meio da Catequese – processo que começa na mesma época que a escolarização básica e estende-se por mais ou menos cinco anos. Na Diocese de Caetité-Bahia, as crianças passam pela formação geral de Pré-Catequese, Catequese de Primeira Comunhão, Perseverança e Crisma[47]. Após este período, os adolescentes são convidados a integrar outros grupos específicos dentro da Igreja. É o caso dos jovens entrevistados que participam ou já integraram grupos ligados à Pastoral da Juventude, Pastoral da Catequese, Renovação Carismática Católica, Infância Missionária, Jovens Vicentinos e Pastoral do Menor[48].

Enquanto integrantes destes grupos específicos, os jovens têm oportunidades de participar de encontros de formação e desenvolver ações dentro de suas comunidades. São nestes espaços de interação que os indivíduos podem atualizar ou construir suas disposições sociais, a partir dos laços de interdependência que se formam dentro dos grupos religiosos. Sobre a constituição de disposições, Lahire (2004) destaca que quanto mais as relações forem intensas e duradouras, mais firmes e fortes serão as disposições criadas. Portanto, ao analisar a trajetória singular de cada jovem, devemos considerar o tempo de permanência nos grupos, o número de grupos frequentados pelos entrevistados e a regularidade de encontros[49] durante a semana.

---

[46] Segundo o Censo Demográfico 2000, 92,6% dos brasileiros declararam ter religião; destes, 73,7% declararam ser católicos.

[47] Estas denominações se referem a momentos específicos de Catequese na Diocese da Caetité. Pré-catequese: encontros para crianças pequenas, dos sete aos nove anos. Catequese de Primeira comunhão: para aquelas que se preparam para receber a Eucaristia; Catequese de perseverança: para adolescentes que já fizeram a primeira comunhão e não tem idade para ingressar em outros grupos; Catequese de crisma: encontros para jovens que desejam confirmar a fé na Igreja Católica.

[48] Os objetivos e organização desses grupos já foram brevemente apresentados no capítulo 2 e 3 desta pesquisa.

[49] Como são chamadas pela Igreja e pelos jovens, as reuniões que ocorrem nos grupos católicos.

No tocante ao tempo de inserção e permanência nos grupos, observamos duas situações diferentes. Na primeira situação, há o caso de duas irmãs, Rosa e Rita, que participaram de grupos de jovens e foram catequistas, dos 14 aos 19 anos, época em que afastam de suas atividades na Igreja, ambas motivadas por gravidez não planejada. Retornam após uma década para o grupo da Pastoral Familiar. Em situação semelhante, há o caso de Érico que também se dedicou à Catequese e aos grupos de jovens durante a adolescência e juventude, porém, mantém-se afastado das atividades religiosas há quatro anos.

A segunda situação inclui os demais jovens. Doze dos quinze entrevistados iniciaram sua participação ativa em grupos católicos específicos, depois que passaram pela Crisma (mais ou menos aos 14 anos) e permanecem inseridos nos grupos até o momento atual. Para os dados numéricos fazerem sentido, precisamos relacionar a idade de cada jovem ao tempo de permanência nos grupos. Por exemplo, Vanessa, com 33 anos de idade, há vinte integra um grupo religioso; Angélica, com 27 anos de idade, tem quinze anos de participação; Juliana, com 22 anos, tem o mesmo tempo de participação que Angélica. A jovem que tem menos tempo é Denise, 22 anos de idade e seis de dedicação aos grupos. São os jovens deste segundo grupo que fazem os relatos mais exaltados de seus grupos religiosos e apresentam em detalhes o que aprendem nestes espaços. Convém salientar que estes relatos não se referem apenas a aspectos de concordância com as orientações religiosas, pois há jovens dentro desse grupo de entrevistados que criticam algumas ações realizadas pela Igreja Católica. Esse fato reafirma o que Lahire (2006) e outros pesquisadores apontam sobre o caráter conflituoso da socialização.

O número de grupos distintos que os jovens participam também deve ser analisado para compreendermos a intensidade das relações, pois cada grupo exige encontro de formação, de preparação e de avaliação das atividades. Como a maioria dos entrevistados começou a participar durante a adolescência, era natural que experimentassem novos grupos a partir daí. Assim como para cada etapa da vida humana há diferentes formas de se relacionar, há grupos específicos para cada idade. O depoimento a seguir é expressiva sobre esta análise:

> *Há sete anos eu participo da RCC [Renovação Carismática Católica]; porém meu primeiro grupo foi os Vicentinos, quando eu tinha 11 anos. Concomitante a ele, eu participei do MEJ [Movimento Eucarístico Jovem]. Com 15 anos, eu entrei no EAC [Encontro de Adolescentes com Cristo] juntamente com os Vicentinos e não participava mais do MEJ. Com 16 anos, entrei na RCC, saí dos Vicentinos e continuei no EAC, grupo do qual não sou atuante, porém não me desvinculei totalmente. Além disso, fui catequista de Primeira Comunhão durante três anos e de Crisma durante dois anos, logo após a minha Crisma.* ***(Anita)***

Como Anita, outros jovens entrevistados participam de dois e até três grupos simultaneamente, sem registrar nesta conta as obrigações que possuem de estar presentes nas missas e nas festas de padroeiro. A participação em mais de um grupo religioso demanda tempo para participar dos encontros, além de tempo para prepará-los, caso o jovem desenvolva alguma atividade de coordenação. No caso desta pesquisa, metade dos jovens integra as equipes de coordenação de alguma pastoral ou comunidade. Eis a resposta de duas jovens quando questionadas sobre o tempo dedicado aos grupos:

> *Pode-se dizer que, às vezes, é a semana toda, mas depende da semana. Tem semana que só o final de semana. Tem semana que são todos os dias. O mais certo é sempre todos os finais de semana. [...] De manhã tava na faculdade. À tarde estudar. Assim, alguns dias da semana a gente se reunia pra organizar as reuniões; dia de sábado, a Catequese. Domingo pela tarde, o grupo [de jovens] e de manhã tinha o curso de leitores ou tinha preparação, formação de catequistas. Então, sempre era assim e, à noite, a Igreja.* ***(Denise)***

> *Bom, eu catequizava as crianças, né? Assim, no que dava dia de sexta-feira, as catequistas reuniam pra ver, pra programar o que ia dar na sala de aula. Geralmente, eu dividia a Catequese com uma colega minha. E não era eu só. Aí a gente programava o que ia trabalhar no sábado. E olha que eu dava Catequese de manhã e de tarde, eram duas turmas. Eu tinha o sábado e o domingo ocupados. Porque domingo de manhã eu tava na igreja. Ia bem cedinho pra limpar a igreja, bater o sino e ajudar as crianças na celebração, nos cantos. Aí, na hora que a gente terminava o culto, umas onze horas, a gente ia pra casa do padre com esse tanto de criança pra fazer macarronada, fazer alguma coisa pra essas crianças [...] logo de tardezinha, mais ou menos duas horas, a gente ia ensaiar pra cantar na missa, à noite, entendeu? Mãe falava bem assim comigo: "você está pra mudar pra igreja!". E ainda tinha o grupo de jovens, no sábado à noite, e a Infância Missionária na quarta à tarde.* ***(Maria)***

As falas das jovens expressam o seu envolvimento semanal dentro dos grupos religiosos. Ao que parece, o tempo de Denise gravita entre as atividades escolares e religiosas. O que é confirmado quando questionada sobre o lazer, Denise responde: *"eu me divertia com os meus amigos lá da Igreja. Então que a gente fazia era sempre em comum. Todos os lugares que ia eram sempre as mesmas pessoas, mais alguém que eles conheciam e acabava apresentando aos demais"*. E com Maria não era tão diferente, visto que ela relatou que a mãe achava exagerado o seu envolvimento.

Os depoimentos dos jovens denotam que seu envolvimento com os grupos é espontâneo, pois não identificamos nenhuma fala que registra queixas de cansaço ou indiferença. Para eles, participar das atividades nos grupos religiosos tornou-se uma rotina como ir à escola ou estar com a família. Esse envolvimento tão intenso e frequente com pessoas de grupos diferentes do

familiar ou do escolar instituído certamente concorre para que as relações que se estabelecem neste novo espaço possibilitem a interiorização de novos comportamentos, atitudes e ações por parte dos sujeitos envolvidos. Essa participação intensa em mais uma instância de socialização concorre para que novas disposições sejam colocadas em ação, pois, segundo Lahire (2007), há uma "condição relacional" para a constituição de disposições. A seguir, serão analisadas, em quais circunstâncias, disposições ligadas ao sucesso escolar podem ser construídas ou atualizadas dentro dos grupos religiosos.

4.2 A Sociabilidade nos Grupos de Jovens Católicos

A sociabilidade é parte do processo de socialização, vivenciado pelos jovens em seus grupos, "como um lugar privilegiado das escolhas, da construção de sentidos, da solidariedade e da construção de autonomia" (DURAND, 2000 apud SOUZA, 2003, p. 63). Simmel (1983) refere-se à sociabilidade como uma forma lúdica de se relacionar com o outro indivíduo numa relação que está centrada no prazer da conversa, da troca, da convivência. A relação que se estabelece na sociabilidade não tem propósitos objetivos, conteúdos ou resultados exteriores. Seu alvo é o sucesso do momento sociável.

Ao se considerarem os apontamentos acima e as entrevistas realizadas, podemos identificar espaços de sociabilidade nos grupos religiosos, assinalados pelos jovens, principalmente nos primeiros anos de participação nos grupos. Nas entrevistas realizadas, os jovens relembram a sua entrada nos diversos grupos católicos e as aprendizagens realizadas nestes espaços. Entretanto, como resposta inicial ao motivo de entrar no grupo, simplesmente dizem que estar com o outro, encontrar amigos era o motivo principal. Os depoimentos abaixo contextualizam a discussão:

> *Até porque eu tava na adolescência, era importante a questão do sair, do encontrar com o outro. Isso era muito bom! E, assim, graças a Deus, eu sempre encontrei pessoas muito boas, amigos que estiveram ao meu lado, pessoas que buscavam mesmo algo de interessante dentro dos grupos religiosos.* ***(Angélica)***

> *No grupo, tinha vários conhecidos e sempre me motivavam: "vai fazer uma visita lá, sábado à noite, o grupo é muito bom." E também o pessoal sempre incentivando "Ah não! Lá tem meninas bonitas. Lá tem meninas bonitas, tem homens bonitos. Você vai fazer muitas amizades. Então, é bom que você vai aumentar a sua rede de amigos. Então, é interessante que você participe lá".* ***(Eduardo)***

A relação é intrínseca ao ser humano. Segundo Elias (1994), a existência humana está condicionada à presença simultânea de diversas pessoas interligadas. A fala de Angélica

evidencia o grupo religioso como um espaço de interação num momento importante da vida – a adolescência – em que estão sendo realizadas descobertas de que o mundo não é apenas aquele apresentado pela família. A entrada de novas pessoas no espaço de interação de um indivíduo pode significar a presença de outros significativos, que servirão de modelos de identificação, apoio e incentivo. Estes aspectos se relacionam a várias dimensões da vida de um ser humano, inclusive alargam os horizontes sociais que possibilitam visualizar uma trajetória social de sucesso.

Segundo Colemam (apud VIANA, 2007), o grupo de pares pode se constituir como suporte importante de um quadro de referências em várias áreas da experiência humana. Os jovens entrevistados relataram que a participação nestes grupos religiosos os coloca em contato com pessoas da mesma idade, situação sócio-econômica, interesse e preocupações em comum. No depoimento anterior, Eduardo relata como recebeu o convite para participar do grupo de jovens ligado à Pastoral da Juventude. No início, a motivação era simplesmente estar com o outro, ampliar as amizades. Há o interesse mútuo de aumentar as amizades, relacionar com pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto. O incentivo é importante para que se permaneça interagindo por mais tempo. Para Dick (2006), o grupo é o espaço privilegiado para o jovem se encontrar com outros jovens: "O grupo é o lugar da felicidade do jovem; o grupo é uma necessidade biológica, psicológica, sociológica e teológica. Não exageramos dizendo que o jovem tem uma necessidade violenta de viver em grupo" (p. 53).

A primeira etapa de contato em qualquer grupo é a formação de elos. Nos grupos religiosos, não poderia ser diferente. O elo que se forma é como uma identidade grupal. Todos falam a mesma língua, até porque são da mesma idade, têm os mesmos problemas e os interesses são semelhantes. É também na experiência de sociabilidade que os jovens mobilizam disposições, agem, sonham, partilham, vivem seus afetos e desafetos.

> *Na realidade, minhas amizades ficaram bem mais fortes depois que eu entrei no grupo de jovem. Alguns amigos de escola, assim, entraram, outros tomaram outros caminhos, outros tornaram evangélicos, outros tão por aí trabalhando mundo afora, mas me fortaleceu demais. Isso fortaleceu demais e fiz muito mais amigo que eu tinha até meus quinze anos.* ***(Eduardo)***

O tema da amizade, comum na fala de todos os jovens, permite perceber a importância deste elemento para a vida dos jovens. A pesquisa evidencia que os grupos religiosos demonstram ser um espaço que possibilita a vivência em profundidade das relações afetivas e a afirmação

de novas amizades que ultrapassam o tempo do próprio grupo. As amizades vêm acompanhadas de sentimentos de confiança, receptividade e proximidade física (PERONDI, 2008). A maior ou menor proximidade destas características é que define as relações e as referências que estarão na base das escolhas juvenis. Afinal, a juventude é o momento em que se fazem escolhas entre vários caminhos:

> *... Como as drogas que estão aí. E, assim, eu não tô excluída da sociedade. Eu convivo com pessoas que usam drogas, que eu sei que participam de prostituição e tal. Mas talvez se eu não tivesse essa caminhada, eu ia acabar escolhendo um desses caminhos. Porque a gente sempre escolhe um caminho para nossa vida, não é? E, geralmente, esses caminhos que a gente escolhe, é nessa fase da adolescência e da juventude.* ***(Juliana)***

> *[os colegas] Me ajudaram muito a decidir o que eu queria né? Decidir o que eu queria na vida. Tipo assim... Sei lá, eu não era uma adolescente que era muito envolvida com festa, envolvida com essas coisas não. Era mais voltada pra igreja mesmo... Me incentivou na... É... A ser quem eu sou hoje.* ***(Maria)***

A partir de manifestações como as destacadas acima, percebe-se que, à medida que o envolvimento é maior com o grupo, quanto maior a *"caminhada"*, expressão de Juliana, os indivíduos são munidos de novas "ferramentas" para fazerem escolhas de vida. Se antes o único mundo conhecido era aquele apresentado pela família, agora outros mundos são apresentados. A visão de mundo é ampliada e, no grupo, a partir das relações de confiança que se travam, os caminhos podem ser visualizados e as escolhas podem ser experimentadas. Pelo que se evidencia, os grupos representam um espaço em que Maria pode fazer escolhas de vida *"me ajudou a ser quem eu sou hoje"*, incentivada pelos companheiros dos diversos grupos católicos dos quais participou e outros que ainda participa.

Além da experiência das relações amicais dentro do grupo, outro aspecto importante que é apontado pelos jovens diz respeito às influências e modelos de referência. Neste ponto, a entrevista foca a visão de futuro e permanência na escola. São vários relatos, inclusive, percebemos, em alguns casos, que as disposições familiares para a escolarização longeva se diferenciam daquelas experiências vivenciadas no contato com os colegas dos grupos religiosos. Como a maioria vem de famílias em que os modelos escolares de sucesso praticamente são inexistentes, o contato com pessoas de mesma idade, que têm objetivos claros de escolarização prolongada, favorece o confronto de disposições concorrentes e, às vezes, contraditórias às das famílias:

> *É... Uma menina que quando eu entrei, ela ainda tava lá, e ela ficou dois anos, ela já era jovem. Já era grande e aí ela tava saindo pra cursar Odontologia, então, assim, você vê assim "as pessoas que estavam aqui cresceram, então, eu também vou crescer", entende? Aí, é... Isso também nos estimulava, porque ela sempre falava e de lá saíram. Hoje você vê, assim, muitas pessoas em Caetité, é, tem uma que, que participou do grupo junto comigo, que ela foi minha estagiária quando ela tava formando na universidade. Então, são pessoas que tiveram essa caminhada e que se deram bem na vida e a gente gosta de se espelhar nessas pessoas, porque, se elas se deram bem, foi dali que elas saíram, se você tá lá também, você também vai conseguir se você lutar.* ***(Juliana)***

No caso de Juliana, a presença de jovens da mesma idade, que conseguiram entrar numa faculdade concorrida como Odontologia, é um estímulo a querer ampliar seus objetivos porque abre um mundo de novas possibilidades de crescimento, de conseguir algo que para as camadas populares talvez não esteja colocado com tanta naturalidade como é o fato de cursar uma universidade. O fato de estarem num mesmo grupo, de experienciarem os mesmos estímulos e obstáculos, abre para Juliana uma possibilidade de conseguir chegar até aonde a colega chegou. Há também, nos momentos de sociabilidade, diálogos em torno de sonhos ligados a profissões que exigem mais conhecimento. Rosa relata o teor das conversas com seus companheiros de grupo:

> *Entrevistadora: Você se lembra dos seus colegas de grupo?*
> *Rosa: Sim, porque inclusive tinha uma que ela participava do grupo de jovens e era colega minha de sala de aula no Magistério. Quando eu entrei no Magistério nós fomos colegas.*
> *Entrevistadora: E vocês conversavam sobre vestibular?*
> *Rosa: Falávamos que nós íamos fazer. Lembro até na época quando nós estávamos lá que nós íamos abrir uma escolinha. Nós íamos fazer o vestibular para abrir uma escolinha. Mesmo jovem já tava criando aqueles planos dentro da cabeça e tal.*

Segundo Rosa, este tipo de conversa fluía em momentos em que não havia discussão formal, na hora das brincadeiras e quando se dirigiam para o local das reuniões. Maria também conta de seus planos para o futuro:

> *Entrevistadora: E vocês conversavam sobre o futuro?*
> *Maria: Conversava, conversava bastante. Ainda assim que nós tínhamos um grupinho de cinco colegas. E essas cinco colegas tava em tudo. A gente programava, falava: "É, não vamos envolver com namorado agora, quero estudar e tal". Todo mundo programava isso. Ajudar minha mãe, ajudar minha família. Programava!*

Pelo que consta, Maria e as cinco colegas de grupo que optaram pelo estudo antes de se envolverem com namoro, atualmente, estão cursando uma faculdade. Para elas é mais difícil realizar o sonho de maior escolarização porque no município onde moram não há curso

superior, por tal razão elas têm que se deslocarem para outras localidades. Atualmente, duas estão em Belo Horizonte, uma em São Paulo, outra em Brasília e Maria está em Guanambi cursando a faculdade de Nutrição. Estes deslocamentos foram facilitados por meio de suas participações na Igreja Católica, como veremos com mais detalhes no item 4.5 deste capítulo, que trata das oportunidades oferecidas pela rede de relações criada na Igreja.

Outro aspecto que está intrinsecamente relacionado à escolarização, percebido nesta troca de experiência nos grupos, é a possibilidade de entrar em contato com jovens de outras culturas e que falam outros idiomas. Como alguns padres da diocese são de outras nacionalidades, os jovens de suas terras vêm visitá-los no Brasil e participam dos grupos de jovens durante o período que estão aqui. Geralmente este período varia de um a seis meses. Vanessa fala destas visitas:

> *Até porque vieram outros jovens aqui na nossa paróquia e aí eu levava pra festa, jovens das paróquias que vinham aqui e ficavam um mês, né? Quer dizer, padre Bruno trazia muito, Dom Arnaldo trazia muito, padre Marivaldo trazia muito. Padre Marivaldo foi um dos que trouxe mais jovens da paróquia onde ele ajudava lá pra ficar aqui um mês. Então, eu já tinha, já conhecia um pouco. [...]. Quando eu parti pra fora eu senti a necessidade de falar a língua. Pelo menos de conhecer mais um pouquinho. Porque foi assim cansativo, todo mundo usava Frederico [dependia de Frederico para entender a língua] e eu percebi que poderia ter fluído mais. O intercâmbio, o encontro poderia ter sido mais profundo, entendeu?* ***(Vanessa)***

Vanessa se refere a dois momentos distintos em que teve contato com jovens de outras nacionalidades. Quando eles vieram ao Brasil e quando ela fez uma viagem à Itália para representar os jovens da Pastoral da Juventude da Diocese de Caetité no encontro dos jovens com o Papa João Paulo II. Este contato mais descontraído, sem objetivos definidos, certamente alargou a visão de mundo de Vanessa e demais participantes dos grupos, que conviveram com essas jovens provenientes de outro universo sociocultural. Vanessa tem consciência de que se tivesse domínio do idioma italiano, poderia desfrutar melhor da estadia naquele país. Viana (2007), ao analisar as condições que possibilitaram jovens de origem popular chegar à universidade, aponta como hipótese que a convivência com um grupo da mesma idade, mas pertencente a um meio sociocultural de classe média, possa proporcionar importantes padrões distintos dos que o jovem recebe de seu universo familiar. Também neste trabalho, hipótese semelhante é colocada. A hipótese de que o contato com pessoas de outras nacionalidades, que falam outros idiomas, possibilita ao indivíduo a construção de novas referências culturais e educacionais, distintas daquelas que recebeu no universo familiar. Assim, nos grupos religiosos, mesmo em momentos de fruição, de lazer, há conversas e troca

de experiências que incitam os jovens a se relacionarem positivamente, senão direto com a escolarização, mas com aspectos ligados à valorização do conhecimento como uma condição para se conseguir ascensão social.

4.3 Inserção em Grupos Religiosos: tessitura de condições subjetivas para uma escolarização prolongada

Em todos os grupos religiosos católicos os jovens são orientados e instruídos para desenvolver sua espiritualidade. Estas orientações são sistematizadas de acordo os objetivos de cada grupo. No entanto, para todas as pastorais, a Igreja Católica tem um princípio único de formação[50], baseado no método Ver-Julgar-Agir, em que, além da dimensão espiritual, especial atenção é dispensada à dimensão pessoal e comunitária, pois, segundo a CNBB (1998; 2006) o objetivo deste método é fazer a ligação entre fé e vida. Foi a partir da análise da descrição destes momentos de formação que pudemos perceber com mais intensidade indícios empíricos relacionados à construção de disposição temporal de futuro, ao comprometimento, à liderança, à autonomia e à planificação, bem como disposição comunicativa e dissertativa que podem ser favoráveis à longevidade escolar.

Todos os jovens descreveram que, em algum momento de sua atuação nos grupos religiosos, participaram de cursos ou encontros de formação. Na Diocese de Caetité, é condição *sine qua non* participar de uma formação específica para ser catequista, coordenador de pastoral ou para trabalhar no Projeto Monte Pascoal. Quatorze, dos quinze entrevistados para esta pesquisa, atuaram/atuam na Catequese e cinco jovens fizeram formação para atuar no referido projeto. Convém ressaltar que, nas reuniões semanais dos grupinhos de base da Pastoral da Juventude, é utilizada a mesma metodologia e conteúdos trabalhados nos encontros de formação para os coordenadores da PJ. Assim, podemos inferir que muitos dos jovens entrevistados participam/participaram de encontros de formação em mais de um grupo específico. Rute e Eduardo comentam sobre a orientação que receberam:

> *A formação acontece dentro do próprio grupo de jovens. Os grupos de jovens... A gente tem os momentos de formação... Que toda reunião, que a gente encontra uma vez na semana e cada reunião é trabalhado um tema que dá essa formação que faz o jovem perceber que ele é um membro, que ele é um projeto de Deus e que tem uma caminhada nessa igreja.* ***(Rute)***

[50] Este termo é aqui utilizado com o sentido de uma educação com caráter intencional e organizada pela hierarquia da Igreja para instruir o fiel nos princípios da doutrina católica apostólica romana.

> *[...] porque além do grupo da Pastoral da Juventude proporcionar formação no âmbito religioso, com Deus, dialogar com Jesus Cristo, também, ao mesmo tempo, a gente preocupa com uma formação no ramo educacional.* ***(Eduardo)***

A primeira afirmação destaca a formação que é dada nos grupinhos de base para todos os jovens que passam pela Pastoral da Juventude, grupo básico de formação para doze jovens entrevistados. Segundo Rute, a formação tem por objetivos apresentar ao jovem a doutrina religiosa, mas também faz o jovem perceber que ele tem uma caminhada nesta Igreja.

A segunda afirmação revela um aspecto importante, foco desta pesquisa. A fala de Eduardo – membro de um grupinho de base e coordenador paroquial da Pastoral da Juventude – enfatiza a formação na fé e a preocupação dos coordenadores desta pastoral com a formação *"no ramo educacional".* O que este jovem quis realçar é que a formação disponibilizada para os jovens que integram os grupinhos de base da Pastoral da Juventude se ocupa de todas as dimensões da formação humana, inclusive ligados a aspectos da escolarização propriamente dita. Esta preocupação, como veremos mais adiante, firma-se no empenho da coordenação da Pastoral da Juventude para que seus membros façam planos para o futuro em que a educação formal esteja incluída.

Desde as conferências episcopais de Puebla e Medelín, mencionadas no capítulo 1 deste trabalho, quando a Igreja da América Latina faz a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, os olhares ficam mais acurados para estas duas categorias sociais, com a formação da Igreja Católica voltada, principalmente, para valorizá-las. A formação volta-se aos jovens para dizer-lhes de seu protagonismo e aos pobres instrumentalizando-os para sair da condição de pobreza. Talvez seja por esse motivo que pesquisas sobre juventude e religião (MARIZ, 2001; MARIZ et al., 2003) atribuam aos grupos religiosos um papel integrador e agente motivador de ascensão e luta social na vida de jovens das camadas populares.

Nas falas dos entrevistados, a formação é vista com importância vital para a sua continuidade nos grupos e para a sua constituição como pessoa: *"Então a Catequese... Tudo assim que eu tenho hoje de amadurecimento dessa questão de fé, do que eu sou hoje, eu agradeço muito à igreja. A formação que eu tenho, a igreja é totalmente responsável por ela" (Rute).* Essa fala de Rute reflete claramente a pedagogia da pastoral para a formação dos jovens em que a ênfase é dada a todos os aspectos ligados à formação do ser humano. Como foi descrito anteriormente, de acordo com a CNBB (1998) esta pastoral planeja sua intervenção com foco nas dimensões de formação do ser humano em que se leva em conta a relação que o jovem

estabelece consigo mesmo, com o outro. Amplia-se esta formação para uma relação com a comunidade religiosa, com a sociedade e com Deus. Em cada dimensão, há aprendizagens que são reconhecidas pelos jovens como formadoras de sua pessoa.

Nem todos os aspectos da socialização ocorridos na formação para atuar nos grupos religiosos se constituem em objetos de análise neste capítulo, somente aqueles que percebemos ter ligação com uma visão de mundo em que a longevidade escolar tenha centralidade ou em que se valorizem as trajetórias sociais de sucesso.

4.3.1 Aprendizagens ligadas ao conhecimento de si e à autoestima que contribuem para o desejo de um futuro de sucesso

Os grupos religiosos oferecem condições propícias ao desencadeamento de atitudes ligadas ao conhecimento de si, autoestima e valorização do outro que podem estar diretamente ligadas à postura proativa que a maioria dos jovens entrevistados apresenta. Eles insistem em querer um futuro de sucesso para si, mesmo que a condição social não seja favorecedora da realização de tais desejos. São jovens que reanimam sua autoestima na relação que estabelecem com os amigos de grupo e acrescentam à sua visão de mundo a presença positiva da educação escolar. Ao que parece, eles incorporam certas maneiras de agir e de ver as coisas que circulam nas atividades desenvolvidas nos grupos.

Enquanto participam dos grupos religiosos católicos, os jovens são estimulados a tomar conhecimento de si em várias situações:

> *Nós já tivemos até curso com psicólogo, com essa facilitadora pedagógica [Maria José] que nos acompanhou muito tempo, nós fizemos os estudos do Eneagrama*[51] *pra nos conhecer. Pra gente aprender a lidar com nossos próprios sentimentos tanto bons como ruins que faz parte da própria natureza humana. E pra gente aprender lidar com a gente mesmo, pra depois a gente fazer um trabalho com essas crianças, porque não é fácil fazer um trabalho com eles, a gente tem que saber a discernir um pouco, até aonde eu posso ir. "Eu posso ir até aqui", até aonde eu posso absorver, "até aqui" porque senão você não aguenta.* ***(Adriana)***

O curso que Adriana teve oportunidade de participar, para se relacionar melhor consigo mesma e com as crianças do projeto Monte Pascoal, permitiu que ela se conhecesse, aprendesse a lidar com seus sentimentos, limitações e fraquezas. Vanessa, que também participou desta mesma formação, contou que o curso foi importante num momento em que

[51] Eneagrama de Personalidade: Ferramenta profunda de autoconhecimento trazida para o ocidente por G. I. Gurdjieff. Fonte:<http://www.fredport.com/enea.htm.> Acesso em: 14 set 2011.

aestava vivendo um drama familiar e as reflexões permitiram que ela tivesse equilíbrio para tomar decisões acertadas frentes àqueles problemas. Pelo que se observa, são momentos em que a formação está voltada para o autoconhecimento, quando os jovens se distanciam dos problemas do dia-a-dia e permitem-se pensar em si, seus valores, suas conquistas, suas crenças e conseguem desenvolver sua autoestima[52].

A autoestima responde às necessidades de amadurecimento afetivo e formação positiva da personalidade. Para chegar à resposta de "quem sou eu?", segundo a CNBB (2007), o jovem deve valorizar os ritos que dão sentido à vida e valorizar a partilha porque é por meio dela que nos deixamos conhecer pelos outros e podemos conhecer o nosso semelhante. Os documentos da Pastoral da Juventude sugerem que é a partir do autoconhecimento que o jovem consegue valorizar o outro, seu semelhante e relacionar-se bem com a comunidade.

Em seus planos de futuro, os jovens entrevistados dão muita ênfase à autoestima e aos processos para conseguir elevá-la. Para Adriana, por exemplo, foi fundamental a presença de outras pessoas que a incentivaram a continuar as tentativas para entrar na faculdade.

> *Uma vez a gente tava até tomando um curso de formação com a facilitadora pedagógica chamada Maria José, de Jacobina, uma pessoa muito boa mesmo e aí eu comentando assim com ela, eu falei que eu tinha vontade de fazer vestibular e tal, mas assim bem pra baixo mesmo, a autoestima bem lá embaixo mesmo. Aí eu falei com ela: "Ô Maria José, tudo na minha vida é tarde, só chegam as coisas tarde na minha vida". Aí, ela olhou assim pra mim, ela falou: "Adriana, não liga não, na minha vida também".*
>
> *Eu me lembro que eu falava assim: "Vanessa, eu tenho uma vontade de fazer o vestibular, mas eu já perdi". A gente fica com a autoestima lá embaixo, né? Não é fácil não. Aí ela conversava comigo: "Olha, Adriana, um dia a gente vai passar, a gente não pode desistir" e ela falava isso direto. E a gente via as colegas passando, por exemplo, Nara passou, outros colegas passaram. E eu e ela, a gente acabava fazendo e não conseguia... Ela falou assim: "Ah, não! Já sei o que vai melhorar sua autoestima". Me emprestou um livro de Augusto Cury, "Nunca Desista dos Seus Sonhos", ele me ajudou muito, para levantar a autoestima; e "A Águia e a Galinha", de Leonardo Boff. Ela me emprestou e eu li, eu sei que eu devorei estes dois livros dentro de pouco tempo. Li tudo. Aí eu falei: "Poxa, eu estou desistindo cedo demais". E eu decidi, sabe? Eu tinha, assim, aquele medo. Parece pra mim que eu ia tentar tanto entrar ali que eu nunca ia entrar... Depois que eu li estes livros não. Eu melhorei, minha autoestima elevou (...)*

Verificamos que, no grupo religioso, Adriana experimentou o incentivo de colegas da mesma idade para que não desistisse do sonho de entrar para a faculdade como também se apoiou em leituras de obras cujo objetivo principal é fazer com que as pessoas acreditem que são capazes

[52] Autoestima é compreendida neste trabalho não apenas em seus aspectos psicológicos. Numa perspectiva sociológica, considera-se a autoestima como resultado das formas das relações sociais. "É uma construção cujo efeito se manifesta a partir das configurações das relações sociais" (NUNES, 2004, p. 2).

de escolher seus destinos. Percebe-se, ao mesmo tempo, que é com exemplos da própria vida que os facilitadores elevam a autoestima dos jovens, como é o caso de Maria José, uma formadora mais experiente que, ouvindo os anseios de Adriana, pôde animá-la com seu próprio exemplo. São estas injeções de ânimo que colaboraram para que Vanessa e Adriana não desistissem do sonho de entrar para a universidade.

Também nas aprendizagens sobre a relação com o outro, os jovens relatam que, dentro do grupo, aprenderam a valorizar o companheiro. Reconheceram que existe uma diversidade de cultura, mas que cada ser humano é único e deve ser valorizado como tal. Nas relações que se estabelecem, as influências ficam mais evidentes quando as pessoas se respeitam em suas diferenças, diversidades e limitações. Compreendemos que esse respeito é importante para os relacionamentos dentro da escola e da universidade, o que nos leva a interpretar que, quando reconhecemos o outro, valorizamos o outro, podemos conviver com mais facilidade na escola. Angélica fala deste aspecto da formação:

> *Aprendi muita coisa. A maneira de ver a vida. O aceitar as pessoas nas suas diferenças, sabe? O sentir a presença de Jesus Cristo em cada um desses grupos, nessas pessoas. É, ver mesmo no outro, o outro como semelhança de Deus, sabe, a imagem e semelhança.*

Associados à aprendizagem do respeito às diferenças estão os aspectos religiosos, por meio dos quais, apesar de ser diferente, o outro é valorizado como semelhança de Deus, portanto digno de ser respeitado. Denise acrescenta que não tem tantas dificuldades dentro da universidade porque aprendeu a respeitar as diferenças: *"Então, eu já fui pra dentro da universidade com essa visão do diferente, de conviver com várias... com a diversidade, né? Das pessoas. Então, não foi algo novo assim pra mim".*

Ao que parece, Angélica e Denise enfatizam esta aprendizagem do respeito à diferença, adquirida nos grupos religiosos, como positiva nas suas relações fora deste ambiente religioso. Na percepção de Denise, este conhecimento a ajudou nos relacionamentos e fizeram com que ela se sentisse numa situação confortável dentro da universidade.

4.3.2 Disposições ligadas ao horizonte temporal de futuro

Nos estudos que realizou sobre longevidade escolar, Viana (2007, p. 42) pressupõe que "os sujeitos das camadas populares que conseguem chegar à Universidade constroem sua

trajetória escolar num 'tempo próprio', o tempo do possível, dadas as suas condições de vida". A autora argumenta ainda que, para estas camadas sociais, o tempo de construção da vida se baseia numa compreensão de que o possível se confunde com o real, o que implica um horizonte temporal [53] distendido e condutas de perseverança. A hipótese desta nossa pesquisa é de que a perseverança e o horizonte temporal estendido se caracterizam como disposições temporais efetivas, que contribuem para que jovens das camadas populares possam planejar o seu futuro com a consciência de um "tempo próprio" e a aceitação de um "tempo necessário" para a construção de uma escolarização prolongada.

Segundo Mariz et al. (2003, p. 329), "a perseverança é uma qualidade importante para se conseguir entrar numa universidade. Vem do apoio familiar, determinação pessoal, do exemplo e do apoio de um grupo de amigos". Para os jovens das camadas populares é uma disposição essencial para que se alcance uma escolarização longeva porque, associada à esperança de que tudo tem seu tempo certo de acontecer, leva-os a não desistir diante dos inúmeros obstáculos. Como analisado no capítulo 3, a maioria dos jovens entrevistados considera o vestibular um grande obstáculo no caminho de acesso ao Ensino Superior.

A palavra perseverança, ou expressões de significados similares, como persistência e determinação, fizeram parte de todos os depoimentos transcritos para esta pesquisa. Por diversas vezes, em todas as entrevistas, os jovens relatam como ter perseverança foi importante para a continuidade dos estudos. Questionado sobre aprendizagens adquiridas nos grupos religiosos que favoreceram a sua escolarização longeva, Eduardo comentou:

> *Favoreceu indiretamente. Não nos aspectos que os assuntos que a gente tratava lá praticamente caíram no vestibular, mas, por exemplo, alguns sentimentos como o de renúncia, perseverança, determinação que eu aprendi com os grupos de jovens que a gente tem que ter pra conseguir as metas isso foi fator determinante pra mim conseguir o meu sucesso, o meu objetivo que era entrar, passar no vestibular e adentrar uma faculdade. Me ajudou bastante.*

Eduardo contou que abriu mão das saídas com amigos, de assistir à TV, para se dedicar ao cursinho pré-vestibular. Sua fala enfatiza disposições ascéticas que, ativadas ou construídas nos grupos religiosos, possibilitam aos jovens das camadas populares insistirem nos objetivos

[53] Neste trabalho, horizonte temporal é definido como "[...] o domínio aberto no interior dos grupos e sociedades às duas grandes perspectivas temporais, que são a reconstrução do passado e a antecipação do futuro. [...] o horizonte temporal pode ser considerado, ao mesmo tempo, como um campo de certas práticas temporais e o lugar do exercício de diferentes representações do tempo; o campo de projetos, planificações, de previsões e de visões antecipadas, de expectativas e esperanças, de uma parte; o campo que abarca as lembranças, a memória coletiva, a história ou o mito, de outra parte." (MERCURE, 1995, apud VIANA, 2007, p. 43).

que são traçados para sua vida. Outra entrevistada também falou da determinação para conseguir seus objetivos *"Faria, faria. Eu não ia desistir não. Eu não sou de desistir das minhas coisas assim tão simples não"(Rute).*

Para Mariz et al. (2003), os amigos que têm metas similares, estejam ou não num mesmo movimento religioso, são importantes para gerar perseverança. Na pesquisa apresentada, são principalmente os amigos dos grupos religiosos que estimulam os jovens entrevistados a não desistirem dos sonhos de entrar na faculdade, todavia os "amigos de fora", no caso, os parentes, também têm uma palavra de incentivo quando se trata de permanecer firme na opção de escolha para o curso universitário:

> *Isso me influenciou. Quando eu vi, por exemplo, no ano de 2009 eu fiz vestibular e não passei e vi meu primo fazer pro mesmo curso e passou, ele foi lá e me motivou mais ainda e falou "meu primo, pode fazer que o curso é bom e realmente você está no caminho certo, você não vai se arrepender.* ***(Eduardo)***

Associado à questão da perseverança, outro princípio religioso que configura uma disposição temporal é a questão de que tudo tem um tempo certo de acontecer. Denise é enfática sobre esta crença*: "Eu sempre fui tranquila nessa questão de conquista, de saber o momento certo. Então, acredito que tudo que acontece na vida tem um momento certo e tem um propósito também".* Pelo que se analisa, o tempo da fé não está relacionado apenas ao tempo cronológico. Parece que está associado a um tempo de merecimento, como se as coisas que têm de acontecer não precisassem ser perseguidas com ansiedade porque têm tempos próprios. No entanto, há a esperança de que, sempre o que se deseja, consegue-se. Desde que se saiba esperar e perseverar. Convém salientar que essa espera não é acomodada, vem acompanhada de esforço e luta para alcançar o alvo desejado.

São diversas as circunstâncias em que os jovens são instigados a refletirem sobre o tempo e a perseverança, nos espaços das reuniões, da formação específica, ou mesmo nas conversas amicais, com os padres. Foi Angélica quem relatou:

> *... Padre Benedito, uma vez, eu conversando com ele sobre vestibular, ele falou "Olha, as coisas vêm na hora certa. Veja, Vanessa!" Que Vanessa fez ó (estalando os dedos) muito mais, né? E, sempre uma ótima aluna também. Não era perfeccionista como eu, né? Aí ele falou que talvez o meu perfeccionismo me atrapalhasse um pouco. Que eu tinha que respirar.*

Em outro momento da entrevista, a mesma jovem falou com carinho dos conselhos do mesmo padre, às vésperas de uma de suas tentativas de entrar na universidade:

> *Tanto que, certa vez, no último vestibular, à noite, o vestibular era domingo e na segunda, aí no sábado à noite eu encontrei com ele e aí ele falou: "Reze, durma bem, não se preocupe!" Eu me lembro assim, e aí ele "Vai dar tudo certo, vai dar tudo certo, não se preocupe, não se cobre. Se não for dessa vez, vai ser de outra!"* ***(Angélica)***

Para ela e outros jovens entrevistados, falas como essas trazem tranquilidade para o espírito. Uma disposição à serenidade que Artur, ex-seminarista, diz ter aprendido nos anos de formação para o sacerdócio. São palavras suas:

> *Diante dos problemas você tem que estar sempre sereno. Não é você ser apático, não. Você tranquilo pode estar resolvendo, ou seja, uma coisa que eu aprendi no seminário: Não queimar etapas, viver cada momento. O fato de tá lendo a prova do vestibular, eu fiquei tão tranquilo, tão sereno... Se não fosse o seminário... Eu achei bom, experimentei e cultivei.*

Segundo Artur, é a tranquilidade, que cultivou durante o seminário, um dos principais motivos de ter sido aprovado no vestibular. E essa inclinação à serenidade, segundo disse, o acompanha em muitas circunstâncias da vida. Quando a coisa aperta, quando nada parece estar dando certo, ele põe em prática essa forma de agir.

Foi também no momento quando falava sobre as aprendizagens no grupo que favoreceram a sua aprovação no vestibular que Érico teceu comentários sobre a questão do "tempo certo", que se discute na Igreja:

> *Sim, eu acho que favoreceu sim. É claro que talvez eu não saiba colocar em termos diretamente, mas de uma certa forma, de uma certa forma, sim. Porque aquela coisa de sempre no grupo trabalhava que as coisas aconteciam na hora certa, não é? Então isso psicologicamente pra mim foi como se fosse uma terapia, eu tava pensando naquilo, a tensão de passar no vestibular, aí eu me lembrava daquilo. Então, pra mim foi bastante significativo nesse aspecto. Então, assim, eu sentia pressionado por mim mesmo de passar no vestibular. Então, foi aí que entrou a questão religiosa que a gente trabalhava que as coisas tinham um tempo certo de acontecer e sempre aquela mensagem vinha na minha cabeça.* ***(Érico)***

Viana (2007), na análise de condições facilitadoras para a sobrevivência escolar de um dos seus sujeitos de pesquisa – André, aponta a disposição em "se acomodar" ao tempo que lhe foi possível, para construir seu caminho pelos diferentes níveis de escolarização. Érico, de certa forma, também procura "se acomodar" a um tempo que haveria de chegar e traria o benefício da aprovação no vestibular. No entanto, ao mesmo tempo em que tentava ficar

tranquilo porque sabia que esta hora haveria de chegar, agia concretamente para entrar na universidade, como, por exemplo, quando se matriculou no cursinho e inscreveu quatro vezes para o vestibular.

Também relacionada à disposição temporal de futuro, há uma situação que merece ser analisada porque foi enfatizada por mais de um jovem que participou das entrevistas: O "projeto de vida" é realçado nos depoimentos dos jovens que se mantêm engajados em atividades religiosas, principalmente, ligadas à Pastoral da Juventude, uma vez que a elaboração do "projeto de vida" faz parte da metodologia de formação desta pastoral.

Segundo Pais (2003), há duas formas de análise da visão de futuro dos jovens. Há aqueles que se orientam para um futuro instantâneo, com o desejo de usufruir do presente e há aqueles que organizam estratégias de mobilidade social ascensional, orientando-se para um futuro em longo prazo. Segundo ele:

> Os jovens que apostam em estratégias de mobilidade privilegiam o tempo futuro em detrimento do tempo presente. Tem uma noção de tempo relativamente aberta, porque o que mais enfatizam é o tempo do futuro, da evolução, da não repetitividade. Os outros têm uma noção mais fechada e cíclica do tempo – tempo de repetição, de ritualidades ligadas fundamentalmente à conviviabilidade ou às rotinas diárias. (p. 233).

Para os jovens entrevistados, há um pensamento que lhes impulsiona a organizar o seu futuro. Mesmo que saibam das limitações que a posição social lhes impõe, os jovens falam do futuro, fazem planos porque são incentivados para tal situação. O projeto de vida sugerido pela formação no grupo religioso lhes impulsiona a pensar no futuro e, quanto maior a sua participação, mais envolvimento com os grupos, melhores são suas expectativas de futuro.

Ao tematizar a questão do projeto de vida, Pais (2003) enfatiza que:

> Os projetos de futuro (ou a ausência deles) têm muito a ver com as práticas quotidianas em que os jovens se envolvem, com os múltiplos contextos de socialização a que se encontram sujeitos. Embora as suas trajetórias e práticas quotidianas se encontrem sujeitas a determinações de natureza societal, encontram-se também subordinadas às lógicas dos microssistemas de interacção e de relações constitutivas das unidades de vida de que fazem parte. (p. 236).

A afirmação do autor destaca que a definição dos projetos de futuro dos jovens está relacionada ao contexto em que estão inseridos e às relações que estabelecem neste contexto.

Os grupos religiosos, como contexto de socialização, colaboram para que os jovens em suas relações com os demais integrantes dispensem "tempo" para pensar nos seus projetos de futuro e passem a ver o curso superior como possível dentro desse projeto. Estas perspectivas aparecem muito claramente nos depoimentos dos jovens entrevistados, principalmente, no aspecto ligado à escolha em dar sequência aos estudos, quando destacam que esta opção é influenciada por tudo aquilo que vivem nos grupos religiosos. A fala de Vanessa é expressiva em relação a essa influência:

> *Então a gente tinha esse momento de montar o seu projeto de vida. E nós também da coordenação tínhamos a questão do projeto de vida. Por exemplo, a gente montava um projeto de vida junto e eu me lembro que padre Manoel sempre incentivava a gente. O projeto acadêmico era importantíssimo.*

Vanessa torna evidente que o "projeto de vida", organizado pelos integrantes da Pastoral da Juventude, não é apenas uma consequência não intencional à formação dentro dos grupos religiosos, mas algo que aparece com muita intensidade nos momentos de capacitação destes jovens. Quem participa dos encontros de formação tem tempo, suporte e incentivo para pensar num "projeto de vida". E, dentro deste projeto maior, pensar sobre a escolarização parece ser central também. Vanessa se refere ao projeto acadêmico como importantíssimo. Esta oportunidade, disponibilizada dentro dos grupos religiosos, aponta para um compromisso com a escolarização compactuado por todos. Enquanto interagem nos grupos religiosos católicos, os jovens são expostos a modelos impulsionadores de trajetórias escolares bem sucedidas, bem como ao apoio moral para "*manter-se firme nos estudos*". A fala de Eduardo ilustra a discussão:

> *Quando eu participava das reuniões, eles incentivavam. Agnaldo, Angélica, Vanessa e outros que também passaram, sempre incentivaram. Façam uma faculdade, não fique só no Ensino Médio, vá adiante, dê continuidade aos estudos. Além da preocupação da formação humana, tinha também essa formação pessoal, essa capacitação [formação para a coordenação da Pastoral da Juventude] existia também e é incentivada até hoje.*

Entretanto, não são apenas os jovens que incentivam a planejar um futuro profissional associado à presença de maior escolaridade. Algumas falas relatam que este incentivo vem de pessoas mais maduras. No caso, os dirigentes religiosos:

> *Ele [padre Carlos] incentivava muito. Ele reunia com a gente. Ele reunia com nós cinco, dava conselho, falava pra estudar. Falava pra gente continuar assim. É... A gente reunia muito com ele, incentivava. Incentivava a gente a estudar. A buscar*

> *aquilo que a gente quer. Que não adiantava só sonhar não, que tinha que correr atrás. Sabia que era difícil, mas que devíamos vencer os obstáculos, ele falava. Ele incentivou muito a gente.* ***(Maria)***

Maria, que na sua adolescência participou intensamente de vários grupos dentro da Igreja, refere-se ao padre Carlos como grande incentivador de seus estudos, além da família. Na sua fala, fica evidente a consciência que possui das dificuldades em prosseguir os estudos, entretanto havia o incentivo para superar os obstáculos e realizar os sonhos.

Inclusive, há relatos de casos, por exemplo, da estudante Vanessa, que é repreendida pelo padre de sua comunidade por ficar muito tempo envolvida com as atividades voltadas para os trabalhos pastorais dos grupos e não se empenhar em fazer acontecer o seu projeto de vida ligado ao plano acadêmico. Já Rute relata que o padre Cláudio sempre incentiva a estudar e deixar em segundo plano as atividades que desempenha na comunidade: *"Então, pastoralmente, Cláudio é tudo, mas sempre também me orientou nessa questão: 'Vamos Rute, estudar para o vestibular? Deixar um pouquinho isso, deixar aquilo', mas eu não conseguia".*

Diferente dos resultados apresentados pela pesquisa de Mariz et al. (2003), em que os jovens apontam que nunca ouviram discursos dentro da Igreja que os incentivassem abertamente a tentar entrar na faculdade e que a preocupação da pastoral era com a luta da comunidade, na nossa pesquisa, os padres parecem incentivar o sucesso individual para a melhoria de vida destes jovens e, como consequência, melhoria também para a comunidade, como relatou Vanessa:

> *Ele [padre Manoel] sempre orientou a gente assim, pra quando a gente voltar e, se voltasse, pudesse ajudar a diocese. Não todo mundo fazer a mesma área, mas "faça pelo menos Antropologia, faça Pedagogia, faça Psicologia, faça Sociologia, faça Serviço Social". Então ele era uma dessas pessoas que tinha essa visão. Hoje eu consigo fazer a leitura. Ele tinha essa visão de cada um fizesse outras áreas para ajudar na integração da Pastoral da Juventude. Pra depois quando voltar, ajudar, não só na Pastoral da Juventude, mas em outras pastorais. Padre Marcos também sempre incentivava. Sempre, sempre incentivava. E ele falava desse jeito: "Algumas pessoas passaram em Pedagogia. Não tá dando para ajudar na diocese, ajuda na sua comunidade", entendeu? Ele nunca falava assim "desligue, faz esse corte", não. Que ajude, mas primeiro é o seu projeto acadêmico. Mas um projeto acadêmico... Para um retorno, mais eficaz, mais preparado, mais de conhecimento mesmo.*

Na narrativa que faz da sua experiência pessoal, Vanessa evidencia importantes pontos de reflexão sobre a temática principal desta pesquisa, que é a relação entre a socialização nos

grupos religiosos e longevidade escolar. Primeiro, a preocupação dos sacerdotes em garantir a sua permanência na universidade. Rute, em citação anterior, também relata o mesmo tipo de preocupação de um padre amigo. O nosso questionamento é sobre os motivos de tanta preocupação em mantê-las na universidade. É apenas para o crescimento individual ou para garantir o futuro da religião católica? Outro ponto que requer aprofundamento é sobre a influência da Igreja na escolha das profissões. Será que o "projeto de vida", encaminhado pela metodologia da PJ, deixa liberdade para que os jovens escolham realmente profissões que tenham mais afinidade ou que estão mais ligadas às necessidades desta pastoral?

Desta forma, parece haver uma intencionalidade da igreja em querer que seus jovens participem dos círculos acadêmicos, contanto que voltem para servir às suas comunidades. Se assim for, nossa pesquisa comunga com os resultados da pesquisa de Mariz et al.(2003, p. 332) quando relata que "a preocupação da pastoral com a luta da comunidade parece ser mais importante que a luta individual para a melhoria de vida". No entanto, há de se acrescentar à discussão que a disposição à ação destes jovens de nossa pesquisa está baseada numa ideologia religiosa em que o crescimento individual não tem sentido se não estiver relacionado com o desejo de transformação social, conforme documentos da CNBB destinados aos jovens (CNBB, 1998; 2007). Ao se pensar nesta perspectiva, o desenvolvimento da comunidade possibilitaria o crescimento pessoal e o crescimento pessoal fortaleceria a luta da/na comunidade.

4.3.3 Disposições ligadas ao comprometimento

Na formação oferecida pela Pastoral da Juventude, o jovem é conduzido para um conhecimento técnico voltado para a ação transformadora. O que se aprende na Igreja deve ter repercussão na vida do jovem e das outras pessoas. Os documentos da CNBB (1998; 2007) sugerem que nos encontros organizados pela Igreja, principalmente dentro da Pastoral da Juventude, devem ser apresentadas ferramentas de planejamento e desenvolvimento do espírito de liderança, coordenação e organização cujo objetivo final é a militância. A hipótese nesta pesquisa é de que todas estas ferramentas ajudam a se constituir em disposições que contribuem para organizar uma trajetória escolar de sucesso.

Os depoimentos a seguir ressaltam a importância que os jovens dão ao comprometimento com o grupo e com suas escolhas:

> *Diante da realidade que a gente tem hoje do profissional tão desvalorizado que é o professor, salarialmente, profissionalmente, enfim, é muito desvalorizado. Se a gente for olhar pra esse lado, aí não dá pra ser professor, não dá pra ser. Só que aí eu penso... Toda a formação que eu recebi do âmbito religioso e também da escola me impulsiona e me leva a me comprometer e a continuar na área da educação e fazer diferente.* ***(Angélica)***

> *Hoje eu fazendo a leitura, quando eu vejo os meus companheiros, eu percebo mesmo que não estando no espaço da Igreja, eles levam a Pastoral da Juventude porque a Pastoral da Juventude ajudou muito a se relacionar, a se comprometer. São pessoas muito comprometidas com a sociedade, que está lá reivindicando no seu espaço, entendeu? E eu escolhi a Catequese que foi de onde eu saí, pra voltar e dar tudo o que eu recebi de formação, hoje eu estou na coordenação geral da Catequese.* ***(Vanessa)***

> *Sim, no grupo eu era uma pessoa responsável. Assim é, o que fosse encarregado pra mim eu sempre busquei dar conta daquilo que eu me responsabilizei, questão de horário, de tá executando, né, aquilo que foi proposto pra mim. Então, assim, eu me considero responsável, além disso, assim, buscando assim, nem só fazer a minha parte, mas incentivando os colegas a tá fazendo aquilo que a ele foi encarregado.* ***(Érico)***

Todas as falas ressaltam que a experiência realizada nos grupos religiosos os leva a se comprometerem com aquilo que acreditam. Esta disposição ao comprometimento não é utilizada apenas no que se refere às vivências do dia-a-dia nos grupos religiosos, na Igreja, mas se estende a outras esferas da vida social e profissional. Angélica lembrou o seu comprometimento na área profissional; atuando na docência, tem consciência da difícil realidade do ensino no país, mas, segundo ela, o comprometimento que desenvolve no âmbito religioso não permite que se acomode com a situação e tenha disposição para querer se envolver cada vez mais e buscar algo diferente para sua profissão. Vanessa descreveu uma disposição em se comprometer com a sociedade. Ao falar de si, também se lembrou de outros colegas que atuam fora da Igreja com o mesmo compromisso que atuavam dentro dos grupos. Além do comprometimento social, ela continua atuante nas pastorais católicas e está à frente da coordenação paroquial da Catequese. Como Vanessa, Érico descreveu suas responsabilidades dentro do grupo, com a consciência de que seu exemplo pode incentivar outros jovens a se comprometerem.

O comprometimento, relacionado pelos jovens e objetivado pela Pastoral da Juventude, leva à militância, definida pela Igreja como "ação eficaz do cristão, cada vez mais refletida, intencionada, consciente, contextualizada e organizada, visando promover uma renovação na Igreja e uma transformação na sociedade" (CNBB, 1998, p. 156). No plano pastoral, a militância é alcançada depois que se passa por todas as dimensões relacionais e, assim, assume-se um compromisso consciente consigo e com Jesus Cristo (fé e vida). Seidl (2009),

ao analisar a carreira militante em várias esferas da sociedade, inclusive a religiosa, ressalta que a militância precisa de certa bagagem cultural e densidade intelectual, adquiridas não apenas na escola, mas por outras atividades sociais e culturais. A ênfase na bagagem cultural e intelectual remete a uma hipótese para este trabalho de que os jovens que atuam na militância religiosa assumem um compromisso maior com o conhecimento para ampliar a sua visão de mundo. Com isso, estão mais dispostos a investir na escolarização prolongada, pois sabem que na escola podem ter acesso direto aos conteúdos historicamente construídos.

Ao jovem que deseja militar num grupo religioso, é exigido maior conhecimento da realidade sócio-política. Nos grupos, os jovens não são convidados apenas para vivenciar a fé na Igreja, mas a capacitação mobiliza para que eles engajem em outros setores da sociedade, como sindicatos, associações, etc. Para esta finalidade, segundo os depoentes, temas ligados à conjuntura social são colocados em discussão nos momentos de formação. Conhecimento sobre trabalho, política, direitos humanos, cultura, valores, entre outros, são amplamente discutidos nos grupos religiosos. Em alguns grupos, como a Infância Missionária, por exemplo, a metodologia sugere que se faça contraponto com outras realidades mundiais. Esses temas, segundo Eunice, muito lhe foram válidos para a redação do vestibular:

> *... Lembro-me que a redação do vestibular foi sobre direitos humanos ou coisa parecida e assim eu dava Catequese. Nas discussões sempre tem essa questão dos direitos humanos, os valores da vida, essas coisas essenciais pra gente viver sem humilhar o outro, sem menosprezar o outro. Então, eu lembro que a minha redação foi muito boa, não me recordo a nota, mas que eu coloquei tudo que eu sabia, o que eu ouvia dizer que era correto.*

Estes temas, comuns à formação e atuação dos jovens nos grupos religiosos, possibilitam a constituição de uma disposição reflexiva e potencializadora de argumentos dissertativos utilizados na prova de redação para o vestibular. Para Eunice, a formação que recebe e partilha no grupo religioso, neste caso, na Catequese, foi relevante e essencial para que fizesse uma boa redação e fosse aprovada no primeiro vestibular para Licenciatura em Geografia.

Anita, jovem bastante engajada na sua comunidade, falou desse comprometimento com o conhecimento, quando comentou que um *"pregador deve fazer um curso universitário pra melhorar a sua pregação".* Pela compreensão do seu depoimento, um dos seus objetivos em cursar a universidade seria para melhorar a sua atuação como integrante da Renovação

Carismática Católica, pois como é bastante comunicativa, pensa em atuar no ministério de pregação[54].

Enquanto estudava os casos excepcionais de jovens das camadas populares que tiveram acesso ao curso superior de engenharia na França, Laurens (1992) identificou a dimensão ideológica construída no trabalho militante (político/religioso) como importante para a ascensão social dos jovens com trajetórias atípicas de sucesso a quem entrevistou. A militância religiosa dos pais contribuiu efetivamente para alargar os horizontes sociais e fizeram com que as chances de sucesso se abrissem e os projetos à ascensão ficassem dentro da ordem do possível. Enquanto os trabalhadores das camadas populares veem geralmente suas perspectivas de futuro bastante fechadas, dito de outra forma, suas chances objetivas de ascensão social muito restritas, segundo Lasserre (apud LAURENS, 1992), não é o caso dos trabalhadores católicos, porque:

> ... a religião lhes oferece uma visão de mundo na qual as barreiras e os constrangimentos sociais são menos fortes que a vontade e o mérito individual. Assim as chances de sucesso se abrem, e os projetos de ascensão ficam dentro da ordem do possível. A ética religiosa lhes dá, além disso, como justificar e aceitar as privações, mas também os esforços repetidos que a ascensão social demanda (p. 189). [Tradução nossa].

Apesar de não ter como foco principal a militância de pais católicos, a pesquisa de Laurens (1992) aponta que a militância é característica de jovens que têm um engajamento muito grande com as atividades religiosas. O autor conclui que este engajamento, mesmo não sendo fator único para o desejo de ascensão e mudança de vida, certamente é um fator que precisa ser considerado no estudo sobre trajetórias de sucesso de famílias dos meios populares. Para Mariz et al. (2003), o fato de todos os jovens entrevistados por ela também terem experiência religiosa, presente e passada, não permite que se faça uma correlação estatística entre participação religiosa e ingresso na universidade, entretanto, indica uma grande afinidade entre o discurso religioso e o desejo de adquirir maiores conhecimentos. Pois, segundo os autores, há uma ênfase em debates, leituras e conscientização.

[54] O Ministério de pregação é um dos serviços pastorais da Renovação Carismática Católica. O pregador é aquele que recebe do Espírito Santo o dom da palavra e tem a missão de anunciar para o mundo. (SILVA, 1990).

4.3.4 Disposição à autonomia e à planificação: uma boa parceria para o sucesso escolar

A participação de jovens em grupos religiosos favorece o aprimoramento de várias disposições, dentre elas, a disposição à autonomia e também à planificação que podem se constituir em importantes ferramentas facilitadoras de sucesso escolar. Como ouvimos nas entrevistas, o vestibular exige que os interessados tenham autonomia para organizar os estudos e manter-se em cursinhos preparatórios. Os depoimentos dos entrevistados denotam que, dentro dos grupos religiosos, tiveram oportunidades para colocar em prática tais disposições:

> *Tinha o curso de batizado aqui, que não tinha ninguém pra dar, eu me dispus a dar porque era no domingo e eu já participava dos encontros, já tava por dentro e não tinha ninguém pra dar o curso pra os adolescentes. Aí eu falei: "Oh, Mônica! Se você me orientar eu estou disposta". Aí ela me deu os livros, me deu tudo e eu falei "pronto, tá aqui", eu li e estudei muito sobre batismo e tal, a importância e tal. E, aí, eu comecei a dar o curso de batismo.* ***(Adriana)***

Adriana relatou que tomou a iniciativa para organizar um curso que lhe trouxe um desafio porque era algo novo para ela. Nessa atitude, há uma inclinação à iniciativa pessoal e também à organização, pois, por dispor da parte teórica, planejou e executou um curso de batismo para adolescentes. Também há indícios de disposição à autonomia quando Adriana relata sobre o trabalho que desenvolve no Projeto Monte Pascoal:

> *... A gente é muito livre. Imelda, no caso, faz o papel da diretora. Imelda nunca pediu, Imelda nunca chegou pra olhar, pra observar e nem cobrar 'Deixa eu ver se você fez mesmo!' Não, eu mesma é quem me policio. Então, há uma cobrança da gente mesmo".*

As disposições citadas certamente são muito importantes quando um jovem pensa em prestar vestibular, porque a preparação exige bastante de uma pessoa, como relatou Vanessa:

> *Teve um momento, que foi um momento mesmo que eu falei assim: "não, agora eu tenho que parar." Mas aí eu parei e selecionei todo o material, fui tentar reaprender a estudar, ter disciplina em estudar, sabe? Eu sofri muito porque eu levantava da cadeira quarenta vezes, eu tomava café, eu achava que eu não ia conseguir... Ainda estou aprendendo a estudar porque estudar não é fácil.*

No depoimento acima, Vanessa descreveu suas tentativas de planejamento para os estudos de preparação ao vestibular e relata que não é tão simples estar disposta a estudar para conseguir

um objetivo. Em outros depoimentos, lembrou emocionada que o padre Manuel foi quem a ajudou para que ela tivesse essa iniciativa. Por estar muito envolvida com a Igreja, ela deixava os estudos de lado, matriculava-se em cursinhos e logo desistia; diante de tanta insistência para que fizesse um curso de graduação, o padre disse que desistiria dela e a partir dessa fala é que ela resolveu empenhar-se para passar no vestibular.

São várias as oportunidades que outros entrevistados desta pesquisa tiveram de atualizar suas disposições à autonomia e à planificação. Os relatos abaixo confirmam:

> *Aí foi quando surgiu – eu e mais cinco pessoas por aí – que a gente tentou formar um grupo da Pastoral da Juventude; foi quando a gente começou a se reunir, primeiro a gente se reuniu, ficou mais ou menos um ano nos reunindo, esse grupo de jovens.* ***(Juliana)***

> *Ah! Eu frequentava muito a Igreja, o culto das crianças. Quem comandava – inclusive o padre nem ia – quem comandava o culto das crianças era nós cinco. Aí a gente dividia, né, já que era cinco. Cada final de semana era um que era responsável por abrir, limpar e escolher os cantos e pela liturgia, pela palavra. Eu cresci ali, assim, catequizando. Foi bom demais. A experiência muito boa.* ***(Maria)***

Juliana e Maria, nestes e em outros momentos relatados por elas, enquanto participavam dos grupos religiosos, tiveram possibilidades de atualizar as disposições em questão, pois estavam à frente de trabalhos com crianças, como foi o caso de Maria; e, na coordenação de um grupo de jovens, como é o caso de Juliana. Estas vivências enfatizadas pelos jovens se constituem como fator estruturante para a escolarização prolongada e referem-se à capacidade de planificação, desde planos mais específicos como planejar uma reunião até a organização de um "projeto de vida" como demonstrado no item 4.3.2 deste capítulo.

Em relação ao planejamento de eventos, Vanessa é a mais enfática em querer relacionar suas aprendizagens na Pastoral da Juventude às técnicas exigidas na organização do trabalho pedagógico na universidade:

> *Há tantas coisas hoje que eu tenho facilidade, que veio da Pastoral da Juventude. A capacidade técnica de organizar um seminário, isso quem me deu foi a Pastoral da Juventude. Eu percebi que pessoas que não passaram por nenhum grupo que tem tanta dificuldade, que tem leitura, mas não consegue organizar tecnicamente um seminário porque não tiveram essa questão na prática de se formar, entendeu, de se relacionar com outro.* ***(Vanessa)***

Para ela, saber organizar um seminário lhe confere um saber diferencial frente aos colegas do curso de Psicologia. Na sua fala, refere-se a um aspecto importante na constituição de

disposições que é a questão da prática. É no grupo religioso que ela tem oportunidade de exercitar este saber prático que agora pode ser transferido para outra situação, em outro espaço.

4.4 Atividades práticas de leitura e escrita como contexto mobilizador de algumas disposições escolares

No processo de formação na fé, os jovens são chamados a exercer atividades práticas dentro de suas comunidades. Estas atividades práticas podem ter permitido que seus executores mobilizassem determinadas habilidades, favorecedoras de comportamentos e atitudes escolares. Neste contexto, será analisado um conjunto de depoimentos que se refere a aprendizados ligados à prática de leitura, expressão escrita, expressão oral e à música.

Visto que o Cristianismo se define como uma religião da palavra e do livro, Weber (apud MONTEZANO, 2006, p. 75) afirma que tal religião de livro, ou seja, a bíblica "(...) converte-se na base de um sistema educativo não só para os membros do sacerdócio, mas também, e até especialmente, para os leigos." A religião Católica, que tradicionalmente valorizou a transmissão oral, empenha-se para que seus fiéis leigos tenham mais acesso à cultura escrita nos últimos tempos. Assim, ainda que a comunicação oral-auditiva seja uma característica acentuada, jornais, revistas, panfletos e livros constituem suportes de textos encontrados na maioria das atividades religiosas.

Tal ponderação nos faz refletir que habilidades de leitura e escrita estão presentes em várias atividades desenvolvidas pelos jovens em seus grupos religiosos. No conjunto destas habilidades, a prática de leitura ganha destaque especial. São leituras realizadas em diversas situações, desde a preparação para as reuniões até a leitura desinteressada de "*livros de igreja".* Questionados sobre as aprendizagens nos grupos religiosos que teriam colaborado para seu ingresso na universidade, os jovens relataram:

> *Eu acredito que sim, na questão da leitura, desenvolveu essa desenvoltura de ler muito, de gostar de ler. A partir de então, desenvolveu essa leitura que no início da minha vida escolar, eu não tinha. Porque se não fosse isso talvez eu não tivesse conseguido. Eu não teria desenvolvido essa leitura de saber interpretar as coisas através da leitura então... [interrupção para a jovem ir ao banheiro] Aí como eu estava dizendo, assim, de leitura na escola que eu me lembro foi na quinta série, não foi na sexta, A "Ilha Perdida", na sétima série "O Estudante", no primeiro ano "A Moreninha" e só, parece, só. Que eu me lembre só foram esses livros. Nem assim pra fazer o vestibular eu não li aqueles romances que exigiram tal, não. As minhas leituras eram mesmo da igreja.* ***(Denise)***

> *Eu acho! Porque pela questão do projeto exigir muito na questão de buscar o conhecimento, de estudar, me ajudou porque até então eu estudava, mas, mas não era assim com se diz, eu não tinha muito acesso, entendeu? Ou talvez por comodismo, não sei. Eu sei que o projeto abriu, abre a porta, como se diz, nos dá oportunidade de buscar o conhecimento, de você tá discutindo, porque a gente sempre tá fazendo roda de leitura, a gente lê um livro, a gente lê sobre um tema, a gente ganha revista, então... E exige também da gente de tá buscando, tá lendo. Então estimula, ajuda.* ***(Adriana)***

Em ambos os relatos, percebemos que o hábito de leitura é introduzido e reforçado nos grupos religiosos. Denise enfatizou que este hábito não foi cultivado no ambiente escolar e lembrou que leu apenas três obras de literatura em toda a Educação Básica. Aos seus olhos, a leitura realizada no grupo religioso é diferente, *"serve para interpretar as coisas".* Adriana, em diálogo com o primeiro depoimento, argumenta que as leituras realizadas no projeto (livros, revistas) abrem possibilidades para buscar novos conhecimentos. Rute costuma ler *"dois, três livros, ao mesmo tempo, um deles sempre de igreja".*

Outro aspecto enfatizado por Adriana é a formação do hábito de estudo que ela é "obrigada" a desenvolver, para dar conta das atividades religiosas. Outros jovens também relataram sobre essa questão. Eunice, coordenadora da Catequese de sua comunidade, disse que ela e todas catequistas de seu bairro se reúnem periodicamente para estudar o Diretório Nacional da Catequese[55].

Então, em quais momentos, as disposições à leitura e à escrita são ativadas dentro dos grupos religiosos? Estas habilidades são valorizadas na Igreja, da mesma forma que na educação escolar? A fala de Juliana encerra a resposta para alguns destes questionamentos.

> *... Ela [Dona Djanira] nos ensinava a fazer o comentário, a leitura e o salmo. Eu sempre fui desinibida para fazer alguma coisa, quando foi ali que ela começava fazer a leitura primeiro para depois ver como ela lia pra mim poder ler. Pra não cometer erro porque se errasse uma vírgula, depois quando voltava pro o coral para cantar, ela reclamava. [...] Ela tinha uma antipatia de quem falava errado, escrevia errado e lia errado. Pensa numa mulher que corrigia – que Deus a tenha – que corrigia assim vírgula por vírgula. Se você escrevesse uma palavra errada ela falava assim: "quem é sua professora, que série você tá?", entendeu? Então ela tinha esse cuidado com a gente e foi lá onde eu aprendi, porque, assim, não é só na sala de aula que a gente aprende não e eu acho que muita coisa da minha vida eu aprendi foi lá. Ler corretamente, pontuação, dar ênfase nas palavras a hora que você está lendo eu aprendi lá. O que eu sei hoje, eu aprendi lá. Inclusive cantar. Pense numa mulher que não precisava nem de microfone, as historinhas da Igreja quem contava era ela e nem usava o microfone. Tinha um tom de voz maravilhoso e a gente sempre tentou imitar e até hoje qualquer leitura que eu faço, eu tomo por base ela. Qualquer dúvida, qualquer coisinha a gente a procurava.*

[55] Publicação da CNBB em que estão estabelecidas as orientações e linhas de ação para a catequese da Igreja Católica.

Juliana enfatizou que os ensaios semanais para a missa dominical eram conduzidos por dona Djanira, uma professora com formação em Letras, que tinha horror a leituras mal feitas. Ela analisou em detalhes suas aprendizagens enquanto frequentava este grupo e lembrou que entrou no MEJ (Movimento Eucarístico Jovem) aos sete anos e só se desvinculou aos 18 anos. Destacou que foi tempo suficiente para vivenciar esta experiência e construir disposições para a leitura, com ritmo e entonação, condizente com as exigências de dona Djanira. Outro aspecto importante ligado à influência socializadora é a relação afetiva que Juliana manteve com esta orientadora. Ao analisar o ato de leitura nas famílias, Lahire (2008, p. 20) observa que "quando uma criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas lidas por seus pais, ela capitaliza – na relação afetiva com seus pais – estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de produção escrita". Percebe-se que Dona Djanira, mesmo não sendo sua genitora, é considerada por Juliana como uma pessoa muito significativa, cujas atitudes são referências para a jovem aprendiz.

Além da leitura de passagens da Bíblia, outras publicações religiosas são valorizadas no planejamento das reuniões grupais:

> *Tinha um material que era fornecido pela Igreja; o material que vinha era uma revista que chamava é... Missão Jovem, Missão Jovem. E aí essa revista trazia algumas atividades que davam pra trabalhar. Ela discutia também, era assim uma discussão bastante ampla também, além da questão religiosa, ela discutia alguns temas ligados à sociedade, juventude, casal, enfim.* ***(Érico)***

Em contato com o material citado por Érico, percebemos que o mesmo tem uma apresentação de conteúdo e uma diagramação que estimula a leitura. Ele aborda temas que interessam à juventude com uma metodologia que agrada aos jovens. Este mesmo periódico está presente na formação de outro leitor: *"É tanto que chegou um tempo que eu tinha mais de seiscentas histórias registradas na minha mente. Que eu tinha aqueles livros "Contos que Encantam" da Missão Jovem" (Antônio).* Antônio relembra que memorizou uma quantidade significativa de histórias a partir da leitura que realizava em publicações da Missão Jovem. Extremamente tímido, ressaltou que estas histórias o ajudaram a se comunicar melhor e hoje ainda o auxiliam em sua profissão. Ele é professor de Redação, Filosofia e Sociologia do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio em um colégio particular em Guanambi. O contato com as histórias é uma prática que amplia de algum modo o capital cultural deste jovem e mobiliza capacidades compatíveis com o universo escolar. Segundo Chartier (apud MONTEZANO, 2006, p. 80), "ler remete sempre, mesmo em face de um ritual, a um

processo de inteligibilidade, o que é necessário à formação de competências". Portanto, compactuamos com a argumentação de Montezano (2006, p. 78) de que "a exposição dos jovens à prática de leitura com certa regularidade e frequência favorece o desenvolvimento de competências que, em termos linguísticos, se mostram compatíveis com as exigências escolares".

Os aprendizados da escrita igualmente são destacados pelos jovens entrevistados. No depoimento anterior de Juliana, além da exigência de dona Djanira em relação à leitura, há preocupação também com a grafia das palavras e pontuação das frases. Como Juliana, Rute atribui ao grupo religioso a sua habilidade em escrever bem: *"eu aprendi a escrever bem, depois que eu passei a participar do grupo de jovens, que comecei ler alguns temas, que comecei ler algumas coisas. O grupo me ajudou nisso, eu escrevo muito melhor do que eu falo".* Inclusive, no domínio da escrita, Rute é acompanhada de perto pelo padre André, amigo que lhe auxilia na elaboração de redações, até mesmo para o vestibular: *"sim, André sempre me orientava. Sempre assim meus textos que eu fazia, eu conversava com ele, ele me orientava: 'melhora em tal ponto!'"*.

É válido ressaltar que disposições dissertativas também foram mobilizadas ao escrever cartas e e-mails para os amigos distantes. Vanessa relata que, nas inúmeras viagens que realizou para participar de assembleias da Pastoral da Juventude, fez muitos amigos e que mantém contato com eles por meio da comunicação escrita.

Sacristan (apud MONTEZANO, 2006) observa que a condição de bom leitor não está ligada apenas à escolaridade, mas também a outras circunstâncias sociais, pois diversas instâncias de socialização concorrem para que se crie o hábito de leitura e desenvolva-se o domínio da escrita. Dessa forma, os grupos religiosos, espaço social que privilegia determinadas ações e práticas da cultura escrita, são constitutivos de disposições comunicativas e dissertativas relacionadas à linguagem oral e escrita.

Outra aprendizagem referenciada por alguns jovens diz respeito à expressão oral:

> *Assim, pelo fato de eu já participar de grupo de jovens, acabou me dando essa facilidade de conversar em público, de tá divulgando ideias, conversando e assim me dá uma facilidade de tá conversando, ser mais comunicativo, atencioso, na questão de organizar reuniões. Então, já me dá uma facilidade.* ***(Antônio)***

> *... Porque antigamente eu tinha, eu era bem tímido, quase não conversava com as pessoas, ficava bem retraído, não tinha uma abertura. A partir do momento que comecei a freqüentar as reuniões, comecei mais a interagir, comecei a comunicar melhor, me expressar melhor, comecei a confiar mais nas pessoas, comecei a ter um leque de oportunidades que até aquele momento – como eu era muito tímido, retraído – não tinha.* ***(Eduardo)***

As falas dos dois jovens convergem para uma reflexão: a participação nos grupos possibilita o exercício da oralidade, tão importante em outros ambientes. Tais disposições comunicativas são fundamentais nas mais diversas situações da vivência humana. Normalmente, estas disposições são cobradas em sala de aula, durante a vida escolar. No entanto, apesar de serem valorizadas, acreditamos que não são trabalhadas como deveriam pela escola. E, no grupo religioso, pela abertura dada aos jovens, a comunicação com os pares, com as outras pessoas é estimulada.

São várias as circunstâncias em que se pode ativar a disposição comunicativa dentro da Igreja. Em seus depoimentos, os jovens apontam as seguintes situações: Nas leituras que são feitas nas missas; nas encenações de peças teatrais, principalmente, nos congressos: *"Tinha também o Dia Nacional da Juventude e a gente produzia peças para serem apresentadas neste dia" (Érico)*, nas coreografias apresentadas em festas de padroeiros: *"a gente preparava algumas coreografias para apresentar nas festas do Sagrado Coração" (Angélica)* e nas palestras que os jovens são convidados a ministrar, em espaços religiosos ou não. Rosa e Antônio relatam que em todos os grupos pelos quais passaram, havia o cuidado para que eles sempre pudessem expressar em público a fim de superarem a timidez. Foram palavras de Rosa: *"Essas aí [duas colegas, catequistas] também me incentivava, tudo que tinha, eu tinha que apresentar. Elas me colocavam no meio para apresentar".*

Ainda sobre esse feixe de aprendizagens, a música é outro saber praticado pelos jovens. Eduardo comentou: "*Sempre que eu posso, eu estou ajudando também no ministério de música. Faço parte também do coral do bairro Brasília, na comunidade. Sempre ajudo. Quando tem uma disponibilidade, eu estou sempre lá ajudando nas músicas".*

Na fala de Eduardo, percebemos que ele está envolvido em dois grupos distintos de música. Ele integra o coral de seu bairro e toca no ministério de música da Renovação Carismática Católica. Como Eduardo, Maria, Rute, Érico, Anita e Juliana também participam do coral da Igreja de suas comunidades. Segundo Perondi (2008, p. 136) "a música é um componente importante para a cultura e para todas as gerações, de modo especial, para os jovens."

(PERONDI, 2008). Portanto, o acesso dos jovens entrevistados a um grupinho que se dedica à música, mesmo sendo religiosa, com fins específicos, possibilita que se conheçam ritmo, cifras, melodias; que se aprenda a tocar um instrumento. E isso poderá fazer diferença no seu patrimônio cultural, como aponta Laurens (1992), quando considera que foi fator relevante para o sucesso escolar dos sujeitos de sua pesquisa a família de um dos engenheiros entrevistados ter encontrado pessoas significativas dentro da Igreja que os ensinou música, canto e coral, o que enriqueceu o seu contexto cultural.

4.5 Condições Materiais e Ampliação da Rede de Relações Oportunizadas pelos Grupos Religiosos: importantes recursos para a escolarização prolongada

Até o momento foram analisadas condições subjetivas construídas nas relações entre os participantes dos grupos religiosos que teriam possibilitado construir e ativar determinadas disposições favorecedoras de escolarização prolongada. No entanto, o apoio da Igreja também ocorre num conjunto de condições materiais, visíveis, palpáveis, que se constituem em oportunidade aproveitadas pelos entrevistados para prosseguir os seus estudos e que, talvez, na sua ausência, retardariam a entrada e a permanência na universidade.

Outras pesquisas mostram que o apoio material, financeiro, de pessoas ligadas à comunidade religiosa, foi fundamental para os estudantes de origem popular. Laurens (1992) relata a história da família de um sujeito de sua pesquisa que encontrou no meio religioso pessoas capazes de incentivar e garantir o futuro escolar de suas crianças e a concretizar ambições de elevação cultural. Viana (2007) ressalta o apoio de pessoas ligadas à comunidade católica, da qual Helena (nome fictício para um de seus sujeitos) participava que, em alguns momentos, contribuíram financeiramente para que ela pudesse ter acesso ao material necessário ao seu curso de Medicina.

No caso desta pesquisa, assim como na pesquisa de Viana (2007), os jovens tiveram/têm algumas oportunidades ligadas à questão de ordem financeira. Como sabemos, fator considerado como um ponto de fragilidade para que jovens pobres possam continuar seus estudos. Nesse aspecto, a inserção dos jovens nessa nova rede de relações possibilita o acesso a tratamento psicológico, a cursinho pré-vestibular, à atividade remunerada na Igreja, bem como ajuda financeira de pessoas da comunidade.

Para cinco entrevistados, a oportunidade do primeiro trabalho remunerado surge dentro da Igreja. Antônio, Eunice, Adriana, Vanessa e Angélica se tornam "educadores populares" no Projeto Monte Pascoal, ligado à Pastoral do Menor. Segundo Adriana, a primeira a receber a bolsa de trabalho, a remuneração não ocorreu automaticamente à sua entrada no projeto, ela trabalhou como voluntária durante muito tempo. Os demais entrevistados relatam histórias semelhantes.

A bolsa de trabalho disponibilizada pela Igreja favorece que os jovens tenham independência econômica e possam pagar, por exemplo, a inscrição para o vestibular, pois, para alguns, o sonho é adiado por falta de condições financeiras, como conta Angélica:

> *Eu pensava em fazer vestibular, mas o que me impediu de fazer? Questão financeira. Porque naquela época não tinha a isenção da taxa de inscrição. A taxa de inscrição pelo que... Como eu não trabalhava, quer dizer, eu trabalhava, como ajudava na despesa de casa, não tinha como eu pagar, não tinha como meus pais pagarem pra mim, né? E a visão da família: "Bom, você fez o Ensino Médio, Magistério tá bom!" E aí foi isso que me impediu de tá fazendo o vestibular assim que eu terminei o Magistério.*

Vimos que Angélica até trabalhava antes, como balconista em meio período, mas a quantia que recebia de salário era irrisória, suficiente apenas para ajudar os pais nas despesas do dia a dia. Também na sua fala, observamos que não havia incentivo da família para que ela prosseguisse em seus estudos. No entanto, para Angélica entrar na universidade era apenas uma questão de tempo e oportunidade, pois já possuía o desejo solidificado de fazer o vestibular para Pedagogia desde que iniciou o curso de Magistério.

Tanto para Angélica como para os outros que estão/estavam no referido projeto, a oportunidade de receber a bolsa de um salário mínimo colaborou para que a renda fosse suficiente para pagar a inscrição do vestibular. Eunice desejava cursar Geografia, mas, por ser em outra cidade[56], não encontrou apoio da mãe, que, mesmo tendo condições de arcar com a despesa da inscrição, não se dispôs a ajudá-la. Então, Eunice narrou *"quando eu comecei a trabalhar no projeto Monte Pascoal fiz o vestibular pra Geografia".* Eunice foi aprovada no primeiro vestibular que fez, o que mostra que nenhuma limitação de ordem cognitiva a impedia de estar na universidade. Foi com o dinheiro que recebeu pelo trabalho no projeto

[56] A cidade referida é Caetité, distante de sua residência apenas 42 km, mas o que assustou a mãe de Eunice e muita gente de Guanambi são as curvas acentuadas da estrada que já causaram incontáveis acidentes fatais.

que pode pagar a inscrição e manter-se no curso escolhido. Há dois anos, desligou-se do projeto Monte Pascoal para trabalhar em uma escola pública estadual como estagiária.

Outro tipo de auxílio financeiro beneficiou Antônio, Angélica, Vanessa e Adriana. É uma bolsa de estudos para se manter em um cursinho pré-vestibular. Para Antônio, a bolsa para o cursinho foi oferecida quando ele estava no seminário e deveria prestar vestibular para Filosofia a fim de continuar a formação sacerdotal. Já a bolsa para as três meninas foi idealizada a partir de uma ajuda financeira enviada por conterrâneos dos padres e religiosos italianos que atuam na diocese. Angélica conta como essa ajuda se materializou:

> *E aí, nessa época, veio uma ajuda de custo da Itália e essa ajuda era para a formação das educadoras e Imelda investiu no cursinho. Como eu tava no projeto, eu fiz o cursinho junto com as meninas. Nesse ano, duas passaram, as outras não passaram. Pra mim foi uma frustração porque eu fiz o cursinho, eu tava certa de que eu iria passar porque eu fiz boas provas; em redação fui excelente, mas zerei uma, que foi a de Língua Estrangeira.*

Imelda, coordenadora do Projeto Monte Pascoal, tem uma ideia fixa de que os educadores do referido projeto devem estar na faculdade e cursem Pedagogia. Em conversa com a pesquisadora, ela relatou que considera a formação universitária essencial para a sustentação do projeto e que faz questão de que os educadores insistam na ideia do vestibular. Essa ajuda de custo, originada em sua terra natal, foi revertida em bolsa de estudo para aqueles educadores que não tinham conseguido entrar na universidade e a outra parte foi utilizada para adquirir livros para aqueles que já cursavam Pedagogia. Na Diocese de Caetité, essa prática é comum e foi relatada por Vanessa, que conhece outros colegas que estudam em faculdades particulares porque os padres, por meio de suas redes de relações, conseguem "padrinhos católicos" que dão apoio financeiro aos seus "afilhados". Estes padrinhos pagam as mensalidades escolares ou ajudam nas despesas adicionais*: "Várias pessoas da Pastoral da Juventude estudou com as bolsas que ele [padre] conseguia na Nova Zelândia pra dar para o pessoal da coordenação da Pastoral da Juventude" (Vanessa).* Mais uma vez vemos o empenho da Igreja em auxiliar a formação de coordenadores da Pastoral da Juventude. Pelo que se analisa, são os jovens que permanecem mais tempo a "serviço da Igreja", que se beneficiam de um capital social, pois são suas relações com o bispo ou com os padres que abrem novas possibilidades de escolherem e frequentarem também os cursos oferecidos em faculdades privadas.

Outra jovem também relatou o apoio financeiro que recebeu da Igreja:

> *Logo no início, um casal me ajudava, me ajudou mais ou menos uns seis meses. Só que eu não conheço este casal, é de fora, acho que é de fora do país também. Aí começou a me ajudar uns seis meses, mas logo depois parou. Logo depois que padre Manoel foi embora parou, não entrei mais em contato, não. Perdi o contato com padre Manoel. E também eu comecei a trabalhar lá na M. Eu passei no concurso e comecei trabalhar lá na M. Aí dá pra me manter. [...] Eles depositavam na conta do padre, mais ou menos, cento e cinquenta reais todo mês, e ele me dava.* ***(Maria)***

Maria teve a oportunidade de ser apadrinhada por um casal católico conterrâneo do padre Manuel. Ela recebeu esta ajuda por seis meses, ao mesmo tempo em que o mesmo padre procurava uma casa para que ela pudesse ficar, enquanto cursava a faculdade em outro município. Ela relatou:

> *Ele falou que ia me ajudar e eu falei assim "tá bom"; ele falou "vou conseguir um casal pra te ajudar, ou então vou ver". Acho que ele conhecia muito V. e F (casal). Foi e falou comigo que tinha um casal que tinha um quartinho no fundo que dava pra mim ficar, se eu queria. Eu falei "ué, bem melhor", porque eu pagava cento e cinquenta de aluguel. Eu falei que queria sim. Aí eu vim pra casa de V.*

Vimos, assim, que a colaboração dos padres e demais religiosos não se restringe apenas ao apoio moral e à formação religiosa dentro dos grupos. Por meio dos padres, os entrevistados puderam ampliar o seu capital social e encontraram apoio material para se manter na universidade. Foi o padre Manoel quem indicou a casa de uma família para Maria se hospedar durante o tempo que cursar a faculdade. Também foi um padre que ajudou Anita a conseguir hospedagem na cidade em que deveria cursar Psicologia: *"um padre amigo meu, conhecia o padre de Santo Antonio de Jesus, que conseguiu a casa de uma família para eu ficar morando, pagando um preço simbólico"*.

Antes de optar pelo atual curso de Enfermagem na UNEB, Anita é aprovada em Psicologia, na Universidade Federal do Recôncavo, com um campus em Santo Antônio de Jesus - Bahia. Para cursar o primeiro semestre, conseguiu, por meio da amizade com o padre, morar com uma família na referida cidade que cobrou uma quantia simbólica para as despesas com alimentação. Ficou apenas um semestre com esta família, pois decidiu iniciar outro curso onde pudesse morar com os pais e reduzir despesas. Já Antônio relatou a oportunidade que teve, enquanto estava no seminário, de um apoio psicológico para trabalhar sua timidez com o acompanhamento semanal de um psicólogo. Essa timidez que o acompanha desde a infância foi trabalhada com auxílio deste psicólogo que o atendeu, gratuitamente, durante um período.

Neste bloco de oportunidades, é importante registrar as viagens que os jovens fazem para outras cidades, outros estados e também outros países. Elas são consideradas como oportunidades pelos jovens entrevistados porque, de outra maneira, com recursos próprios, não teriam como realizá-las.

> *Tive oportunidades, por exemplo, eu praticamente não saía nem de dentro de Guanambi pra falar a verdade antes de participar dos encontros da Pastoral da Juventude. Tive a oportunidade de conhecer as cidades circunvizinhas. A Caetité praticamente eu nem ia, enfim, sair um pouquinho mais da minha realidade, de tá, a gente tem que tirar da cabeça, pensar que a gente é raiz, que tem que ficar plantado.* ***(Eduardo)***

> *Aí eu tive encontro em diversos lugares: Feira de Santana, Salvador, teve Livramento e outras. Sergipe, Aracaju... Teixeira de Freitas. Sub-regional, eu participei em Vitoria da Conquista, Caetité, Livramento e da diocese, todos em Caetité.* ***(Angélica)***

Os depoimentos de Eduardo e Angélica relatam a experiência de viagens que tiveram oportunidades de realizar enquanto participam dos grupos religiosos. Estas viagens são organizadas pelas paróquias e têm como objetivo principal a formação destes jovens. Adriana, Rute, Érico, Vanessa, Denise e Antônio também já tiveram oportunidade de fazer cursos de formação em outras cidades da Bahia e do Brasil. São nestes novos espaços que jovens das camadas populares têm a oportunidade de ampliar a rede de relações, por meio de novas amizades, e conhecer outros contextos culturais, o que alarga os horizontes sociais. Terrail, Laacher e Laurens (apud VIANA, 2007, p. 51) enfatizam que "o contato, duradouro ou não, com outros grupos de referência, outras sociabilidades e outros universos socioculturais se tornam mediações de peso para uma escolarização prolongada nos meios populares."

* * *

Na perspectiva discutida por Viana (2005),

> "(...) os processos de socialização familiar, produtores de traços disposicionais, são potencialmente desencadeadores de elementos favorecedores – ou dificultadores – de êxito escolar, conforme as afinidades ou distanciamentos com relação à escola que esses traços engendram". (p. 121).

Assim como Viana, somos conduzidas pelos dados desta pesquisa a afirmar que também os processos de socialização nos grupos religiosos são potencialmente constituídos de elementos favorecedores ou dificultadores de longevidade escolar nos meios populares. Neste capítulo,

apresentamos alguns aspectos da socialização que ocorrem nos grupos religiosos e que concorrem para que os jovens das camadas populares possam sonhar e realizar uma escolarização prolongada. Esses aspectos foram organizados por eixos temáticos que, na realidade, não são vividos pelos jovens de forma compartimentada, mas como parte de uma única experiência. A influência da rede de relações, a experiência do compromisso, respeito, perseverança, autoestima, conhecimento de si e dos outros e disposições ligadas à perseverança e planejamento do futuro, bem como as práticas de leitura e escrita, não são circunstanciadas apenas naqueles eixos descritos, mas se interpenetram. Tudo isso forma um caldo que cada jovem se serve conforme seu apetite e condições de apropriação, estabelecidas pela sua posição única na rede de interações que se move num fluxo contínuo e ininterrupto (ELIAS, 1994).

Pelo que foi apresentado, a inserção em redes sociais, possibilitada pelos grupos religiosos, cria condições para a incorporação de novas disposições comportamentais, apreciativas, valorativas, pelos indivíduos que a constituem. Isto gera variadas maneiras de ver, dizer, sentir, agir, que podem ser mobilizados em outras situações. Determinadas disposições mobilizadas dentro dos grupos são analisadas como facilitadoras de êxito escolar, o que nos leva a considerar que a inserção nos grupos religiosos oportuniza a jovens das camadas populares ativar, potencializar e construir novas disposições que estão na base do desejo e da realização de uma escolarização completa.

CAPÍTULO 5:
VANESSA: A MENINA DOS OLHOS DE DEUS

> *...essa entrevista me fez viver e reafirmar o quanto eu fui privilegiada, o quanto eu fui escolhida por Deus. Eu fui escolhida assim a dedo. Eu sempre falo, coloco na minha agenda que eu fui a menininha dos olhos de Deus. Eu me sinto assim, esta menininha dos olhos de Deus, por Ele ter cuidado de mim (Vanessa).*

Optamos por reconstruir e analisar a trajetória escolar de Vanessa porque, dentre os quinze jovens entrevistados, é aquela que tem o maior tempo de vivência na Igreja Católica e também por marcar significativamente a experiência nos grupos católicos de cinco entrevistados[57] desta pesquisa. Neste perfil singular, é possível fazer uma leitura sociológica das situações sociais, pois, segundo Lahire (2008, p. 77-8), "casos particulares tratados não passam de sínteses originais de traços (ou características) igualmente genéricas". Ao realizar a análise vertical da história de Vanessa, não pudemos evitar repetições de alguns dados apresentados em outras partes deste trabalho, fato que acreditamos não interferir na autenticidade do capítulo.

A entrevista com Vanessa ocorreu nas dependências do Projeto Monte Pascoal e Sol Nascente, numa tarde quente de março de 2011. Após receber os meninos e meninas e fazer um momento inicial de oração e brincadeiras, as crianças se dirigiram para a quadra esportiva com o recreador e nós procuramos um espaço mais tranquilo no andar de cima do prédio para a conversa. Ela estava animada porque no mês anterior havia iniciado a tão almejada graduação de Psicologia na Faculdade Guanambi – FG. Primogênita de uma fratria de três irmãos, Vanessa, 33 anos, mora com a mãe, viúva. De sua família, é a primeira a alcançar um nível mais elevado de escolarização, chegando à Educação Superior. O pai era pedreiro e estudou até a antiga 4ª série primária e a mãe, lavadeira aposentada, é analfabeta. O irmão, com 32 anos no momento da entrevista, é leiteiro e, como o pai, cursou até a antiga 4ª série. A irmã caçula tem 31 anos, concluinte do Ensino Médio, atua como secretária numa escola. Sobre a escolarização dos avós, pudemos verificar, por meio de questionário aplicado antes da

[57] Adriana, Denise, Antônio, Eduardo e Angélica relatam que tiveram encontros de formação com Vanessa quando participavam dos grupos de jovens da Pastoral da Juventude.

entrevista, que os da linhagem materna eram lavradores analfabetos e os avós paternos cursaram a escola primária até a 4ª série.

Ao se considerar o contexto socializador dos ascendentes familiares, podemos inferir que os mesmos não tiveram tradição de permanecer ou de frequentar a escola por muito tempo. Assim, se não estavam no exemplo familiar, quais foram os traços configurativos que possibilitaram a Vanessa permanecer na escola por mais tempo?

5.1 Trajetória Escolar de Vanessa

Desde a infância, Vanessa e seus irmãos viviam o drama comum a muitas famílias brasileiras: o alcoolismo. Na sua casa, era a mãe a pessoa que portava esse vício. O alcoolismo da mãe de Vanessa colocou o pai como protagonista na educação dos filhos, principalmente, no que diz respeito aos assuntos ligados à educação escolar: matrícula anual, preocupação com o material escolar, participação em reuniões, entre outros.

Vanessa iniciou os estudos numa turma de alfabetização, na escola municipal do bairro onde ainda mora. Cursou as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental numa escola da rede estadual, na mesma rua de sua residência. Esta proximidade, segundo depoimento, fez com que muitos professores conhecessem a sua realidade e tentassem ajudá-la. Para continuar os estudos, pois esta escola só oferecia até a antiga 4ª série primária, junto com o pai, escolheram o Colégio Eurico Dutra. Nele, Vanessa ficou até concluir o curso de Magistério. Ela fez amizades com colegas e professores que foram muito significativas em sua vida acadêmica.

Dois anos depois de ter concluído o curso de Magistério, aos 20 anos, tentou o primeiro vestibular para Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sem ter frequentado cursinho. Nessa primeira tentativa foi classificada, mas não conseguiu ser convocada, assim como em outras seis tentativas em anos alternados para o mesmo curso e mesma universidade. Ela narrou estes momentos de frustração:

> *Porque essas seis tentativas não é que não fui aprovada, eu fui aprovada. Eu sempre ficava, por exemplo, quando tinha quarenta vagas – porque o primeiro vestibular eram quarenta vagas na UNEB – eu fiquei na quarenta e quatro. Só que era muito concorrido e todo mundo queria fazer Pedagogia, muito concorrido, entendeu? Era quinze, era dezessete, era vinte, vinte e duas pessoas que concorria por uma vaga. Quando foi a última vez, faltava uma pessoa, uma pessoa pra mim entrar e eu não entrava... E tinha ainda aquele processo da segunda chamada. Gente, eu ficava tão angustiada, não dormia, entendeu? Eu ficava agoniada, aí eu tentava olhar na internet se tava meu nome, se não tava...*

Como não conseguia ser aprovada na UNEB, Vanessa tentou por duas vezes o vestibular para o curso de Serviço Social numa faculdade virtual à distância, mas como ela mesma diz *"eu sou muito exigente, acho que eu ainda não estou aberta para fazer uma faculdade virtual. Eu desejava tanto de ter um professor na sala de aula, sabe? Porque eu sou muito afetiva, de questionar".* Na primeira vez, foi aprovada e não fez a matrícula e, na segunda, cursou um semestre e desistiu. Em 2010, tentou novamente o vestibular para Pedagogia na Universidade do Estado do Bahia – UNEB, na modalidade à distância, mas desistiu depois de cursar um semestre. No final daquele ano, foi aprovada no vestibular para a primeira turma de Psicologia na Faculdade Guanambi e, no momento da entrevista, cursava o primeiro semestre do referido curso.

Vanessa relatou que teve muitas dificuldades para estudar, principalmente, econômica. Começou a trabalhar como babá aos sete anos para comprar material e uniforme escolar. Com doze anos, quando estava na quinta série, tornou-se monitora de sala numa escola particular de Guanambi. Outra dificuldade enfrentada decorre da doença da mãe, quando, segundo relatou, passava noites em claro deixava de realizar trabalhos escolares. Por ser a mais velha dos irmãos, precisava ajudar o pai a cuidar da mãe que "*dava muito trabalho*" e chegava, várias vezes, a tentar suicídio por causa do excesso de bebida alcoólica ingerida. Eram os colegas de sala, os professores e os amigos dos grupos religiosos que constantemente a auxiliavam nesta tarefa e serviam de suporte psicológico para que ela pudesse enfrentar tal situação.

Mesmo ao ter que trabalhar, estudar e viver situação familiar não favorável à tranquilidade, Vanessa tem uma performance escolar muito boa, tanto do ponto de vista de rendimento quanto de comportamento. Na sua trajetória escolar, não sofreu nenhuma reprovação, apesar de intensa dificuldade nas disciplinas de matemática e português. A facilidade com que se relacionava com os colegas e demais pessoas da escola pode ter auxiliado Vanessa a criar um vínculo positivo com esta instituição o que faz com que tivesse disposição para continuar os estudos. Desde os primeiros anos de escolarização, contou com o apoio dos professores e disse ter criado laços importantes na escola que a ajudaram a definir sua profissão, pois cultivava uma admiração muito grande por uma professora do Magistério que tinha feito graduação em Psicologia.

5.2 A Igreja: espaço de realização pessoal

Ao mesmo tempo em que ingressou no Ensino Fundamental, Vanessa se matriculou na Catequese da Igreja Católica. Como no seu bairro não havia espaço próprio para a comunidade religiosa se reunir (Igreja, Salão Catequético), os encontros ocorriam na escola onde estudava, distante poucos metros de sua casa. Ela narrou assim a sua entrada para a Catequese:

> *... Eu sempre pedia meu pai pra me levar, só que ele falava – passei um ano pedindo ele – ele falava que não, que não, que não, que não, entendeu? Que ele não iria lá não, que ele já tinha tanto sofrimento, pra quê ir lá! Aí um dia eu cheguei quatro horas da tarde, tava padre Zé Luiz e irmã Elisabete lá sentados; eu cheguei, tão pequenininha, ia completar oito anos. Aí eu falei pra eles que eu queria entrar pra Catequese e padre Zé Luiz puxou minha orelha [forma carinhosa de saudação] e falou: "Por que você quer entrar pra Catequese?" E eu falei "Porque deve ser uma coisa muito boa, todo mundo vem aqui, todo mundo reza, eu também quero!" Aí ele falou assim: "Não, você não pode fazer sua matrícula, quem tem que fazer sua matrícula na Catequese é o seu pai ou a sua mãe." Eu fiquei muito triste, enchi os meus dois olhos de lágrima, porque, gente, era crise toda semana,[alcoolismo da mãe] e meu pai não ia deixar minha mãe para vir fazer a matrícula... Aí eu enchi os olhos de lágrimas, e afastei. O padre Zé Luiz veio, pegou na minha mão e falou "Eu vou fazer a sua matrícula e vou assinar por você, mas só se você me prometer que nunca mais você vai sair da Catequese." Nunca mais eu saí da Catequese. Nos outros anos eu fazia a matrícula com essa palavra de padre Zé Luiz.*

Vanessa desejou deixar claro no depoimento acima e em outros momentos da entrevista que a entrada na Catequese, assim como na escola, funcionou como uma válvula de escape para uma triste realidade que vivia dentro de casa. Na Igreja, encontrou amigos que a ajudaram a suportar o problema familiar e ainda hoje conta com o apoio dos amigos de grupo de jovens para cuidar da mãe que não se curou do vício. O acolhimento do padre Zé Luiz, naquele momento, fora decisivo para que ela pudesse ter o apoio de uma instituição socializadora que se tornou fundamental na sua história de vida e, especificamente, no incentivo à continuação dos estudos após o Ensino Médio, como veremos adiante.

Sua caminhada na Igreja ocorreu acompanhada de intenso envolvimento nas equipes de coordenação. Assim que concluiu o curso de preparação à Crisma[58], entrou para o grupo de jovens e tornou-se catequista. No grupo de jovens, Vanessa participou como membro por um ano e, no ano seguinte, tornou-se coordenadora, primeiro do grupo de jovens da comunidade, depois participou da coordenação paroquial e diocesana da Pastoral da Juventude. Isto a fez colher muitas amizades e conhecimento. Esse trabalho que desenvolve na Igreja, desde a

[58] Sacramento que confirma o Batismo e a adesão do jovem à Igreja Católica.

infância e adolescência, segundo ela, a estruturou a ser *"a jovem que se tornou hoje".* É interessante quando compara a sua vida à de sua irmã e acha-se mais privilegiada por ter sido oportunizada a vivenciar experiências diferentes daquelas proporcionadas pela socialização familiar:

> *Às vezes, quando eu vejo minha irmã – Fátima – que optou por não estar nesses espaços, eu percebo o conhecimento. Às vezes, quando eu estou partilhando com ela, o desejo também. ... Eu percebo que minha irmã tem isso, que o olho dela chega brilhar quando eu conto essas experiências. E aí eu faço a leitura, ela também queria ter essa oportunidade e ela não escolheu estar. Eu percebo que até ela tem... Esse desejo... Um pouco escondido por não ter escolhido, ela fez todo o processo que eu, mas ela escolhe, optou por não acompanhar todo esse processo. [...] ela fez a Catequese e, na primeira comunhão, ela parou. E eu era mais envolvida "vamos participar do grupo de jovem" e ela optou por não fazer isso, entendeu?*

Pelo que se compreende, mergulhada em intensa atividade ligada aos grupos religiosos, Vanessa teve a oportunidade de inserir-se em um meio que dá mais ênfase à cultura escolar. Viu outras formas de se relacionar com a escolarização a partir do convívio com padres, freiras, leigos que estiveram na universidade, que conheciam outros mundos e que a valorizavam como pessoa. O fato de o irmão ter interrompido os estudos na 4ª série primária e a irmã parar no Ensino Médio pode ter ligação com essa hipótese de Vanessa de que o seu envolvimento no meio religioso alargou os seus horizontes e a manteve aberta a novas experiências, inclusive escolares.

5.3 Horizonte Temporal de Futuro: o "empurrãozinho" da Pastoral da Juventude

"Um horizonte temporal distendido, condição facilitadora de sucesso escolar nas camadas populares, não se instala no vazio" (VIANA, 2007, p. 151). Vimos que Vanessa não coloca a possibilidade de estudos prolongados logo no início de sua escolarização. A possibilidade de continuar os estudos vai se construindo gradualmente a partir de uma interdependência de fatores, como a boa vontade do pai; o apoio da escola na figura dos professores e colegas; a relação que constrói com a escolarização e o conhecimento e o mergulho num universo cultural de grupos religiosos – que incentivava e até mesmo exigia maior compromisso com a escolarização prolongada.

Se olharmos o ambiente socializador familiar de Vanessa, há uma dimensão que dificulta o desempenho escolar, pois ela lembra que passava noites em claro por causa da doença da mãe e constantemente ia para a escola sem fazer as tarefas escolares rotineiras e mesmo sem estudar para as avaliações. Mas, ao mesmo tempo, tem lembranças do pai, figura presente na

trajetória escolar dos filhos, por meio de atitudes como a de encapar os livros que eles recebiam na escola e reservar um cantinho tranquilo e limpo para os filhos estudarem em casa. Sem contar o esforço de dormir na fila da matrícula para assegurar que sua filha estudasse numa escola pública bem conceituada. Estas atitudes do pai de Vanessa, mesmo que não fizessem parte de um projeto conscientemente elaborado pela família para o fortalecimento da carreira escolar dos filhos, podem ter colaborado para explicar a situação de longevidade escolar vivenciada por Vanessa. Estas singularidades do caso de Vanessa corroboram com os resultados de pesquisas sobre longevidade escolar em camadas populares que apontam a presença da família na construção de trajetórias improváveis (VIANA, 2007; SOUZA e SILVA, 2003; PORTES, 2001) a partir de formas menos visíveis, nem sempre acompanhados de práticas intencionais, conscientes e dirigidas de mobilização escolar.

Concomitante à frequência ao colégio Eurico Dutra, Vanessa passou a participar do grupo de jovens da Igreja Católica e é nesse tempo que disse ter despertada a vontade de prosseguir nos estudos até a universidade. Na escola, teve a motivação dos professores que faziam faculdade e, no grupo religioso, entrou em contato com a Pastoral da Juventude. Em sua estrutura de funcionamento, a PJ, sensível às necessidades juvenis, desenvolve uma metodologia que dá apoio aos seus integrantes na elaboração de um "projeto para a vida", por meio da vivência comunitária e discussão de conteúdos necessários à formação integral do ser humano, conforme já apontado nesta dissertação. Como Vanessa integrava a equipe da coordenação diocesana, esteve durante muito tempo mergulhada na proposta desta pastoral que, dentre outros objetivos, exigia de seus membros um projeto de vida que incluía como prioridade planejar o futuro e que tinha como horizonte também a extensão de uma escolarização que alcançasse a universidade. Ela relatou esta exigência personalizada na figura de um padre que considera como um grande amigo:

> *... Quantas vezes padre Manoel saía, por exemplo, de Pindaí ou de Malhada*[59] *– eu me lembro quantos puxões de orelha – e sentava comigo na pizzaria, porque ele gostava da pizza, lá sentava eu e ele: "eu não gostei que você não passou [no vestibular], eu não estou vendo você estudando, eu não tô vendo"!, Sabe, ele percebia, ele fazia uma leitura "eu não vi você falando no dia na nossa reunião que você sentou pra estudar, eu só vi você falando que foi na reunião em tal cidade, tal cidade, tal cidade, tá errado, se for isso deixe a Pastoral da Juventude. A Pastoral da Juventude precisa que você se capacite, não só nesses cursos [formação religiosa], mas no âmbito acadêmico". E eu ficava encabulada com a disponibilidade que ele tinha e que padre Marcos tinha – eram duas pessoas que já trabalharam na Pastoral da Juventude.*

[59] Municípios do interior da Bahia, próximos a Guanambi.

A presença dos colegas de sala e dos professores também pode ter se constituído como fator positivo na vida de Vanessa para a construção de um horizonte distendido. Mas, é na Igreja que vemos com mais vigor – também porque foi campo de nossa pesquisa – que Vanessa encontra espaço para desenvolver disposições de planejamento, autodeterminação e comprometimento que consideramos como facilitadoras do sucesso escolar. Pelo que demonstrou na entrevista, ela costuma dedicar a maior parte de seu tempo livre aos grupos religiosos, participando de vários congressos, encontros de estudo e de planejamento e viagens. Foi o envolvimento nessas atividades que lhe deu a possibilidade de *"enxergar e escolher outros caminhos"*. Segundo Vanessa, nesses espaços aprendeu a valorizar os estudos, foi cobrada e estimulada a realizar uma trajetória escolar longeva.

> *Então, todo o material que a gente precisava a gente pedia na biblioteca do IPJ que fica lá em Brasília, no Instituto da Pastoral da Juventude. É uma casa que até oferece formações e nós já fomos... Então, tem profissionais preparados, que a Igreja prepara pra formar esses jovens. E a gente pegava todo esse material, né, de padre Hilário, de várias pessoas, de Carmem Lúcia que é uma grande teóloga que ajuda. E Carmem Lúcia era uma das que orientava a gente pro projeto de vida... Era forte a questão do conhecimento, de incentivar as pessoas a participarem do mundo acadêmico porque lá era o nosso espaço. Não só participar do mundo acadêmico pra ter um título ou pra ter um status ou pra ganhar dinheiro. O dinheiro é importante. Mas também pra se fazer presente.*

Do depoimento de Vanessa podemos destacar dois aspectos importantes. Primeiro, demonstra convicção de que a educação superior se tornará um diferencial para sua vida. Como ela própria afirma, o ensino superior traz *status* e dinheiro. Isto confirma o que diz outras pesquisas (MARIZ et al., 2003) que obter um diploma universitário é ainda um indicador de ascensão social. Por outro lado, a motivação para ter um diploma não é meramente econômica. Para ela, também é importante a presença de militantes católicos no Ensino Superior, para *"levar Jesus àquele espaço".* Rute, outra jovem entrevistada, fala da implantação de uma Pastoral Universitária na universidade onde estuda.

Inserida na Pastoral da Juventude, Vanessa vê suas chances de sucesso educacional crescerem, pois utiliza o que aprende naquela pastoral nas atividades escolares. Ela articula bem as ideias e treina essa habilidade nas reuniões grupais, nas palestras, nos debates e nos encontros que prepara com a equipe de coordenação. O envolvimento de Vanessa com tal pastoral é tamanha que na cidade todos que a conhecem a denominam de "Vanessa da PJ".

5.4 A inserção nos Grupos Religiosos Católicos: travessia para outro lugar cultural e social?

Os grupos religiosos católicos se constituem em instâncias de socialização nas quais muitos jovens das camadas populares podem construir ou atualizar disposições morais e sociais que não tiveram oportunidade de ser construídas em outras instâncias como, por exemplo, na família. Vanessa, enquanto participava dos grupos religiosos, pôde entrar em contato com realidades diferentes daquela vivida na sua família. Estas novas experiências e interações trouxeram para sua vida novas visões de mundo que podem ter ampliado o seu capital cultural e social, bem como a constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar.

Militante em grupos religiosos católicos, desde a adolescência, Vanessa fez muitas amizades e conheceu pessoas de várias culturas e níveis sociais. Muitas dessas pessoas eram religiosos (padres, bispos, freiras) italianos que, por força da missão, tiveram um contato mais direto com a cultura socialmente valorizada, sendo, por esta razão, reconhecidas pela comunidade religiosa como as mais instruídas e de amplo conhecimento de mundo.

A relação com estas pessoas transformou-se num "capital social" (BOURDIEU, 1998) importante para Vanessa. Fato semelhante foi verificado na pesquisa de Souza, M. (2009, p. 131) quando aponta que a relação da família de um dos seus entrevistados com padres alemães traz um capital social importante para toda a família. A "facilidade" que tem Vanessa para se relacionar com estas pessoas se torna um trunfo, principalmente, depois que assumiu a coordenação da Pastoral da Juventude e passou a circular entre os grupos de coordenadores pastorais da diocese. A troca de conhecimentos, durante as reuniões, as conversas informais e o trânsito livre nos ambientes mais elitizados da Igreja pode ter possibilitado à Vanessa construir disposições facilitadoras de longevidade escolar. Ela contou *"aí eu comecei a participar lá [coordenação diocesana] das reuniões, a gente organizava as assembleias de jovens que era em Betânia*[60]*"*. Organizar assembleias para jovens de toda a diocese exige um senso de organização, o conhecimento de conteúdos específicos e um compromisso, mobilizados por Vanessa e que se constituem disposições favoráveis ao sucesso escolar.

Outra disposição associada a essa organização é a questão da autoestima. Questionada sobre a presença dos padres e freiras na sua formação espiritual e moral, ela assim narrou:

[60] Centro comunitário em Guanambi.

> *Com certeza, com certeza... Foram pessoas, assim, que acreditaram em mim. Porque a gente precisa de alguém que acredita, né? O acreditar é muito importante. E quando você acredita, você automaticamente cria um laço de confiança. E aí mesmo – claro que todo mundo tem a suas dificuldades – e mesmo com as dificuldades que nós tínhamos, eles acreditavam que a gente poderia representar, em nome da diocese, falar em nome da juventude da diocese nesses espaços.*

O apoio que recebeu destas pessoas, no sentido de confiar no seu trabalho, acreditar que ela seria capaz, leva Vanessa a vivenciar momentos em que mobiliza disposições dissertativas e de expressão oral. Dos vários congressos que participou no Brasil e em outros países, ela narrou com ênfase a experiência que fez no congresso mundial de jovens católicos, em Roma:

> *Fiquei trinta dias fora do país (riso). Ah! Foi uma experiência muito bonita. É, eu estava levando a experiência dos jovens latino-americanos, nordestino, de Caetité, de Guanambi. Lá a gente tinha vários encontros com outros jovens. Eu não falava, o italiano, mas tinha padre Zé Luiz... Eu me sentia assim uma, uma pérola que todo mundo queria tocar, sabe, queria lapidar pra conhecer. Quando eu falava da experiência desses jovens tão sofridos, dos jovens da zona rural, dos jovens camponeses, dos jovens ribeirinhos... Então, nós tivemos vários encontros. Nas montanhas, gente é um presente de Deus, sabe, as montanhas. E, aí, lá a gente ficava um dia todinho, a manhã era a gente falando. Nós falando da nossa realidade, da nossa experiência, a nossa história e, à tarde, a gente ia celebrar.*

Nesses encontros, Vanessa fez amizades que duram até hoje. E, por conta da sua disponibilidade, recebe jovens de outras nacionalidades em Guanambi. Essas oportunidades estimulam Vanessa a pensar no próprio conhecimento e no conhecimento que ainda não possui: *"eu senti necessidade de conhecer outras línguas... Conhecer a cultura daqueles jovens... (se referindo aos jovens italianos)"*. O que é isso senão uma necessidade de novos conhecimentos, de ampliar o capital cultural?

Outro aspecto importante observado na experiência religiosa de Vanessa é a sua relação com o desejo de estar no ensino superior. A perseverança em querer cursar uma universidade também vem de certo embaraço em dizer aos amigos de grupo que ainda não havia sido aprovada. Isso incomodava, e muito, a depoente. Indagada sobre as conversas que mantinha com os jovens nos grupos religiosos sobre projetos de futuro, de cursar uma faculdade, ela narrou:

> *Por exemplo, todos perguntavam: Você já fez faculdade ou não fez? Tinha vez que eu ficava com vergonha que eu nem levantava a mão pra falar que eu não tinha. Mas eu sempre incentivei. Até porque um dos pilares da Pastoral da Juventude era isso, entendeu? Então, toda vez que eu ia formar [dar curso para os jovens], eu ia falar que era importante. Eu era verdadeira: "Não passei ainda porque eu ainda não tive tempo de me organizar pra estudar". Então, essa verdade, fazia parte, essa coerência de falar pra eles, que eu tinha alguma dificuldade também, mas que era importante.*

Neste depoimento, Vanessa afirma importância do curso universitário e revela sua angústia de não ser aprovada no vestibular, contudo tinha esperança de que chegaria lá e não desistiria de seus desejos. Ela possuía certeza de algo, diante de suas dificuldades de aprendizagem, a resposta seria estudar "*Eu disse até uma vez para Adriana: 'Adriana – eu e você – que trabalhamos o dia todo, a gente tem que estudar três vezes mais do que uma pessoa que não trabalha, mas que teve mais oportunidade'. Eu percebo isso, tudo na minha vida eu tenho que fazer três vezes a mais".*

Vanessa foi citada por outros jovens desta pesquisa como aquela grande incentivadora para que eles fizessem um curso universitário. Essa determinação de querer que os amigos fizessem vestibulares, de buscar recursos para custear a inscrição do vestibular de outros jovens dos grupos nos quais participava, só reforça a ideia de que Vanessa tinha objetivo de continuar seus estudos, de entrar para a universidade e trilhar para isso um árduo caminho com perseverança, autonomia e determinação.

5.5 Uma Configuração Singular

Já que conhecemos a trajetória escolar e social de Vanessa, cumpre interpretar os traços gerais que permitirão compreender a configuração singular constituidora desse percurso, com ênfase nos processos socializadores que ocorreram nos grupos religiosos.

A escolarização de Vanessa se constituiu, como em muitos casos de jovens das camadas populares, aos poucos, na caminhada. Quer dizer, não foi um projeto arquitetado desde o início de sua escolarização. O mesmo veio a se constituir a partir de um conjunto de fatores, interligados. Desses fatores, podemos considerar a presença da família, primeira e grande instância de socialização que, na figura do pai, permitiu que ela trilhasse pelos caminhos da escola. Na escola, devido à sua facilidade em se relacionar e por viver uma situação familiar constrangedora, foi acolhida e estimulada a continuar nos estudos por professores e colegas de sala e, por fim, os processos de socialização e sociabilidade vividos nos grupos religiosos.

Dentro dos grupos religiosos, Vanessa teve a oportunidade de tornar-se uma pessoa emocionalmente equilibrada. Nos 20 anos que esteve inserida na Pastoral da Juventude e também na Pastoral da Catequese e do Menor, Vanessa desenvolveu disposições que facilitaram o seu acesso ao ensino superior. Percebe-se nela um desejo de emancipação cultural e de estar nos meios universitários. No convívio com pessoas da comunidade católica,

mostrou que ampliou o seu capital cultural e social. Este fato remete à trajetória de Thiago, estudante de Direito, investigado por Souza, M. (2009). Durante a permanência desse estudante no Ensino Fundamental, ele conviveu, por meio das atividades escolares e da igreja, com pessoas de todas as camadas sociais. Por isso teve, provavelmente, experiências que ampliaram o seu universo cultural. Tanto no caso de Thiago, quanto no de Vanessa, a relação com pessoas de outras camadas sociais se tornam boas influências.

São as pessoas que ela tem como amigos que acreditam que ela é capaz. A autoestima elevada faz com que Vanessa não veja obstáculos para conseguir seus objetivos. Pelo que se infere, pela quantidade de vezes que cita na entrevista, a palavra de ordem é "acreditar". Pessoas acreditam nela e dão-lhe oportunidades que são inteiramente aproveitadas. Ela não deixa passar uma chance de estar presente, de aprender, de partilhar experiências. A segunda palavra, também muito recorrente na entrevista é "comprometimento": compromete-se com as pessoas, com os estudos, com a *"mudança social que o mundo precisa"*, diz ela, por meio da militância religiosa. Este comprometimento é uma forma de corresponder à confiança que os amigos dos grupos religiosos depositaram nela.

Assim, verificamos que, dentro do espaço religioso, foi possível desenvolver disposições importantes para alcançar longevidade escolar como a determinação, a perseverança, disposição a valorizar a escolarização, disposição de conquista em relação ao futuro, bem como habilidades ligadas à oralidade, leitura e escrita. As marcas dessa socialização nos grupos religiosos estão presentes em todo o depoimento de Vanessa, que tem necessidade de demonstrar o quanto é grata pelo que a Igreja fez por ela e o quanto ela pode fazer pelos meninos e meninas que atende no Projeto Monte Pascoal, a partir da sua inserção no ensino superior no curso de Psicologia. Mostra que o plano acadêmico que traçou não é apenas para crescimento pessoal, mas para toda uma comunidade da qual faz parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. (...) Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Se constituem a partir dos primeiros anos de vida, através da coexistência com outras pessoas. (ELIAS, 1995, p. 13).

Considerar a proposição acima implica compreender que o patrimônio de disposições de uma pessoa é formado na heterogeneidade de universos culturais e sociais nos quais um indivíduo circula. É, pois, na socialização primária e na socialização secundária, que os comportamentos ou as práticas do "homem plural" se forjam, ponderando que tais ações só se explicam no "cruzamento das disposições incorporadas e limites contextuais" (LAHIRE, 2002). Explicar como parte desses patrimônios – aqueles que favorecem a longevidade escolar – constrói-se ou se atualiza a partir da inserção em grupos religiosos católicos foi o nosso desafio nesta pesquisa. Desafio que se assenta em duas vertentes. Primeiro, pela dificuldade em estudar a gênese e constituição de disposições. E, segundo, pela escolha do objeto de pesquisa, pois, dentro do campo dos estudos sobre longevidade escolar, verificamos a escassez de pesquisas que tomam a inserção em grupos religiosos católicos como um fator que explica o sucesso escolar nos meios populares.

Jovens pobres, nos cursos mais concorridos das universidades brasileiras, ainda são exceções. Trilhar por este caminho, para a maioria destes jovens, é ainda transpor "cercas materiais e simbólicas da interdição social" (CARRANO, 2002, p. 143). A decisão de manter-se ou não por mais tempo no sistema de educação formal é construída por um conjunto de situações em que pesa a construção de disposições nos diversos grupos que um jovem possa estar inserido. Num contexto particular, ao se buscar a motivação entre a experiência profissional e trajetória pessoal, como docente na Educação Básica e na universidade pública, e também como militante nas pastorais sociais da Igreja Católica, somos instigadas a pensar na imbricação entre as redes de socialização ligadas à religião e o processo de escolarização prolongada de jovens das camadas populares. Algumas questões que procuramos responder nesta pesquisa nasceram dessa interface de interações da nossa própria experiência. Assim, nossa pretensão neste estudo foi compreender como a inserção em grupos religiosos católicos influencia na construção de percursos escolares longevos para estudantes universitários de origem popular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Do ponto de vista metodológico, para

reconstruir as trajetórias escolares dos estudantes de origem popular até a entrada na universidade e nelas identificar e caracterizar as formas de presença dos grupos religiosos, fundamentamo-nos no modelo teórico proposto por Bernard Lahire (cf. LAHIRE, 2004) e também na noção de configuração social formulada por Norbert Elias, em sua teoria dos processos de civilização (cf. ELIAS, 1990, 1993, 1994).

A opção por direcionar o foco do objeto desta pesquisa para as práticas de socialização que ocorrem nos grupos religiosos está associada aos resultados do estado do conhecimento sobre longevidade escolar elaborado por Maria do Socorro Neri M. de Souza, em que aponta duas conclusões nas quais nos reportamos quando definimos o objeto da pesquisa (cf. SOUZA, M., 2009). Primeiro, a conclusão de que vários são os elementos constituidores das trajetórias escolares improváveis e a família se apresenta como esfera fundamental. Depois, que outras instâncias de socialização de referências exteriores, por conta da centralidade na atuação da família, são pouco estudadas e aparecem, nas pesquisas analisadas, de forma menos expressivas. Assim, consideramos que o foco na socialização secundária e, mais especificamente, nos processos de socialização que ocorrem nos grupos religiosos seja uma forma de inovar e fazer avançar o campo de pesquisa sobre as atípicas trajetórias de sucesso nas camadas populares.

Com efeito, os dados analisados nesta pesquisa apontam que a socialização secundária, que ocorre nos grupos religiosos católicos, foi particularmente importante para que os jovens entrevistados pudessem confrontar disposições construídas em outros ambientes, como o familiar, por exemplo. Isto permitiu também que se construíssem/atualizassem disposições favoráveis ao sucesso escolar. A experiência e militância religiosa em grupos católicos se constituem espaços de socialização secundária, pois a Igreja se configura como importante lugar, não só de associativismo, como também de encontro e de formação de grupos de identidade.

Os jovens entrevistados ressaltaram os diversos aprendizados resultantes de suas vivências nas pastorais e movimentos de encontro da Igreja Católica, especialmente, na Pastoral da Juventude. Os depoentes, ao narrarem suas trajetórias escolares, deram-nos evidências de que sua participação em vários espaços de socialização foram se constituindo em aprendizados que utilizavam na escola e assim demonstraram afinidade eletiva (WEBER, 2005) entre religião e escolarização, como apontam também os resultados do trabalho de Montezano (2006) realizado com famílias protestantes que têm filhos na Educação Básica.

No que tange às condições de formação das disposições, é importante destacar que os jovens entrevistados foram submetidos a longos períodos sob a influência dos grupos religiosos, tanto no desenvolvimento de sua sociabilidade, como especificamente na formação/doutrinação. Desde a infância, todos os jovens tiveram contato com algum grupo religioso. E, para muitos, o grupo religioso funciona também como espaço do lazer. Diante desse quadro favorável de constituição de disposições, várias aprendizagens foram realizadas a partir da interação com seus pares e com pessoas que estes jovens consideram como significativas para sua vida: padres, freiras, leigos, coordenadores de grupos, os quais lhes deram oportunidades que eles souberam aproveitar. Identificamos oportunidades tanto do ponto de vista material como de ordem subjetiva.

É na dimensão ideológica que se verifica o maior número de falas que remete ao sucesso na vida e na escola. Como na pesquisa de Laurens (1992), onde ele identifica o trabalho militante religioso como importante para a ascensão social dos casos excepcionais de sucesso nas camadas populares que estudou, a nossa pesquisa aponta que a participação nos grupos religiosos eleva a autoestima. Além disso, faz alargar o horizonte temporal de futuro e cria disposição ao comprometimento social, à planificação e à autonomia, que leva os jovens entrevistados a desejarem para si um horizonte de ascensão social via escolarização. Foi também nos grupos religiosos que os jovens tiveram oportunidade de exercitar algumas habilidades – leitura, escrita e expressão oral – valorizadas no currículo escolar. Isto fez com que sua passagem por esta instituição fosse menos agressiva e constrangedora.

À guiza de conclusão, podemos tecer algumas considerações:

1 - Os casos analisados nos dão testemunho de que devemos analisar não só as condições sociais de existência dos sujeitos, mas as condições de coexistência, como nos alerta os pressupostos teóricos adotados neste estudo por Lahire e Elias.

2 - As limitações de uma pesquisa de mestrado não permitiram verificar, em cada caso singular, se a inserção em grupos religiosos católicos se constituiu fator "estruturante ou desencadeador de sucesso escolar[61]" (LAURENS, 1992). Contudo, os casos analisados

[61] Ao analisar os fatores que podem explicar sociologicamente as trajetórias *"singulares, atípicas, extremas, marginais, excepcionais"* de filhos de operários franceses que tiveram acesso ao Ensino Superior na área da engenharia, Laurens (1992) faz uma distinção entre fatores de sucesso e fatores *"fundamentais, estruturantes e desencadeadores".* Enquanto os primeiros são vistos como trunfos posicionais que colocam as famílias em situação privilegiada, que possibilita a longevidade escolar para seus filhos, o segundo grupo de fatores desempenha o papel de catalisador, permitindo que as famílias tirem proveito do primeiro grupo de fatores.

corroboram a tese de que a vivência religiosa católica constitui em elemento importante que organiza a trajetória social de sucesso, já apontados pelos estudos de Laurens (1992) e Mariz et al. (2003).

3 - A socialização em grupos religiosos católicos, tomada como foco na explicação sociológica da longevidade escolar nas camadas populares, contribuiu para o entendimento desse complexo fenômeno. Todavia, ficou evidente, nas biografias analisadas, a existência de outros fatores e instâncias que entram na composição da explicação de sucesso escolar para os jovens pobres. Isto confirma o que a literatura sociológica discute sobre a noção de interdependência. Como observados em nossa pesquisa, outros estudos consolidados (VIANA, 2007; PORTES, 1993, 2001; LACERDA, 2006; SOUZA, M., 2009; entre outros) apontam a presença da família, da escola e dos professores e a forte mobilização dos próprios estudantes como fatores de sucesso escolar.

4 - É importante destacar que o acesso destes jovens ao ensino superior não lhes garante necessariamente ascensão social e econômica. Primeiro, porque no acesso não está implicitamente garantida a permanência destes jovens até a consecução dos diplomas. E, ainda que conquiste o diploma, ao se considerar o ingresso tardio característico da maioria dos jovens das camadas populares (SOUZA, M., 2009), observado também por nós nesta pesquisa, é possível que as chances de tirar proveito do diploma conquistado sejam menores no mercado de trabalho.

5 - Assim, por saber que disposições são "realidades interpretadas" (LAHIRE, 2004), é necessário levar em conta que este estudo é um trabalho de interpretação dos princípios que regem as crenças e ações dos sujeitos, que foram captados por meio de depoimentos que já trazem em si a interpretação dos próprios sujeitos sobre suas experiências. Com isso, é impossível esgotar o estudo da complexidade da gênese e constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar. A expectativa é de que, mesmo reconhecendo as limitações e lacunas de uma pesquisa, a nossa investigação possa ter colaborado para elucidação dos casos atípicos de longevidade escolar e apontado novos pontos que possam nos conduzir a muitas outras indagações sobre o objeto de estudo ainda novo, aqui investigado. A experiência socializadora, vivida nos grupos religiosos, gera conflitos de natureza cognitiva para estes estudantes dentro da universidade? Qual a posição de colegas e professores sobre a militância religiosa dentro da universidade? De que forma as disposições construídas na "socialização universitária" (ALMEIDA, 2009, p. 15) é utilizada pelos jovens

para alimentar a espiritualidade das comunidades religiosas das quais estão inseridos? Esses são questionamentos que pedem outras investigações.

Finalmente, vale a pena esclarecer que, nessa lente com a qual olhamos para os dados, encontram-se as disposições que a pesquisadora construiu na sua própria socialização nos grupos religiosos católicos. O que indica que, dentre outros interesses já explicitados, visou-se, com a presente pesquisa, de alguma forma, entender a própria história de vida da pesquisadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **Esforço contínuo:** estudantes com desvantagens sócio-econômicas e educacionais na USP. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **USP para todos?** Estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública. São Paulo: Musa, 2009.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade:** Tratado de Sociologia do Conhecimento. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 65-69.

_____. **Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre et. al. **A Miséria do Mundo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BUENO, Katia Maria Penido. **Construção de Habilidades:** Trama de ações e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho. **Caminhos universitários: a permanência de estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio**, 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens Universitários. In: SPOSITO, Marilia Pontes. (Coord.). **Juventude e Escolarização (1980-1998).** Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

CERDEIRA, Diana Gomes da Silva. **Religiosidade de estudantes: trajetórias e perspectivas escolares**. Resultados de um *Survey* no Rio de Janeiro. Boletim Soced, nº 3, ano 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/soced.php?strSecao= report1&fas=20>. Acesso em: 20 mar. 2011.

CNBB. **Diretório Nacional da Catequese**. Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, 84)

CNBB. **Evangelização da Juventude:** Desafios e Perspectivas Pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB, 85)

CNBB. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. São Paulo: Paulus,1998 (Estudos da CNBB; 76)

DICK, Hilário. **O divino no jovem**: elementos teologais para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude, 2006.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**; comum estudo da obra de Durkheim pelo prof. Paul Fauconnet. Tradução de prof. Lourenço Filho. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador:** Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. **O Processo Civilizador:** Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Mozart: Sociologia de um Gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FERRARO, Alceu R. Diagnóstico da escolarização no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, ANPEd, v. 12, p. 22-47, 1999. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n12/n12a03.pdf>. Acesso em: 18 out. 2011.

FERNANDES, Alaíne Lima. **A Pastoral da Juventude em Pauta**, 2008. 37 f. Monografia (Curso de Teologia para Leigos) – Universidade do Estado da Bahia, Campus XII – Guanambi.

FERNANDES, Mailine Bahia; FALCÃO, Beatriz Lopes. Longevidade escolar em camadas populares – uma revisão de estudos empíricos realizados no contexto brasileiro. **Relatório de Iniciação Científica (Fapemig).** Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2010.

FONSECA, Alexandre Brasil; NOVAIS, Regina. Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (Orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007 (Coleção Educação para Todos, 27), p. 149-170.

GOMES, Alfredo Macedo; MORAES, Karine Nunes de. **A expansão da educação superior no Brasil contemporâneo:** Questões para o debate. 32ª Reunião ANPED, Caxambu, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT11-5848--Int.pdf>. Acesso em: 20 dez 2011.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo:** sentidos e formas de uso. Estoril, Portugal: Princípia, 2006.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. **Família e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis:** o caso dos iteanos, 2006. 416 f. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **Retratos Sociológicos**: Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **A Cultura dos Indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Infancia y adolescencia: de los tiempos de socialización sometidos a constricciones múltiples. **Revista de Antropologia Social,** Universidad Complutense de Madrid, v.16, p. 21-38, 2007. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/cps/1131558x/articulos/ RASO0707110021 A.PDF>. Acesso em: 29 jun. 2010.

_____. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**: as razões do improvável. Tradução: Ramon Américo Vasquez, Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 2008 (Série Fundamentos 136)

_____. Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. In: JUNQUEIRA, Lília (Org.). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010. p. 17-36.

LAURENS, Jean-Paul. **I sur 500:** La réussite scolaire em milieu populaire. Toulouse: Presses Universistaires du Mirail, 1992.

MANCEBO, Deise. Reforma da Educação Superior: o debate sobre igualdade no acesso. In: BITTAR, Marluce; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília. (Orgs.). **Educação Superior no Brasil – 10 anos pós-LDB.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. (coleção Inep 70 anos, v. 2). p. 55-70. Disponível em: <http://www.oei.es/pdf2/educacao-superior-brasil-10-anos.pdf>. Acesso em: 14 ago 2011.

MARIOTTI, Alides Destri; LUGNANI, Antônio Carlos; SOUZA, Ronaldo José. **Carismas**. Módulo Básico Apostila 2. Renovação Carismática Católica (Ministério de Formação). 8. ed. 82 p. Campinas, SP: Grafica e editora Tecla Tipo Ltda, [1990].

MARIZ, Cecília L. Católicos da libertação, católicos renovados e neopentecostais. In: **CERIS. Pentecostalismo, Renovação Carismática católica e Comunidades Eclesiais de Base:** Uma análise comparada. Cadernos do CERIS, Ano I, n. 2, p. 17-42, out. 2001.

MARIZ, Cecília L. et al.Os Universitários da favela. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (Orgs). **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 323-337.

MARQUES, Tatyanne Gomes. **Pedagogia da Terra**: significados da formação para educadores e educadoras do campo, 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abramo, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTEZANO, Maria de Lourdes da Cunha. **Cultura Religiosa Protestante e Rendimento Escolar nas Camadas Populares:** um estudo sobre praticas socializadoras, 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, Claudio M. M., PEREIRA, Flávia Goulart. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por Pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 15-38, dez. 2010.

NOGUEIRA, Claudio M. M. **Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares:** o processo de escolha do curso superior, 2004. 185 f. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NOGUEIRA, M. A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**. [online], n. 07, p. 42-56, jan./abr. 1998. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n07/n07a04.pdf>. Acesso em: 23 set. 2011.

_____. A construção da excelência escolar – Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). **Família & escola:** Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice et al. A Construção da Longevidade e da Excelência Escolar em Famílias de Diferentes Meios Sociais: Processos e práticas de escolarização. **Relatório Final de Pesquisa do OSFE.** Belo Horizonte, 2006.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NUNES, Christiane Girard Ferreira. Trabalhando a auto-estima. Texto para o **II Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo para Igualdade de Gênero**, 2004, Brasília - DF. 16 p. Fonte: <http://cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1667: trabalhando-a-autoestima&catid=221:artigos-e-textos&Itemid=155>. Acesso em: 04 dez. 2011.

OLIVEIRA, Rogério de. **Pastoral da Juventude:** E a Igreja se fez jovem. São Paulo: Paulinas, 2002.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PERONDI, Maurício. **Jovens da Pastoral da Juventude estudantil:** Aprendizados na experiência, 2008. 164 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PRESTA, Sueli; ALMEIDA, Ana Maria F. Fronteiras imaginadas: Experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. **Educação e Sociedade** [online], vol. 29, n. 103, p. 401-424, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/06.pdf>. Acesso em: 23 set. 2011.

PIOTTO, Débora Cristina. **As exceções e suas regras:** estudantes das camadas populares em uma universidade pública, 2007. 361 f. Tese (Doutoramento em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PORTES, Écio. **Trajetórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares**, 1993. 248 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

_____. **Trajetórias escolares e vida acadêmica dos estudantes pobres da UFMG: um estudo a partir de cinco casos**, 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. O Negro e a Universidade Brasileira. ***História Actual Online***, n. 3, p. 73-82, Invierno, 2004. Disponível em: <http://www.dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=829437>. Acesso em: 17 dez. 2011.

SEIDL, Ernesto. Escolarização e recursos culturais na composição de carreiras militantes. **Cadernos CERU** [online], vol. 20, n. 1, p. 155-169, jun. 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ceru/v20n1/09.pdf>. Acesso em: 12 set. 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Brasília, v. 80, p. 451-471, set./dez. 1999. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/171/170>. Acesso em: 17 dez. 2011.

_____. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social,** São Paulo: FFLCH-USP, v. 17, n.2, p. 335-50, nov. 2005.

_____. As religiões como agentes de socialização. **Cadernos CERU,** São Paulo, série 2, v. 19, n.2, p. 15-25, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-451920080002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2010.

SILVA, Claudeci Barbosa. **Olhares juvenis**: estudo sobre sociabilidade e participação social dos jovens da pastoral Católica de Parobé, 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade vale dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

SILVA, Dercides Pires. **A Identidade da Renovação Carismática Católica**. Módulo Básico Apostila 1. Renovação Carismática Católica (Ministério de Formação). 9. ed. 90 p. Campinas, SP: Grafica e editora Tecla Tipo Ltda, [1990].

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena. **Apresentação de trabalhos acadêmicos:** normas e técnicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SIMEL, G. **Sociabilidade: um exemplo de Sociologia pura ou formal**. São Paulo: Ática: 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil de. **No tecer da vida, a juventude, no tecer da juventude a vida:** práticas educativas de jovens de Santo Antônio da patrulha em grupos de música e religião, 2003. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4000/000395869.pdf?sequence=1> . Acesso em: 15 jun. 2011

SOUZA, João Valdir de. **Introdução à Sociologia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Igreja, Escola e Comunidade**: Elementos para a História Cultural do Município de Turmalina. Montes Claros: Editora Unimontes, 2005.

SOUZA, João Vicente Silva. **Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul:** portas entreabertas, 2009. 200 f. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOUZA, Maria do Socorro Neri Medeiros de. **Do seringal à universidade**: o acesso das camadas populares ao ensino superior público no Acre, 2009. 207 f. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOUZA e SILVA, Jailson de. **"Por que uns e não outros?"** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7Letras , 2003.

TARÁBOLA, Felipe de Souza. **Quando o ornitorrinco vai à universidade: trajetórias de sucesso e longevidade escolar pouco prováveis na USP;** escolarização e formação de *habitus* de estudantes universitários das camadas populares, 2010. 409 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VARGAS, Hustana Maria. **Represando e distribuindo distinção:** a barragem do ensino superior, 2008. 230 f. Tese (Doutoramento em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VIANA, Maria José Braga. Novas abordagens da escolarização das camadas populares: uma revisão de estudos recentes acerca de trajetórias escolares de sucesso. **Vertentes,** São João del-Rei, n.7, p. 82-93, jan./jun. 1996.

VIANA, Maria José Braga. As práticas socializadoras familiares como *lócus* de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. **Educação & Sociedade,** Campinas, vol. 26, n.90, p. 107-125, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a05v2690.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2009.

_____. **Longevidade escolar em famílias populares:** Algumas condições de possibilidade. Goiânia: Ed. da UGC, 2007.

VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior percursos de estudantes universitários de camadas populares**. 28ª Reunião Anual da ANPEd, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em: 15 out. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

Trajetória escolar e de vida da família

Este questionário faz parte do trabalho da mestranda Anna Donato Gomes Teixeira intitulado *"GRUPOS RELIGIOSOS COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO: repercussões nas trajetórias escolares longevas nos meios populares"* desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, sob a orientação da professora Doutora Maria José Braga Viana. Trata-se de um levantamento sobre o perfil sócio-econômico e a inserção em grupos religiosos dos graduandos e de sua família matriculados na UNEB – Universidade do Estado da Bahia, no município de Guanambi-Bahia. Nenhuma informação será divulgada sem prévia autorização.

1) Qual o seu nome e idade?

_____

_____

2) Quais as escolas que frequentou na Educação Básica? Responda no quadro abaixo.

Níveis de Ensino	Idade	Nome da escola	Localização (Zona rural, zona urbana, em qual bairro)	Tipo de escola (pública ou particular)
Educação Infantil (Jardim, Alfabetização)				
Ensino Fundamental (1ª à 4ª série)				
Ensino Fundamental (5ª à 8ª série)				
Ensino Médio (1º ao 3º ano)				

3) Quantos vestibulares você fez para entrar na universidade? Em que ano? Sabe a sua classificação no último vestibular?

_____

_____

_____

4) Em que ano você ingressou na universidade? Qual o semestre que está cursando atualmente?

_____

5) Qual o curso de graduação em que está matriculado(a)? Em que turno?

_____

6) Qual a sua principal ocupação/profissão? Exerce há quanto tempo?

_____

7) Qual a escolaridade e a principal ocupação/profissão dos seus pais, irmãos e avós?

	Escolaridade	Ocupação/profissão	Idade
Pai			
Mãe			
Avô paterno			
Avó paterna			
Avô materno			
Avó materna			
Irmão 1 (F / M)			
Irmão 2 (F / M)			
Irmão 3 (F / M)			
Irmão 4 (F / M)			
Irmão 5 (F / M)			
Irmão 6 (F / M)			

8) Em que bairro você mora?
_____

9) Qual a quantidade de pessoas que mora com você? Qual o seu grau de parentesco com estas pessoas?
_____
_____

10) Qual é a renda mensal familiar (Somando a renda bruta de todas as pessoas do seu domicílio, incluindo você, qual é o total aproximado por mês)?
_____

11) Qual o seu estado civil?
_____

12) Se for casado(a), qual a principal profissão/ocupação do cônjuge?
_____

13) Possui filhos? Quantos? Qual o sexo e a idade de cada um?
_____
_____

14) Qual a religião de seus pais?
_____

15) Quais os grupos que participa na Igreja? Há quanto tempo?
_____
_____
_____

Muito obrigada pela sua colaboração!

Assinatura: _____ Telefone p/ contato: _____

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

TÍTULO DO ESTUDO:
GRUPOS RELIGIOSOS COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO: repercussões nas trajetórias escolares longevas nos meios populares

Aluna: Anna Donato Gomes Teixeira
Orientadora: Profa. Dra. Maria José Braga Viana

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM OS JOVENS PARTICIPANTES DOS GRUPOS RELIGIOSOS CATÓLICOS

Solicitar que o estudante relate sua experiência desde a entrada na escola até o ingresso na universidade e sua participação nos grupos religiosos. Aspectos a serem abordados caso não sejam mencionados nos relatos:

1. Trajetória escolar na Educação Básica:
   - Etapas da escolaridade e seus momentos decisivos.
   - Escolha da escola.
   - Desempenho na escola.
   - Disciplinas de maior/menor afinidade
   - Relação com amigos/colegas de escola.
   - Relação com professores.
   - Pessoas significativas na trajetória escolar.

2. Acesso à universidade:
   - Época em que decidiu fazer o curso superior.
   - Quem o influenciou nesta decisão.
   - Relação dos familiares com a universidade.
   - Cursinho preparatório.
   - Quantos vestibulares prestou até ser aprovado.
   - A que/quem atribui a sua aprovação no vestibular.
   - Fatores que influenciaram a escolha do curso.
   - Momento que recebeu a notícia da aprovação.
   - Significado do ingresso na universidade.

3. Participação em grupos religiosos
   - Origem
   - Práticas relevantes (missa, culto, grupos de oração, pastoral, outros)
   - Nível de participação/ função no grupo
   - Qualidade da participação (frequência, intensidade).
   - Presença de pessoas significativas nestes espaços.
   - Impacto da entrada no Ensino Superior e colegas de grupo
   - Relação das práticas religiosas com o curso superior.
   - Aprendizagens nos grupos que favoreceram o ingresso no Ensino Superior
   - Visão de mundo a partir da experiência nos grupos religiosos.

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO DESTINADO AO GRADUANDO

Universidade Federal de Minas Gerais

Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Faculdade de Educação

Título: *"GRUPOS RELIGIOSOS COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO: repercussões nas trajetórias escolares longevas nos meios populares"*.

Pesquisadora responsável: Profª Drª Maria José Braga Viana
e-mail: mj.braga@terra.com.br / fones: (31) 34095309
Pesquisadora Co-responsável: Anna Donato Gomes Teixeira
e-mail: nanagbi@yahoo.com.br / fones: (77) 91269801 / (31) 93132197

1. Esta seção fornece informações acerca do estudo em que você participará:

A. Você está sendo convidado(a) a participar em uma pesquisa que pretende investigar a constituição das trajetórias escolares de estudantes universitários de origem popular, visando compreender a influência da inserção em grupos religiosos na construção de percursos longevos. Os resultados deste estudo poderão contribuir para se compreender a construção de disposições para a escolarização a partir da socialização secundária.

B. Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis por meio dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409 4592 ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Cep: 31270 901.

C. Se você concordar em participar deste estudo, serão realizadas entrevistas gravadas em áudio. Estas serão conduzidas pela pesquisadora Anna Donato Gomes Teixeira e acontecerão no local que melhor lhe convier. O tempo estimado de duração das entrevistas é de 50 minutos. Caso seja necessário, outras entrevistas podem ser agendadas.

D. Além da entrevista, outra forma de participação poderá ser possível. Esta forma envolve a realização de observação nos espaços em que ocorrem as reuniões grupais.

2. Esta seção descreve os seus direitos como participante desta pesquisa:

A. Você pode fazer perguntas sobre a pesquisa a qualquer momento e tais questões serão respondidas.

B. A participação é confidencial. Apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso à sua identidade. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a identificação será revelada.

C. A sua participação é voluntária. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição.

D. Este estudo envolverá gravação de áudio. Apenas as pesquisadoras terão acesso a estes registros. Todas as gravações em áudio serão destruídas após o período de quatro anos.

E. Ao final, você receberá a transcrição de sua entrevista e poderá remover quaisquer partes.

F. Este estudo envolve riscos mínimos, ou seja, nenhum risco para a saúde mental ou física além daqueles que os estudantes encontram normalmente em seu dia-a-dia.

3. Esta seção indica que você está dando seu consentimento para que você participe da pesquisa:

Participante:

A pesquisadora Anna Donato Gomes Teixeira, aluna do curso de Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e sua orientadora, Professora Dra. Maria José Braga Viana (FaE- UFMG), solicitaram a minha participação neste estudo intitulado *"GRUPOS RELIGIOSOS COMO ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO: repercussões nas trajetórias escolares longevas nos meios populares"*.

Eu li e compreendi as informações fornecidas. Eu entendi e concordo com as condições do estudo como descritas. Eu entendo que receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

_____, _____de _____ de 2010.

Nome
legível:_____.

Assinatura:_____

E-mail / telefone para contato:
_____.

<u>Pesquisadoras</u>:

Eu garanto que este procedimento de consentimento foi seguido e que eu respondi quaisquer questões que o participante colocou da melhor maneira possível.

_____, _____de _____ de 2010.

_____	_____
Assinatura da Pesquisadora responsável Profª Drª Maria José Braga Viana FaE- UFMG	Assinatura da Pesquisadora co-responsável Anna Donato Gomes Teixeira Mestranda